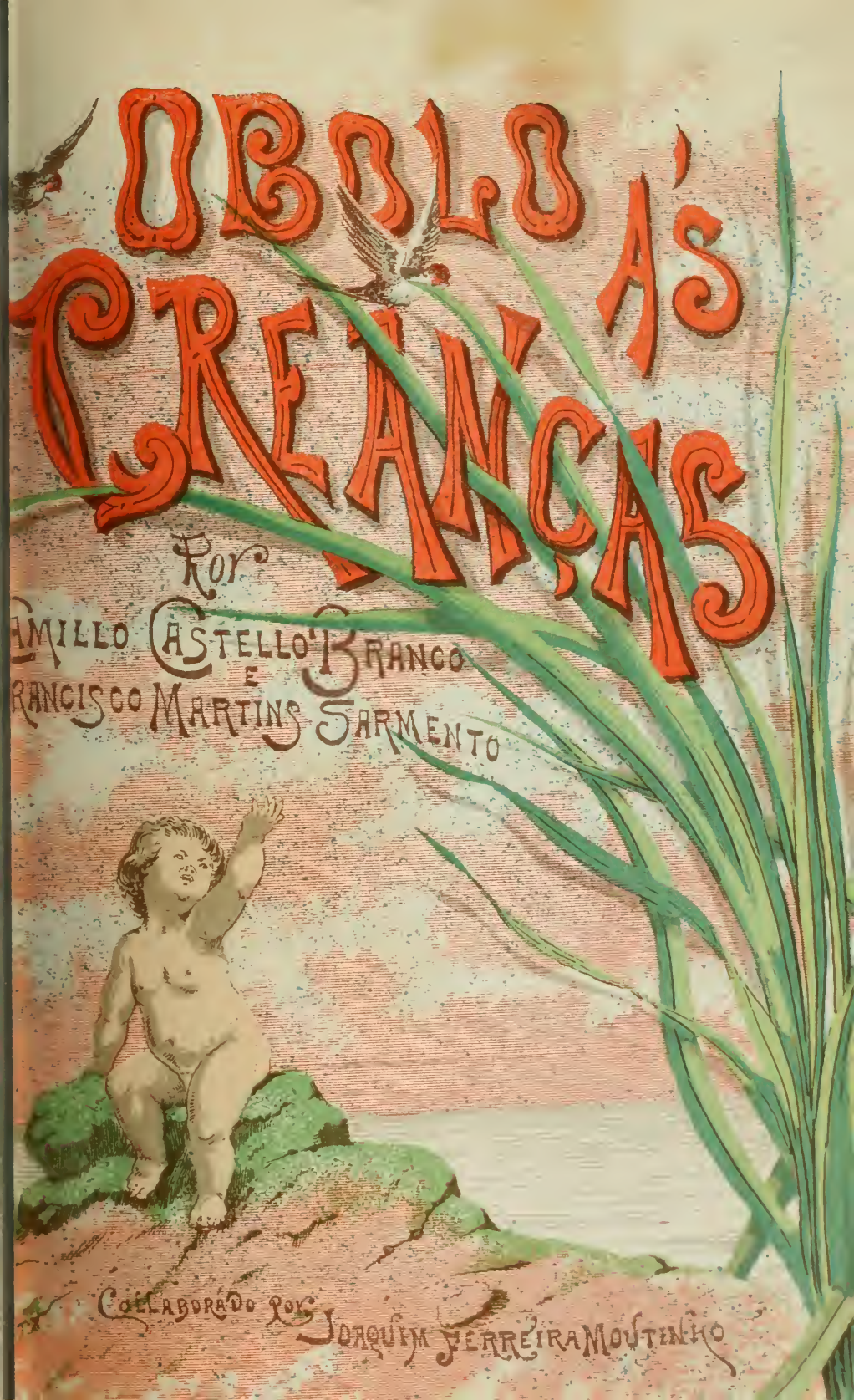
3 1761 07041566 6

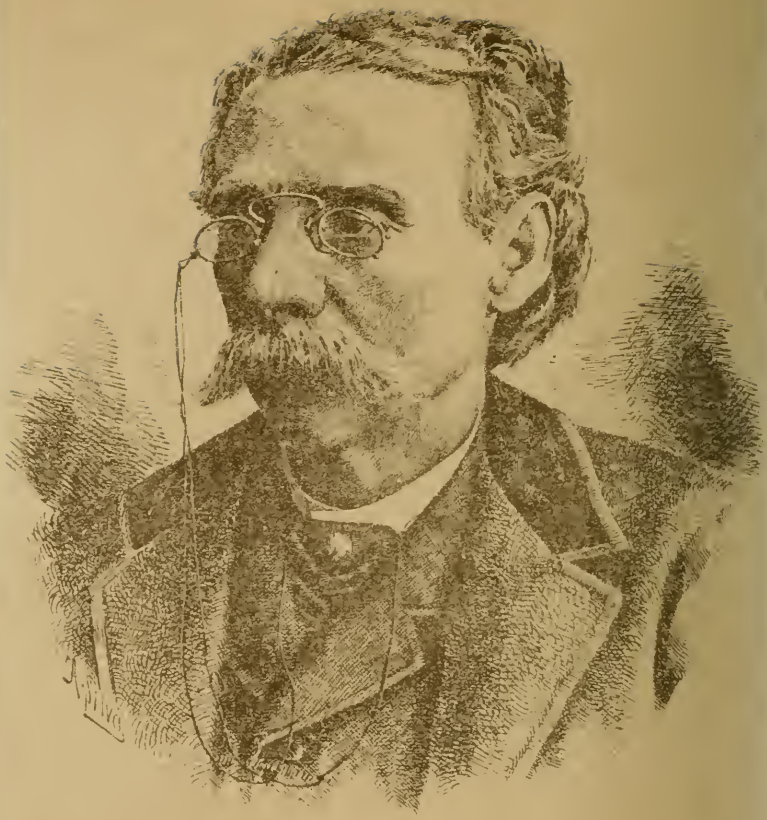
Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/oboloscreana00cast

OBULO ÁS CRIANÇAS


OBOLO'S
CRIANÇAS
POR
AMILLO CASTELLO BRANCO
E
FRANCISCO MARTINS SARMENTO
COLLABORADO POR
JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO

PQ
926
C3
O2



C. Castello Branco

Oh! donnez-moi pour que je donne!
J'ai des oiseaux nus dans mon nid.
Donnez, méchants, Dieux vous pardonne:
Donnez, ô bons, Dieu vous bénit!

Le soir, au seuil de sa demeure,
Heureux celui qui sait encor
Ramasser un enfant qui pleure,
Comme un avare un sequin d'or!

Le vrai trésor rempli de charmes,
C'est un groupe pour vous priant
D'enfants qu'on a trouvés en larmes
Et qu'on a laissés souriant.

VICTOR HUGO.

Commissão editora

—

Adolpho Teixeira Pinto Bastos.
Alberto de Carvalho.
Alexandre Carneiro de Vasconcellos.
Alexandre de Castro Pereira.
Alexandre José Vieira Brandão.
Alexandre Peres.
Anthero Ferreira de Araujo e Silva.
Antonio Ferreira Moutinho.
Antonio Julio Machado.
Antonio Monteiro Rebello da Silva.
Antonio de Queiroz Montenegro.
Arnaldo Anselmo Ferreira Braga.
Arnaldo de Campos Navarro.
Arnaldo José de Castilho.
Candido Augusto Pires de Aguiar.
Carlos José Alves.
Carlos José da Silva.
Carlos Lopes.
Constantino Nunes de Sá.
Delfim de Lima.
Duarte Lopes da Silva.
Edmond Plantier.
Eduardo da Costa Correia Leite.
Eduardo Pereira de Paiva e Pona.
Fabrica de Papel da Abelheira.
Francisco José de Macedo.
Fulgencio José Pereira.

Henrique Carlos de Meirelles Kendall.
Ignacio de Miranda Vasconcellos.
João Evangelista da Silva Mattos.
João Gonçalves Pereira Bastos.
Joaquim Domingos Ferreira Cardoso.
Joaquim Ferreira Cardoso.
Joaquim Ferreira Moutinho.
Joaquim Ventura da Silva Pinto.
José Antonio Barbosa.
José Carlos Marinho.
José Cesar de Araujo Rangel.
José Domingos Ferreira Cardoso.
José Joaquim Guimarães Pestana da Silva.
José Luciano Alves Quintella.
José Maria Ferreira.
José Nogueira Pinto.
José Pereira da Costa Junior.
José Teixeira da Silva Braga Junior.
Miguel de Sousa Guedes.
Paulo Marcellino Dias de Freitas.
Visconde de Alves Machado.
Visconde de Barreiros.
Visconde de S. Miguel de Seide.

O producto d'este livro é generosamente offerecido pelos seus illustres auctores ao Real Hospital de Crianças Maria Pia e á Créche de S. Vicente de Paulo para fundo da sua escola.

A Commissão editora, tomando a liberdade de offerecer a V. Ex.ª um exemplar d'esta obra, péde e roga ao mesmo tempo se digne V. Ex.ª coadjuvar tam humanitario pensamento, concorrendo para elle com o precioso fructo da sua provada philantropia.

A mesma Commissão espéra mais da alta beneficencia de V. Ex.ª haja por bem mandar entregar o óbolo da sua caridade ao Ex.mo Sr. Carlos José da Silva, digno thezoureiro da Commissão.

E permitta V. Ex.ª que a Commissão, desde já profundamente penhorada pela benevola acquiescencia que espéra de V. Ex.ª, consigne aqui tambem o seu indelevel reconhecimento e eterna gratidão.

A Commissão editora.

EXEMPLARES NUMERADOS

N.º 1—A Sua Magestade Elrey o Senhor D Luiz I.

N.º 2—A Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia.

N.º 3—A Sua Magestade o Imperador do Brazil, o Senhor D. Pedro II.

N.º 4—A Sua Magestade a Imperatriz do Brazil, a Senhora D. Thereza Maria Christina.

N.º 5—A Sua Alteza o Principe Real, o Senhor D. Carlos, Duque de Bragança.

N.º 6—A Sua Alteza a Princeza Real, a Senhora D. Amelia.

N.º 7—A Sua Alteza Real D. Luiz Filippe, Principe da Beira.

N.º 8—A Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso.

N.º 9—A Sua Alteza o Senhor Infante D. Augusto.

N.º 10—Ao Ex.mo Sr. Conde de S. Salvador de Mattosinhos.

N.º 11—Ao Ex.mo Sr. Visconde de Correia Botelho.

N.º 12—Ao Ex.mo Sr. Francisco Martins Sarmento.

N.º 13—Ao Ex.mo Sr. Conselheiro Thomaz Ribeiro.

N.º 14 — Ao Ex.mo Sr. Ignacio de Vilhena Barboza.
N.º 15 — A Sua Eminencia o Cardeal D. Americo.
N.º 16 — Á Camara Municipal do Porto.
N.º 17 — Á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.
N.º 18 — Á Bibliotheca Nacional de Lisboa.
N.º 19 — Á Bibliotheca Publica do Porto.
N.º 20 — Á Academia Real das Sciencias de Lisboa.
N.º 21 — Ao Instituto Historico e Geographico do Brazil.
N.º 22 — Á Bibliotheca da Universidade de Coimbra.
N.º 23 — Ao Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro.
N.º 24 — Á Sociedade Portugueza de Beneficencia, no Rio de Janeiro.
N.º 25 — Ao Gabinete Portuguez de Leitura, na Bahia.
N.º 26 — Ao Gabinete Portuguez de Leitura, em Pernambuco.
N.º 27 — Ao Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio Grande.
N.º 28 — Á Associação Commercial do Porto.
N.º 29 — Á Academia Polytechnica do Porto.
N.º 30 — Ao Atheneu Commercial do Porto.
N.º 31 — Á Santa Casa da Misericordia, no Porto.
N.º 32 — Á Sociedade de Geographia, no Porto.
N.º 33 — Á Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro.
N.º 34 — Ao Ex.mo Sr. Antonio José da Silva Teixeira.
N.º 35 — Ao Ex.mo Sr. Alexandre da Fonseca Vasconcellos.
N.º 36 — Ao Ex.mo Sr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento.
N.º 37 — Aos Ex.mos Sr.s Arthur José de Souza & Irmão.
N.º 38 — Ao Ex.mo Sr. Avelino Antonio Mendes Cerdeira.
N.º 39 — Ao «Commercio do Porto».
N.º 40 — Ao Ex.mo Sr. João Eduardo Alves.
N.º 41 — Ao Ex.mo Sr. José Lourenço Mathias.

N.º 42 — Ao Ex.mo Sr. José da Silva Mendonça.
N.º 43 — Ao Ex.mo Sr. Joaquim da Costa Carregal.
N.º 44 — Aos Ex.mos Sr.s Morgado & Teixeira.
N.º 45 — Aos Ex.mos Sr.s Reis & Monteiro.
N.º 46 — Aos Ex.mos Sr.s Santos & Lemos.
N.º 47 — Ao Ex.mo Sr. José d'Almeida e Silva.
N.º 48 — Aos Ex.mos Sr.s Carneiro de Mello & Irmão.
N.º 49 — Aos Ex.mos Sr.s Sebastião Sanhudo & Irmão.
N.º 50 — Aos Ex.mos Sr.s Lopes & C.ª
N.os 50 a 100 — Aos membros da commissão editora.

TIRAGEM GERAL 5:000 EXEMPLARES

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
Rua do Bomjardim, 181
—
1887

BENEMERENCIA

O Ex.mo Snr. Conde de S. Salvador de Mattosinhos dignou-se aceitar 500 exemplares d'este livro, para promover a sua distribuição no Rio de Janeiro entre o extenso grupo dos seus distinctos e dedicados amigos.

A publicação d'este livro foi efficaz e gratuitamente auxiliada pela brilhante cooperação das seguintes entidades e estabelecimentos artisticos:

Typographia de Antonio José da Silva Teixeira.
» Occidental, de Joaquim da Costa Carregal.
» de José da Silva Mendonça.
» de Arthur José de Souza & Irmão.
» Central, de Avelino Antonio Mendes Cerdeira.
» Lusitana, de Reis & Monteiro.
» de Alexandre da Fonseca Vasconcellos.
» do Commercio do Porto.
» Elzeviriana, de João Eduardo Alves.
Imprensa Civilisação, de Santos & Lemos.
» Portugueza, de Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento.
» Moderna, de Morgado & Teixeira.
» Commercial, de José Lourenço Mathias.

Lithographia Portugueza, de Sebastião Sanhudo & Irmão.
Desenhista José d'Almeida e Silva.
Lithographia Peninsular, de Carneiro de Mello & Irmão.

Encadernadores Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª

SATISFAÇÃO DE UM DEVER

Pede-se aqui, e muito encarecidamente e por esmola, luz e conforto para crianças infortunadas, lembrando-se o apophthegma de Bossuet — DE TODOS OS NOSSOS THESOUROS, SÓ LEVAREMOS PARA O OUTRO MUNDO A PARTE QUE N'ESTE TIVERMOS DADO.

Recolher crianças abandonadas, estas flôres graciosissimas da eterna primavera humana; supprir o amor das mães, extincto no coração d'ellas ou apagado pela morte; ter, tratar, educar um viveiro de almas, dirigindo-as e fortalecendo-as para as provas da liberdade e para os combates da vida, provas que são tão incertas e combates que são tão duros; arrancar á miseria, perigos e sina tantos pequeninos sêres; tirar do frio, da fome, das trevas interiores, do engano inevitavel, da traição certissima, estas creaturinhas, tão sympathicas pelo seu sexo e tão boas na sua idade; diminuir de algumas paginas a estatistica do crime, e acrescentar um grande capitulo ao immenso livro do Bem... que bello e digno exemplo! que sympathica e generosa acção!

Dr. Antonio Candido.

Tudo, senhores, perece — grandezas, honras, poder e forças, mas a semente da Caridade jámais cáe em terra esteril; tem por cultivador Aquelle que não morre; e as plantas que d'ella brotam jámais o tempo as murcha, porque florescem na eternidade.

Mousinho d'Albuquerque.

EM VEZ DE PROLOGO

Um prologo não faço — que não tenho
Um modelo a seguir — falta-me o engenho.

F. X. de Novaes.

Todos os defeitos do homem são relevaveis, excepto a falta de caridade e a ingratidão.

O leitor, ou ainda o simples manuseador d'este precioso livro, respeitabilissimo em toda a sua essencia, — tirante este mal cabido e inesperado enxerto — fica decerto estupefacto, assombrado até, quando, ao voltar a primeira pagina, se lhe deparar um nome que nada é e nada vale, causando todavia espanto pela impropriedade do logar.

Creio piamente que ninguem sonharia encontrar-me n'esta preeminencia, ao par, — mas á sombra protectora — de Camillo Castello Branco e de Francisco Martins de Moraes Sarmento.

Um pygmeu entre dois gigantes! Um cego entre dois videntes! Mas cego de espirito e não de corpo, como Milton e Castilho, que deslumbraram o mundo com os feixes luminosos da sua sabedoria.

Tinha decerto razão o perspicaz auctor dos SUSPIROS POETICOS, ao burilar a sua pungentissima apostrophe — *tudo está profanado!* — e não menos a teve tambem Alphonse Karr, attribuindo as falsificações da época ao vertiginoso caminhar do progresso.

Ai! O progresso!...

Tem feito coisas do arco da velha este decrepito menino, andejo e audaz, travêsso e despejado, — um traquinas maior da marca! Com tudo elle contende; de tudo elle dá fé; mexe e remexe, vira e revira, controverte e perverte, compõe e transtorna, altera e corrompe...

Cruzes, canhôto, e figas para elle, que traz tudo em bolandas! Tudo põe de torto em través, de tudo elle faz *pétéca*...

Assentou de ser criança por toda a eternidade, o senilissimo fedelho, pondo o mundo ás avessas!

E que *anda ás avessas o mundo* já eu o sabia em criança, ha bom meio seculo, e ainda nol-o affirmou depois o nosso saudoso Faustino [1]:

---

[1] A trova popular dizia assim:

Oh! mundo, já foste mundo,
Agora já o não és!
Oh! mundo, que andas virado
Com a cabeça p'ra os pés!

Na terra o sol esfossando,
Vai comendo e vai roncando,
Co'o seu rabinho altaneiro:
E o porco, lá no horisonte,
Ostentando altiva fronte,
Illumina o mundo inteiro.

Se Faustino não morre, — e pena foi que morresse! — apesar de amigo velho e querido, lá ia eu por certo, á conta d'este successo, fulgurar no firmamento das melancias [1], onde

Nos melanciaes virentes,
Das estrellas refulgentes
Se divisa a verde casca,
. . . . . .

[1] A ultima prova que tive da estima d'este desditoso amigo, victima do proprio coração, é a seguinte poesia, que estimo immensamente:

Almoçavamos juntos no Rio de Janeiro, em casa de Joaquim Augusto da Cunha Porto, outro poeta infeliz, em dia que eu tinha de embarcar-me para Montevideu, quando, casualmente, alli me levaram um album, — illusões da mocidade. Faustino abriu-o, pediu tinteiro e penna, e, mastigando qualquer dos acepipes do almoço de despedida, sem visos de reflexão e sem hesitamentos, escreveu:

N'este rapido momento,
Quando te vaes ausentar,
Não posso meu sentimento
N'estas paginas pintar;
Mais tarde, quando a saudade
Que hoje deixas, terminar,
N'este templo de amizade
Eu virei de novo entrar.

E não entrou, porque morreu...

... Foi buscar na sepultura
Outra terra melhor, por ser mais pura.

emquanto,

. . . . . .
Pelas montas escondido
O caçador, perseguido,
Se vai d'hervas sustentando;
. . . . . .
E a saborosa lampreia
O seu amor patenteia
Miando sobre o telhado.

Admittindo porém todas as conjecturas, todas as hypotheses, protestos, reclamos e reparos a que o caso se presta, peço licença para uma declaração solemne:

Não estou aqui por vontade propria, nem levado da mania de traçar garatujas insipidas e inuteis, sestro que me adveio de ter saboreado a dulcissima agua dos jacarés que ornamentam a cascata do Passeio Publico do Rio de Janeiro, fonte inspiradora, rival d'Aonia, d'Aganippe e de Hyppocrene na Beocia, de Arethusa na Sicilia, e de Biblis na Mesopotamia:

Amphibios jacarés de agudo dente
Darão, que o Pindo, mais feliz enchente:
Suas aguas darão em poucos annos
Homeros novos, novos Mantuanos [1].

O que ellas deram, aqui para nós e ao que se vê, foi prosa muito chilra e muito charra, e poesia muito dessorada; pois não acham?

O que eu já de ha muito achei foi a certeza de que sou refractario aos encantos das musas.

---

[1] Poesia recitada pelo dr. Bartholomeu Antonio Cordovil, quando, pela primeira vez, alli correu a preciosa lympha.

Disseram-me uns alfarrabios pulverulentos que as aguas da *Carioca* faziam *mimosos carões;* mas eu, por mais que d'ellas bebesse e n'ellas me embebecesse, por mais que n'ellas me remirasse e mergulhasse, além do seu bom gosto e agradavel frescura só percebi que me retratavam com cara contorcida e aleijada, ora chata ora comprida, espapaçada sempre, sempre esparramada, verde ou azul, purpurina ou prateada, amarella até, um iris por vezes, á mercê do fagueiro sôpro das brizas e dos phenomenos do céo que n'ellas se refrange e espelha com delicado primôr: e é certo que tendo ido para lá criança de cutis lisa e carminada, vim de lá lixoso e escalavrado, feio, velho afinal.

De volta á patria, corro pressuroso e palpitante, muito em segredo, pela calada da noite, a beijar reverente a *Lapa dos Poetas* nas margens do Mondego, e nada... cada vez mais bronco, mais rude, mais casmurro!

Ah que se as aguas e as auras valessem, ás aguas que tenho bebido e ás auras que tenho aspirado, eu seria um litterato irrivalisavel! Eu era hoje um Camillo, dando ás letras, ainda por desfastio, nervo e lustre como elle dá, cingindo a graciosa divisa do travêsso menino: — *Sou util inda brincando* [1].

---

[1] No aprazivel e soberbo terraço do Passeio Publico do Rio de Janeiro, d'onde se goza um dos mais grandiosos e surprehendentes espectaculos da natureza, por detraz do citado outeiro dos jacarés, está collocado um menino em acção de voar, cingido por uma fita, onde se lê: *Sou util inda*

O leitor vai defrontar-se com o egresso Bernardo de Brito Junior. Veja que de surprezas lhe prepara este livro! Um frei Bernardo na cidade do Porto, no anno da graça de 1887!

O egresso Junior é filho do egresso Senior — o velho chronista de Cister, estupendo excavador de maravalhas pasmosas.

Por artes não sei de quê ou de quem — visto ser a prole defêsa a monges — conseguiu o Senior transfundir no Junior sciencia que farte, e tanta que deu para encher a nora sem fundo d'onde o potentissimo engenho de Camillo Castello Branco, applicando-lhe as valvulas do seu enorme talento, extrae copiosos caudaes de graça, um mar de seducções, — para em dulcissimos enlevos, coriscando alegrias, levar os seus leitores a derramar luz e conforto na escóla da Creche e nos leitos do Hospital de crianças!

E tudo isto por mero passatempo, por mera brincadeira, reparem bem.

---

brincando. Segura na mão um kágado de cuja boca sae um jorro d'agua limpida e saborosa.

Na sua primitiva o menino era de finissimo marmore e preciosa esculptura. Já lá vai mais de um seculo que o chorado vice-rei Luiz de Vasconcellos, modêlo de boa administração, fundou e levantou aquelle delicioso Passeio, eviterno monumento do seu paternal amor e da sua muita illustração.

Um bello dia fizeram mão baixa no menino, que foi substituido por outro de chumbo (economias!) e pintalgado a capricho.

Quando uma vez o menino appareceu pintado de verde-amarello, o povo rosnou logo que a camara municipal lhe tinha pegado ictericia...

Lições da ignorancia aos mestres!

Camillo Castello Branco brincando!

Abendiçoados folguedos que convertem prantos em risos, que mitigam dôres e anodynam tormentos — esparzindo flôres e consolações nas intumescencias da vida, e quebrando agudezas e asperezas aos pareeis da morte.

Santas folganças, santos gracejos que semeiam idyllios e elegias, divinas estrophes nas charnecas da ignorancia, estancias de aromas nos amadígos da dôr — transformando espinhos em flôres, agruras em delicias, tristuras em sorrisos e alegrias!

Santos divertimentos, santos brinquedos que suavisam e calmam afflicções e ancias e angustias e mágoas e martyrios e mortificações...

Brinque pois o illustre titular e primacial artista; continue a rir e a folgar casando perfumes de açucenas com blandicias de zephyros; brinque e brinque muito, que as suas folias brilham no campo do infortunio como brilha no coração o amor que não deixa cinzas; brinque, brinque sempre, que o seu brincar é dôce como favo de mel do Hymetto, suave, terno e meigo como prece de virgem evolando-se para o céo em espiraes de melodia.

Revertendo, porém, ao ponto.

Embora contra todas as regras da hermeneutica, e apesar de todos os pezares, acho-me aqui por ordem superior, obedecendo a um mandato.

Absolvam-me pois.

Não valeram nem rogos nem ponderosas considerações; não valeram as mais justificadas desculpas para

me isentar de subir a estas culminações escorregadias e compromettedoras.

O snr. Camillo Castello Branco, — um livro ainda fechado para muita gente — do alto da sua magnanimidade, assentou de distinguir-me até este ponto. Offerece-me este livro para com o seu producto valer á desgraça, e manda, ordena, exige que seja eu o auctor do seu prefacio.

— Mas attenda, snr. visconde, repare bem que n'um livro de v. exc.ª um escripto meu vai empanar-lhe o brilho; cheira a caricatura; contrasta como urze bravia ao pé de magestoso magnolio cultivado em delicioso jardim...

— Escreva o prefacio!

— Sabe v. exc.ª que acaba de chegar ao Porto uma horda de bohemios exhibindo um urso? Não será isto um *simile?*

— Escreva o prefacio!

— Mas, snr. visconde, o livro de v. exc.ª, vivificantissimo arroio a deslisar-se em resequido vergel, póde ser um missal mas nunca uma missa, e a marqueza d'Alorna, snr. visconde, não admittia prefacios senão no incruento sacrificio.

— Escreva então um prologo!

Persistia inabalavel, inflexivel, a assentada resolução: — eu havia de correr o reposteiro a todos os peregrinos d'este santuario de amor e de caridade. Appellei para Martins Sarmento, julgando encontral-o mais humanoso e compassivo.

A mesma attitude, a mesma severidade...

(TEXTUAL):

«Quanto ao pedido que v. me faz sou incompetente para me encarregar d'elle; porque, se fosse negocio de votação, eu votava por que fosse v. o prefaciador d'um livro offerecido á Creche.»

São expressivas estas palavras.

Não se trata aqui d'uma peça litteraria: — procurou-se simplesmente a cooperação de um homem que receba e entregue fielmente á Creche e ao Hospital os fructos d'uma esmola singular.

— E esse homem deve quedar-se mudo?

— Não; exore.

— Mas como?

— Devaneie *ad libitum*. A caridade é cosmopolita — é de todo o mundo, é universal; n'ella inspirado, falle todas as linguagens, fira todos os assumptos, seja massador até, — que é meio quasi infallivel de obter esmola. A caridade, paladino de todos os tempos, traz á memoria todas as épocas, a vastidão de todos os mares, a amplitude de todos os céos, a verdura de todos os prados, o florido de todos os jardins e a alteza de todas as serranias. É o mais seguro dos baixeis para atravessar procellas da vida. Desça aos mysterios do tumulo, á virgindade dos berços, aos encantos da mocidade, ás venerações da velhice, ao ultimo grabato, ao mais humilde dos tugurios do infimo dos christãos; solte as velas aos sopros d'Eolo nos remançosos ocea-

nos da beneficencia; navegue escoteiro pelas correntes da religião: alente, anime, deifique o trabalho...

— Obedeço, obedeço. Obedecer tambem é virtude.

Seja como querem.

A honra é de quem a dá.

*

* *

Eis-me firme no meu posto qual sentinella de Pompeia, sem desvanecimentos nem pretenções, com o melhor do meu sentir a estuar-me gratidão dentro do peito. Impassivel aos tiros de quanta metralha chova sobre mim a critica mordaz e impiedosa, levo unicamente em mira augmentar o thesouro das criancinhas, impetrando para ellas uma esmola pelo amor de Deus!

Não se arreceiem os homens de letras que eu ouse por este motivo, aliás excepcional, arrogar-me fóros de camaradagem; não, senhores. Eu sei a historia do Pégaso e conheço-me perfeitamente.

Ainda mesmo guindado, alçapremado por mão herculea e gigantea ao portico d'este templo augusto, nem assim me deixo deslumbrar pelos luzimentos do Olympo, nem pelos sorrisos de Minerva. Esta, apesar de ter produzido a oliveira, — symbolo da paz — vive sempre armada em guerra; e n'aquelle impera Jupiter que, sendo o pai da deusa da sabedoria, ensinou os homens a alimentar-se de bolotas.

Fico-me pois acostado a estes penetraes, com a alma sempre de joelhos, apontando com o dedo as reliquias do sacrario aos romeiros da fé. E despeno-os do sermão da entrada, que podia entibiar-lhes a devoção.

Chacun à sa place.

Nem tudo é para todos, nem todos são para tudo; convençam-se d'isto.

A palavra, dom celeste, excelsa rainha das artes, magico verbo emanado da essencia divina, sonora expressão e meio harmonico de transmittir a ideia e o pensamento, não é faculdade que ande por ahi á tuna e ao desbarate, ao talante e á mercê de qualquer belfurinheiro das letras.

O orador, assim como o escriptor, guiam-se, educam-se, como se guiam e educam a plantula e a larva, gastando e consumindo o melhor da sua vida a aperfeiçoar e aprimorar o talento e a intelligencia — a vocação e o espirito; e, não obstante, quantos d'elles por ahi se ficam letra morta no vasto campo da litteratura, synthetisando arvores rachiticas e enfezadas nos páramos do Bello!

E Deus nos livrára que assim não succedesse. Se todos vingassemos ser oradores e escriptores consummados, matariamos a mais excellente e elevada de todas as sublimidades e o mundo seria então uma calamidade, apesar dos seus lampejos e harmonias. Sim; porque, se o orador inventa e architecta, se imprime e grava, e esculpe e cinzela, e paneja e matiza, e levanta e construe, e instrue e edifica; se elle move e remove, se pinta e repinta, e phantasia e extasia, e fascina e encanta e ar-

rebata; se o orador funde, consolida e corporifica a ideia; se elle traça e demarca e assignala o pensamento que é o rei do mundo, — o mobil do mundo — constituindo-se rei e senhor do universo; se elle debuxa e desenha a Natureza; se elle recopila e compendia todos os phenomenos do cosmos, alando-se aos reconditos do céo, diaphano como o ether, attrahente como o iman, calando e penetrando até á medulla dos ossos como os gelos dos montes alpinos; incendiando, abrazando e calcinando como lavas de cratera; se elle fulmina como a faisca electrica e cria como o sol e moralisa como o Evangelho, o orador então assume proporções maravilhosas, estupendamente maravilhosas; importa um semi-deus, capaz, elle só, de revolucionar o orbe e de produzir outro orbe.

E d'esta fórma é epidictico, é mesmo apodictico que se todos fôramos oradores, ou inventáramos modos de viver da eloquencia, ou morreriamos á fome com falta de mundo — de vazio no espaço para as obras do nosso engenho.

Um bom orador é um prodigio. Um mundo de oradores seria um inferno — um pandemonium.

Não conspurquemos pois os arcanos do Supremo Factor; restrinjamo-nos aos moldes que nos foram talhados e acatemos o decreto que tanto tem de sabio como de mirifico: cumpra cada um a sua missão.

É muito para lamentar que grande numero de *portadores de cartas* se esqueçam d'esta lei, descurando a honra dos seus pergaminhos, para virem roçar-se pelas *escurentezas e vulgaridades* do commercio, trans-

parentando inglorias de mestres, para não dizer imperícias de discipulos.

Em que peze a bachareis, o commercio tem segredos como todas as sciencias e depende de aptidões muito especiaes que perlustrem convenientemente por toda a extensissima área da sua labutação.

Como principal alavanca da engrenagem social, o commercio, confiado a mãos inexperientes, importa por vezes desastres calamitosos.

O que por ahi vai assusta e desanima; faz tremer muito pelo futuro da republica.

Presinto imminente uma crise medonha!... Consequencia infallivel das imprudencias e dos desatinos, das ambições desmedidas e do egoismo abjecto, da inobservancia emfim dos principios da consciencia e da razão que a todos devem guiar n'este dedalo de miserias.

Ainda bem que lhe não corro a responsabilidade, embora tenha, desgraçadamente, de lhe soffrer as consequencias.

Perdôem o incidente devido ao zelo de classe, que fica bem a todos, guardados os mutuos respeitos.

Eu estou bem na minha obscurissima humildade de negociante aposentado, completamente despido de ambições pessoaes, depois de ter voluntaria e convictamente renunciado os fallazes ouropeis sociaes que tanto fascinam os incautos, resolvido firmemente a não querer ser coisa alguma n'este mundo.

Chamam-me utopista.

Lá se avenham.

Nasci Joaquim e Joaquim hei de morrer, creiam-me.

Não é orgulho, é consciencia; é acatamento pelas instituições que todos devemos respeitar.

Tenho amor a esta mediocridade, a esta pequenez, lamentando só que tanta injustiça me haja sido feita, apesar da minha boa vontade de acertar e ser util, oppondo-me sempre franca e lealmente a tudo quanto repugna ao meu fôro intimo.

Não me dedignaria, e pelo contrario honrára-me muito e muito em ser litterato, se para isso tivesse cabedaes. Não o sou, porém, e nem o posso ser por falta de alicerces. A minha academia foi o mundo — ainda hoje o é! Por escóla tive o balcão, por bibliotheca os livros commerciaes, por letras as cifras e por brazão... o trabalho.

E assim alcancei o meu posto no gremio dos inuteis e dos invalidos.

Para não ficar de todo analphabeto roubei, confesso-o, — e quantas vezes! — repouso ao corpo, cançado de afanosas lidas, folheando alguns livros de bons auctores...

Devo a fortuna de os ter conseguido a essa creação maravilhosa, filha do mais entranhado e acrisolado amor da patria, porventura o maior monumento que portuguezes tenham erigido — o Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, aurea ponte lançada entre dois hemispherios irmãos, unindo, entrelaçando o Tejo com a Guanabára, o Douro com o Amazonas, o Mondego com o Paranahyba, o Guadiana com o S. Francisco, onde estrepíta e cachôa a famosa catadupa Paulo Affonso: — uma maravilha!

Portugal deve immensamente áquelle foco de luz, áquelle colosso de dedicação e de amor, — deve-lhe os seus maiores brilhantismos n'este seculo.

Não reconhecel-o, é ingratidão.

Negal-o, é vileza.

O Gabinete Portuguez de Leitura tem transmutado muito ouropel e pechisbeque em ouro de subido quilate: tem convertido muito impio; illuminado muito cego; abrandado muito odio; apagado muito rancôr: tem adoçado muitas amarguras; evitado muitas desgraças; amparado muitos infortunios; prevenido muitas deshonras; mitigado muitas dôres; poupado muita vida: tem saciado muitas fomes, estancado muitas lagrimas, curado muitas chagas; corrigido muito erro; extinguido muita miseria: tem consolado muitas afflicções; atalhado muitos crimes; obviado muitas vergonhas repondo na cabeça dos transviados a florente corôa da dignidade, fazendo nascer as perolas da virtude nas rochas do coração, e repontar o sol da verdade nas escuridões de muitas intelligencias; calando, abafando os rugidos aos despeitos, os bramidos ás tempestades, os estrondeamentos aos cataclysmos.

E quanto agora me fôra grato espraiar a alma pelas fulgidas e formosas paginas da historia do Gabinete Portuguez de Leitura! Mas não me chegaria todo o livro para a interminalidade das suas benemerencias...

Santa Maria da Victoria, o mais glorioso marco do animo portuguez, monumento que ha cinco seculos perdura na sua nobre e elegantissima fórma o alto e preclaro feito de Aljubarrota; Santa Maria da Victoria,

typo fidelissimo da mais imbricada e da mais severa das architecturas, piedoso voto d'um monarcha illustre ao sentir abalar-se-lhe sob os pés a integridade da terra que lhe foi berço e vacillar-lhe na cabeça a corôa que o povo confiára ao seu valor e á sua pericia, sagrados penhores que elle defendia e honrava com singular stoicismo; Santa Maria da Victoria, soberba floresta de magnificencias do genio, preciosissimo cofre das mais adoraveis reliquias da arte, não tem em seus fastos aureola de luz tão refulgente como é a do Gabinete Portuguez de Leitura, que além de ser tambem hoje um poema de marmore disputando primazias de luxo aos primeiros monumentos do seculo, é sobretudo uma epopeia candidissima a rebrilhar no céo amantissimo da confraternidade e da dedicação social — uma epopeia de luz!

Que monumento ha ahi comparavel ao Gabinete Portuguez de Leitura?

O convento de Christo em Thomar, com os seus recamos de moldurados botaréos, esbeltas pyramides, magnificas estatuas, profusa ornamentação de grinaldas e festões, de folhas e fructos de caprichoso e delicado lavor, formando florida base á cruz do Nazareno que encima o notavel cenobio; o convento de Christo em Thomar, memoria indelevel do infante D. Henrique que alli viveu e planeou as suas proezas e descobrimentos e como assim padrão de muita gloria, tendo larga esphera de titulos honrosissimos de que ufanar-se, não compete, ainda assim, em extensão de honras e beneficios com o Gabinete Portuguez de Leitura

do Rio de Janeiro, fóco da mais entranhada beneficencia de que ha memoria no mundo.

Santa Maria de Alcobaça, outro voto de monarcha, e este ousado e sublime, ao fundar o reino christão em terras de Moirama, ao sacudir do conquistado torrão os inimigos da crença e da fé; marmorea chronica de honrosos feitos e de lidimos commettimentos nas armas e nas letras; pagina de muito lustre nas artes e nas sciencias; potestade de outr'ora, quando a aspiração social se limitava ás estreitezas das cellas e á enervação da tibieza, á vida dos psalmos, dos jejuns e dos cilicios, é hoje apenas um silencioso mausoléo que perpetúa a melancolica e sombria lenda dos infortunados amores de Pedro e Ignez, lição pungente a sonhadores de terrenas vaidades que se escôam na mudez da campa, onde nem as cinzas descanço encontram!... E o Gabinete Portuguez de Leitura evoca á vida os proprios mortos de tres seculos, reveste-os de intensa luz, sagra-os no maior e no mais festivo jubileu, — uma Iliada de triumphos, uma Odyssêa de glorias [1]!

Santa Cruz de Coimbra, com o seu graciosissimo pulpito, os seus tumulos reaes e o seu imponente santuario, repositorio de valiosas reliquias que de Flandres se vieram alli acolher para escapar á sanha dos

---

[1] Camões deve ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro a sua consagração de 1880. A ideia da commemoração do tricentenario nasceu alli em 1878.

heresiarchas; Santa Cruz de Coimbra, ainda mesmo no fastigio de sua passada grandeza, que não hoje, quando apenas representa um mudo padrão de cenobitico poderío, nunca ousaria competir em fama e proveito com aquelle emporio de beneficios, nucleo da laboração que desenvolve o progresso, ahi traduzido em tantissimos elementos de vida e de animação.

Mafra, a mais agigantada das inutilidades portuguezas, é por isso tambem o maior dos contrastes com o Gabinete Portuguez de Leitura. Aquella representa a esterilidade e a aridez, este a grandiosidade e a proficuidade do fructo.

O inclito e famoso cenobio, alfim, Santa Maria de Belem, um dos mais interessantes monumentos de Portugal a cuja sombra se abriga hoje a santa e util instituição da Casa-Pia, onde se acepilham e contornam as columnas do futuro; este mesmo colosso de honrosas tradições e maravilhoso symbolo da arte catholica, comparado com o Gabinete Portuguez de Leitura, fica sendo apenas uma petrificação da caridade erguida n'um montão de gelo, sem sol para a derreter, sem luz para a illuminar.

Em Belem sentem-se obumbramentos de espirito diante dos assombros de pedra, e o homem curva-se fatalmente recolhido em si, compenetrado do seu nada, ciciando preces e orações.

No Gabinete o espirito dilata-se, vigorisa-se, avoeja, sóbe até Deus levado nas azas da esperança, rende-lhe graças infinitas e baixa ás lobregas cavernas sem fremitos nem apavoramentos, a balsamisar pro-

fundas ulcerações, a levantar profundos abatimentos, sublimando por toda a parte o amor dos amores, que é o amor da patria.

Pesem-se, meditem-se as palavras auctorisadas e evangelisadoras do nosso illustre e nobilitado conterraneo, snr. Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, insigne presidente d'aquella inextinguivel cornucopia que ha cincoenta annos se desata em torrentes de luz e catadupas de beneficios para a sua patria mãi:

«Nunca se dirá bastante do arrojo d'este emprehendimento temerario. Levantar por conta de uma associação modesta e pobre um monumento como o que erguemos, seria loucura, certamente, se elle não consubstanciasse um sentimento grande, generoso e patriotico. Volvidos seculos sobre esta grande parte do continente americano, elevado á jerarchia de nação poderosa e culta, o imperio do Brazil não possuia em sua tradição historica uma affirmação bastante impressiva da arte dos seus descobridores e fundadores, que, no perpassar de muitas gerações, não cogitaram da necessidade de insculpir em lapide brilhante o traço caracteristico que attestasse aos seculos futuros a sua instrucção e a sua influencia no movimento geral do espirito humano e na civilisação do seu tempo.

«Essa lapide commemorativa ahi está: é a de uma nacionalidade assás forte para perpetuar em um symbolo respeitavel as suas honrosas tradições seculares; para affirmar a sua orientação, no presente momento dos tempos, em que o homem só é forte e invicto na proporção das forças de sua mentalidade, só é grande

e respeitavel na medida das suas acquisições de estudo e de sciencia; não no limite estreito de um ramo unico do saber, constituido carta de guia para o prestigio de altas funcções sociaes e satisfação de insignificantes e mesquinhas ambições pessoaes; mas nos dominios universaes de todas as actividades, mórmente nas do commercio e das industrias, os dois grandes e potentes apoios das civilisações como as entende o homem moderno, como as preparou o esforço de gerações inteiras, consagradas á renovação de velhos moldes em que se avigora o privilegio e o arbitrio, sem espaço e sem ar para as fecundas ebullições d'onde deveriam emanar os ethereos fluidos luminosos geradores da aurora refulgente do seculo que se avisinha.

. . . . . .

«Entrar por este passo na grande obra do futuro é ajudar a reconstituição social de um povo, que carece de aviventar todas as suas energias para fundar o plano de suas conquistas sobre o sólo immenso de um territorio tão rico como fertil, e que requer e reclama prodigios de força e de coragem para assegurar-se de suas proprias riquezas. Associar-nos a esta empreza grandiosa será para nós o modo mais digno de collaborar no plano de uma nacionalidade destinada a representar, nos tempos por vir, a successão historica e tradicional da nossa raça, das nossas conquistas e das nossas glorias [1].»

---

[1] Relatorio da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, relativo aos annos de 1883-1884.

*
* *

Filha dilecta, robusta vergontea do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro é a Sociedade Portugueza de Beneficencia, esse vulto enorme, incommensuravel, assombrosa perennidade de philantropias, de amparos e de misericordias. Aquillo sim, que é modelo de caridade; filha honorabilissima, exemplarissima, que per si só garantiria renome e perpetua messe de bençãos e de bemaventuranças a seu pai, se elle não fosse já a seu turno o mais gigante dos colossos na cuspide de todos os bens.

A Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro é o mais sobrehumano dos milagres nos fastos da caridade, do amor do proximo e do amor da patria.

As mordomias tomam a si as despezas do estabelecimento no mez que lhes pertence. E tem havido um bom numero de brazileiros natos que espontanea e voluntariamente aceitam este onerosissimo encargo.

Honra lhes seja.

O patrimonio do estabelecimento, passante já de dois mil contos de reis, cresce de dia em dia.

Transplantem esta semente de administração para Portugal, e aprendam n'aquella escóla e vejam-se n'aquelle espelho quantos pretendem que se póde ser director d'um estabelecimento pio sem gastar um cei-

til de sua casa, nem mesmo prestar bons e intelligentes serviços, que por vezes valem mais que o dinheiro...

É difficilimo ser caridoso por caridade; facil e muito facil é ser-se fatuo, jactancioso, inflar-se e pavonear-se de prosapia nos arraiaes do egoismo.

Mas anchuras d'este quilate microscopisam os homens que, segundo Camões, «não têm amor a mais que a si sómente e a quem philaucia ensina» e que, segundo Alphonse Karr, precisam, para ser vistos, subir a qualquer escabello... Creaturas taes poderão ser tudo, servir para tudo, menos para protectores de casas pias e pobres.

Eu parti sempre do principio que o homem deve honrar o logar e não o logar o homem; mas o que vejo entre nós é crearem-se logares para os homens e não homens para os logares.

Uma desgraça! Uma vergonha!

A administração de um estabelecimento de caridade importa um vivo purgatorio. Alli não só se mundificam christãos como até se purificam mouros, comtanto que uns e outros para lá entrem saturados do verdadeiro amor do proximo e não da vaidade e torpeza das suas personalidades.

«O progresso das associações depende geralmente de dois elementos combinados: a clara comprehensão do interesse collectivo e a acção intelligente e uniforme dos corpos directores.

«A funcção simultanea d'estas duas forças opéra maravilhas.

«Quando uns planejam com audacia e outros col-

laboram com enthusiasmo, alcançam sempre o possivel e não raro se aproximam do impraticavel.»

Lê-se este evangelho no relatorio do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, do anno de 1881, ao dar-se conta de um facto que resume a doutrina que venho defendendo.

Lembrou-se a direcção d'este estabelecimento de lhe levantar um edificio condigno. Sem meios proprios para commettimento tão arrojado supéra a immensa difficuldade pela fórma seguinte: O então presidente Eduardo de Lemos lança mão d'uma folha de papel, subscreve a quantia de reis 6:000$000 e passa-a ao vice-presidente José Joaquim Godinho, que o acompanha subscrevendo com 4:000$000 reis; seguiu-se-lhes Joaquim da Costa Ramalho Ortigão e Albino de Freitas Castro, 1.º e 2.º secretarios, que igualmente subscrevem 4:000$00 reis cada um; e completa-se esta bizarria com a assignatura do thesoureiro Joaquim José Cerqueira que subscreveu reis 2:000$000, perfazendo assim a exemplarissima mesa um donativo de 20:000$000 reis. Conhecido este grandioso e nobre feito, ergue-se condignamente o conselho administrativo, subscrevendo com 33:250$000 reis, e logo em seguida um grupo de amigos d'esta cavalheirosa administração completa o donativo, elevando-o a 91:000$000 reis!

E aqui temos como se gravam nomes nas paginas adoraveis dos fastos da caridade; aqui temos como se faz jus á admiração e veneração de presentes e vindouros, como alfim brilhantemente se augmenta

o alheio, quando a guarda do alheio é confiada á nossa solicitude.

—Mas nem todos são dotados de fortuna para poderem ser assim francos e generosos.

D'accordo; mas n'esse caso acompanhem-me, colloquem-se ao meu lado, não entravem a roda da beneficencia e peçam commigo aos favorecidos da sorte aquillo que de per si não podem dar.

Custa muito pedir, eu bem o sei, porque em certos casos é mais facil e agradavel dar do que pedir; todavia é uma imperiosa necessidade fazel-o, porque em certos casos tambem a vontade ou ainda o desejo de um só não podem igualar o benefico effeito da cooperação de muitos.

Ser-se, pois, mero espectador em conjuncturas taes nem é nobre nem é honroso; mas menos honroso é abusar do prestigio alheio e envaidecer-se com elle; menos honroso é fazer do estabelecimento pio uma sinecura mentindo aos principios para ostentar pseudomerecimentos.

«A Sociedade Portugueza de Beneficencia na capital d'este hospitaleiro paiz — palavras da illustre commissão de contas no seu parecer annexo ao relatorio apresentado pelo dignissimo presidente conde de S. Salvador de Mattosinhos, em 31 de março de 1886 — é motivo de desvanecimento para todos os portuguezes: se a magestosa grandeza do edificio social é de agradavel surpreza a todos quantos o visitam, maior é a sua admiração ao conhecerem da multipla cópia de soccorros prestados; e, nas luctas da caridade,

força é confessal-o, é o mais nobre e o maior commettimento de portuguezes em terra estranha [1], visando sempre o sagrado preceito de que — «as chammas da caridade seccam as lagrimas da dôr.»

Para mór gloria d'esta potestade de graças converge hoje sobre ella o candido sorriso do nobre conde de S. Salvador de Mattosinhos...

Ouçamos a citada auctoridade:

«O Asylo de Ensino Profissional, inaugurado em 30 de novembro de 1884, é um imperecivel padrão de gloria para a sociedade; é estrella rutilante que aureolando o diadema da caridade perpetuará os seus esplendores por gerações presentes e futuras. Tão benemerita instituição jámais será olvidada por aquelles que n'ella acharam o agasalho e instrucção, que sorte adversa lhes negára. Por tão assignalado beneficio preces de corações reconhecidos se elevarão ao céo, implorando protecção para a sociedade e bemdizendo do magnanimo presidente da directoria, a cuja tenacidade e vontade inquebrantaveis se deve a realisação de tão auspicioso emprehendimento.»

E após isto e além de tudo isto, como coronal ao Gabinete Portuguez de Leitura, guia e molde do nosso aprumo no Brazil, lá temos mais, brilhando esplendorosissimamente como filhos seus: o Lyceu Litterario Portuguez, mimosa reverberação do espirito esclarecido e amoroso do meu velho amigo commendador José

---

[1] E até na propria, — poderia dizer a patriotica commissão.

João Martins de Pinho; o Retiro Litterario Portuguez; o Club Gymnastico Portuguez; o Congresso Gymnastico Portuguez; a Caixa de Soccorros de D. Pedro V; a Real Sociedade dos Artistas Portuguezes; a Sociedade Litteraria «Camillo Castello Branco»; a Sociedade «Homenagem ao Conde de S. Salvador de Mattosinhos»; a Associação Portugueza de Beneficencia «Memoria a Luiz de Camões»; e ordens e agremiações e associações de todos e para todos os fins, tendentes a educar, a auxiliar, a felicitar, a melhorar a sorte dos portuguezes que no Brazil representam o elo inquebrantavel da união e da confraternidade [1].

No dia 16 do corrente mez, por occasião de se installar n'esta cidade a Sociedade Brazileira de Beneficencia, — ideia por sem duvida suggerida e inspirada na nossa briosa associação, — pedindo o seu digno presidente snr. José Teixeira da Silva Braga Junior auxilio e conselho ao illustre representante do imperio, o considerado consul snr. commendador Manoel José Rabello, respondeu-lhe este provecto e respeitavel funccionario:

«Se porventura os nossos compatriotas houverem alguma vez mister de norte e rumo, imitem o exem-

---

[1] Ha dezoito annos ausente do Rio de Janeiro, não posso conhecer, para cital-as, todas as associações que alli nobilitam o nome portuguez; assim como tambem não posso dar um pallido reflexo da intermina descendencia do Gabinete Portuguez de Leitura, de mais a mais ramificada por quasi todas as provincias do imperio.

Relevem-se-me, pois, todas as faltas commettidas n'este sentido.

plo dos portuguezes no Brazil; sejam como elles unidos e patriotas, e tanto basta para honra nossa e louvor de todos.»

Lucidentissimas palavras!

É consolador, é honroso ser-se portuguez no Brazil; é triste, é desanimador sêl-o em Portugal.

Aqui ha burocracia de mais e cordura de menos.

A natureza, para mór esplendimento da sua exuberancia, ergueu no Brazil o solio augusto e deslumbrante das parasitas vegetaes; e alli é para vêr e maravilhar a pompa magestatica, opulenta e magnificente com que ellas dominam e avassallam aquellas immensas florestas, multiformes e multicôres, de incommensuravel grandeza [1], tapisadas, recamadas, atauxiadas de luxuriosas e variegadissimas flôres de uma belleza indizivel, de uma contextura admiravel.

A Portugal coube por partilha da sorte ser o emporio do parasitismo animal.

E como lá no novo mundo as *Aristolochias* e as pittorescas *Aroideas* formam o mais bello dos ornamentos, vestindo, rodeando, abraçando, cingindo, comprimindo, guarnecendo e festoando o araribá secular, a braúna negra e o negro e formoso jacarandá; adensando-

---

[1] Segundo o dr. C. F. Ph. Martius, só o formidavel districto florestal na fertilissima e encantadora planicie por onde serpeiam em seus leitos o Orenoco, o Amazonas e o Paraguay, mede para mais de 70:000 leguas quadradas.

Que bella palma no sumptuoso templo de Deus!

lhes e matisando-lhes as copas com as suas flôres de giganteas dimensões e de belleza indescriptivel, com os seus fructos espadiceos de vivissimo escarlate rebrilhando nas grandes alturas por sobre as ramas do altivo jequitibá; como as *Sapindaceas,* as *Asclepiadaceas,* as *Malpighiaceas* distendem, elevam e multiplicam suas hastes felpudas, despovoadas de folhas do sólo ao cume das arvores, quaes intrincadas cordagens de navio, servindo de guia á extensa e interessante familia das trepadôras, que entretecem densissimos tapumes, sebes invadiaveis, em Portugal os parasitas animaes enroscam-se, alastram-se, apegam-se, chumbam-se á riqueza publica — como um polvo finca as ventosas n'um rochedo — e sugam-n'a, vampirisam-n'a, exploram-n'a, consomem-n'a, absorvem-n'a toda em seu proveito, anesthesiando, entibiando, matando o futuro do paiz em proveito do seu egoismo.

Perguntai ao nobre conde de S. Salvador de Mattosinhos onde elle bebeu toda a sua condolencia, quem foi que o impulsou ao seu moirejar continuo, assiduo, desvelado e distinctissimo em favor do proximo e em honra da patria.

— Fadou-o Deus naturalmente bom, compassivo, serviçal, esmoler...

— Creio-o; mas aquelle enthusiasmo santo e febril que lhe estua ardente no intimo do peito, sempre em labaredas de consolação e de piedade, esse nasceu-lhe, brotou-lhe instinctivamente no seio d'alma, ao vêr florir e frondejar as extensissimas arrancas da arvore sagrada — o Gabinete Portuguez de Leitura — que os nossos

irmãos implantaram n'aquelle sólo uberrimo e abendiçoado [1].

Oh! o Brazil, o Brazil! formoso berço de gente de espirito e coração! O Brazil, com o seu calor e a sua luz, com a sua hospitalidade e os seus agrados, muda-nos a essencia.

O portuguez no Brazil converte-se n'um heroe. De volta á patria conserva o espirito do bem, mas o sôpro gelido do indifferentismo e quiçá da inveja desbota-lhe o animo e desfallece-lhe o vigor.

Digam as cinzas venerandas do conde da Silva Monteiro a differença que vai das ridentes primaveras do Brazil ás asperrimas e nebulosas invernias de Portugal.

Tristissima e confrangente lição a d'esta campa!

---

[1] O Gabinete Portuguez de Leitura conta meio seculo de existencia. Foi fundado em 1837.

A primeira pedra do seu novo edificio manuelino, sito na antiga rua da Lampadosa, hoje de Luiz de Camões, foi lançada por S. M. o Imperador do Brazil a 10 de junho de 1880

Não sei de mais gentil e gloriosa offrenda consagrada ao nosso famoso epico.

D'este monumento diz a illustre commissão de exame de contas, em data de 25 de outubro de 1885:

«Visitando o edificio, a commissão encheu-se de orgulho, sentiu-se no meio d'um povo de heroes descobrindo novos mundos e levando o facho da civilisação a ignoradas raças; penetrou na historia e viu, através de seculos, a mais pequena e humilde das nações abrindo as portas do Oriente e dilatando o nome portuguez como um jorro de luz por todos os pontos do globo. Ainda não acabado, aquelle monumento já nos recorda tempos de gloriosos feitos, já nos diz de quem descendemos, já nos engrandece, e será como templo sagrado onde todos iremos retemperar o amor da patria.»

Lá, foi elle grande e até poeta; aqui, apenas prestadio sempre e sempre martyr [1]!

— E porque foi martyr?

— Porque tinha um coração de anjo; um monstro de coração que lhe não cabia nos estreitos ambitos d'esta terra pequenina.

— Morreu então atrophiado?

---

[1] No 2.º e 3.º vol. da Lisia Poetica, publicada no Rio de Janeiro em 1848 e 1849, encontram-se poesias d'este benemerito cidadão.

Antonio da Silva Monteiro foi sempre um patriota extremado, d'um caracter integro e austero e d'uma alma franca e sincera, defendendo com ardor os interesses da terra que lhe fôra berço, completamente despido de ambições pessoaes. A sua valente defeza do prejecto de um canal que ligasse o porto de Leixões á cidade do Porto, publicada em consecutivos artigos no *Commercio Portuguez*, prova de sobejo o que levo dito da sua intelligencia e patriotismo.

Eu conheci muito de perto este prestante varão, desde o dia da minha chegada ao Rio de Janeiro.

Quando de Portugal iam para o Brazil embarcações sobre embarcações apinhadas de raparigas vilmente seduzidas aqui pelos fementidos ardis d'aquelles que mais clamavam contra a immoralidade dos homens que vinham de lá, accusando-os de negreiros e de negociantes de carne humana (!); quando aquelle horripilantissimo trafico, tomando as proporções mais vergonhosas, alarmou todos quantos filhos d'esta terra habitavam no imperio, formaram-se differentes commissões no intuito de protestar contra semelhante vilipendio, e a uma d'ellas presidiu Silva Monteiro, produzindo energicos e vehementes protestos. Eu era então criança ainda, mas assim mesmo elaborei tambem, anonymamente, alguns memoriaes dirigidos aos ministros d'aquelle tempo e até á propria rainha a snr.ª D. Maria II.

Por fortuna nossa o governo moveu-se e o abuso cessou.

Da indignação que o caso despertou podem ainda hoje ahi dar testemunho os athletas da velha guarda, conde da Trindade, visconde de Alves Machado, visconde de Barreiros, Arnaldo de Castilho, Antonio da Costa Ramalho, Joaquim Pinto Bessa, Joaquim Pinto da Fonseca, Samuel José de Oliveira e Silva e tantos outros, briosos e acerrimos propugnadores por que desapparecesse o ascorosissimo escandalo.

— Não; morreu apopletico de desgostos, de desenganos, de explorações e ingratidões.

— Mas coube-lhe a effigie na Sociedade Portugueza de Beneficencia...

— É porque entre elle e ella havia unidade de principios — ambos benemeritos.

Antonio Ferreira Braga ergueu n'esta terra eviterno monumento ao Progresso — um monumento de crystal — para lhe darem em troca um busto de gesso, e esse mesmo porque foi preciso executal-o para modelo d'outro que em marmore lhe levantou a Sociedade Portugueza de Beneficencia do Rio de Janeiro!

O snr. visconde de Villar d'Allen, seu collega no grande emprehendimento, tem tido, por premio de seu nobre esforço, abundante messe de desgostos.

Portugal pagou sempre mal aos seus melhores servidores.

Quando, no Brazil, entre portuguezes, se pronuncía o nome da patria, cessam rivalidades, vibram todas as fibras d'alma, pronunciam-se todas as grandes devotações.

Eu creio que ninguem ousará negar que todo esse grupo formidavel e formidando de estabelecimentos de caridade, que ornamentam Portugal e que ahi se erguem magestosos e prestantissimos, devem a sua vida e prosperidade aos nossos irmãos d'além-mar, fonte onde têm haurido alentos, vigores e magnificencias as grandiosidades que nos ensoberbecem e nos illustram.

Permittam-me este desafôgo do espirito grato e reconhecido pelo ensinamento que devo ao Gabinete Portu-

guez de Leitura — «humilde chrysalida do meu passado transformada em esplendida borboleta de azas multicôres que ascende ás regiões da vida e da luz» — proporcionando-me ensejo de consultar mestres que não cito, para lhes não desdourar a fama; e isto graças á paternal direcção e acolhimento desvelado que alli fui encontrar na pessoa prestantissima e aliás muito estimavel do meu respeitabilissimo amigo, snr. José Joaquim de França, um dos prestimosos e hoje raros fundadores d'aquelle sacrario de luz e o meu primeiro guia, protector e mentor n'aquella terra de promissão [1].

E apraz-me este expandir d'alma aqui, na pedra do altar do snr. Camillo Castello Branco — um dos mais levantados e férvidos admiradores de bons portuguezes em terras de Santa Cruz e um dos mais inclitos veneradores do Gabinete Portuguez de Leitura, culto e gloria das letras patrias que elle honra e enriquece exuberantemente [2].

---

[1] Se estas mal tracejadas linhas chegarem ao Brazil tendo a fortuna de encontrar ainda no numero dos viventes o dedicado e prezado protector dos meus verdes annos, digne-se elle aceitar n'estas minhas singelas palavras a expressão sincera do mais profundo e cordial respeito e gratidão.

[2] Um dos mais notaveis romances do illustre escriptor, A Caveira da Martyr, foi dedicado ao Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

Fui saber a Seide que esta curiosissima peça de litteratura fôra reimpressa no Rio de Janeiro ha cerca de seis mezes.

Ainda bem para os colleccionadores e amadores de bons livros, visto que os raros exemplares que por acaso appareciam no mercado obtinham preços bastante elevados, de 9$000 reis para cima, o que, em verdade, não está muito ao alcance de todas as bolsas.

A respeito da Caveira da Martyr leia-se a *Bibliographia portugueza e estrangeira,* n.º 6, 1.º anno, 1887, pag. 110.

Na defeza d'estes principios tive já a grande satisfação de vêr perfilhadas e applaudidas, por uma parte muito distincta da nossa imprensa, as seguintes linhas que publiquei no *Commercio do Porto* de 21 de novembro de 1885, as quaes peço licença para transcrever aqui sem quebra do meu proposito com respeito á excepcionalidade do campo em que labuto:

Diz-se que o snr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, é implacavel zurzidor da chamada colonia brazileira.

«*Não escreve romance sem brazileiro.*» Ouço esta phrase desde criança, pronunciada com tristeza pelos de lá e com intenção pelos de cá.

A propria senhora Rattazzi tentou fazer espirito do aleive.

É certo que o poderoso escriptor cauterisa a chaga onde quer que a encontre, cravando e aprofundando o seu estylete de fina tempera na intumecencia depravada, sem recear que a fetidez da sanie e das podridões possa pestilenciar-lhe a fama.

Camillo Castello Branco respeita e acata a autocracia da virtude, venha ella d'onde vier; tem sempre aberta a sua porta ao merecimento; nunca a sua alma se cerrou á caridade; nunca a inveja lhe desmedrou a essencia, nem a cordura e a justiça se lhe apagaram no coração.

Não se coadunam mesquinhezas de espirito com grandezas de talento: os phenomenos em contrario são puras aberrações.

Camillo Castello Branco — um verdadeiro genio — está muito acima de paixões concentradas, rancorosas, miseraveis.

Rôam-n'o embora os vermes da emulação: tem elle nobreza de sobra para não poder ser o que muitos por ahi são, bicolôres, brancos por fóra e negros por dentro, escondendo, por entre amarellos sorrisos, os pêllos negros do empedernido coração.

As paginas que vou transcrever [1], lucilações que os homens vindos do Brazil deviam passar a pergaminho em letras de ouro, como milhares d'ellas que o soberbo estro de Camillo Castello Branco tem produzido, dissipariam por si myopias intencionaes, se o seu proprio caracter — rasgadamente franco — não fosse superior a todas quantas irrisões e ridiculezas lhe queiram emprestar.

Nas veias de netos de Camillo Castello Branco gira sangue — *de torna-viagem,* — phrase de um deputado da nação portugueza! E elle estremece-os. Elle adora até o talento da neta, que parece fadada para lhe continuar as glorias.

O primeiro amigo dos portuguezes, o homem que no seculo mais provas tem dado da sua paternal protecção a filhos de Portugal; o snr. D. Pedro II, gloria dos imperantes e modêlo de monarchas, não distinguira Camillo Castello Branco, — como o distinguiu visitando-o —

---

[1] Paginas do romance A VINGANÇA.

se o presentira desleal ou hostil aos seus compatriotas pelo simples facto d'elles irem ao imperio que elle enaltece, debaixo do seu magnanimo patrocinio e em honrado labor, ganhar a independencia que a patria lhes nega.

E de como no Brazil se dá de barato ao acinte e se considera o merito do principe da litteratura moderna, seria prova inconcussa a unanime e espontanea glorificação que d'alli recebeu, ainda ha pouco, se não o attestára sufficientemente a procura de todos os seus livros, cujas edições lá se espalham e lá se esgotam.

Camillo Castello Branco, romanceando, corta a largo e a fundo pelas excrescencias que encontra, para lhes dar o devido correctivo, e, por vezes, a sua penna diamantina fere muita protuberancia esquipatica, muita ridiculez velhaca e estrambotica, que muitos ribaldos vão tambem de cá para lá, dar infelizmente de Portugal no Brazil tristissima ideia; mas o que o snr. Camillo Castello Branco ainda não fez, ao que me conste, foi amalgamar, agrupar, nivelar entidades hybridas; confundir, equiparar sentimentos heterogeneos; irmanar, igualar o bom com o mau, virtudes com vicios, a dignidade com a protervia, o brio com a desfaçatez, a nobreza da alma com os avellorios do cynismo, a probidade com a rapinagem, mouros com christãos. O que elle jámais fez foi jungir e alliançar a gravidade, a abnegação, a verdade e a justiça com a ligeirice, com a cegueira infrene e cubiçosa, com a mentira e a insidia e a tropelia e o desvergonhamento; o alto, o elevado com o baixo e o abjecto, o homem honesto, trabalhador e be-

nemerito com os farçantes da troça que tudo deprimem, tudo envenenam, tudo deslustram e babam e conspurcam e aviltam...

Camillo Castello Branco combate a peito descoberto: a sua clava é a sua convicção. Não invectiva, não calumnía, não empresta defeitos que não tem. Não confunde o trigo com o joio, nem o agrião com a cicuta.

Córta e póda todos os ramos pôdres, apara e desponta os rebentões malignos da arvore social e ageita e guia as flexiveis vergonteas que vão enriquecer-lhe a enflorada copa.

Educa e moralisa; e honra lhe seja. Bem haja pela sua hombridade e rectidão!

Sigam-lhe os passos e tomem-n'o por molde e typo e norma aquelles que pretendendo joeirar merecimentos de irmãos, lhes entrevam e entrevecem as virtudes, attribuindo-lhes defeitos que elles nunca tiveram, imputando-lhes faltas que nunca jámais commetteram, assacando-lhes vicios que nem por de leve sonharam.

Manifesta-se, affirma-se, assignala-se assim a ingratidão que vai sendo moeda corrente para as gentes cá da terra.

Será isto effeito do *in petto* da inveja ou estiomeno das consciencias?

Seja o que fôr é molestia pegadiça, contagiosa, que ataca, affecta e contamina por igual grandes e pequenos, doutos e indoutos, nescios e sabios — clero, nobreza e povo...

É infecção epidemica, já tão arraigada e vigorada em Portugal, onde tanta seiva achou, que subiu até ás

cupulas fascinantes terreo-astraes, passando vibrante do soalheiro das praças ao soalheiro do parlamento.

*

* *

Entre Camillo Castello Branco e o Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro ha para mim varios pontos de contacto, pela homogeneidade de principios e connexão de ideias. Camillo produz; o Gabinete enthesoura e diffunde; e ambos illuminam, «ambos inspirados do mesmo espirito, se bem cursando caminhos mais differentes com gloria diversissima, ambos completando, posto que em graus dissemelhantes, a mesma obra de commum civilisação.»

Se o Gabinete me foi a constellação irradiante nos pesadumes e escuridões do exilio, elle foi sempre a estrella mais perfulgente d'aquella constellação, a primeira a scintillar-me nos crepusculos do entendimento e a ultima a esvaír-se-me nos arreboes do pensar.

Se algum dia a onda dos seculos conseguir apagar da scena do mundo a patria de Camillo,—a occidental praia lusitana—lá está o Brazil com os seus cem milhões de brazileiros para lhe perpetuar a gloria, e o Gabinete para relembral-o imperecivel e imperterritamente á posteridade.

Estendendo e alongando as suas raizes e os seus renovos por todos os recantos e até ás mais reconditas lon-

juras do vastissimo imperio, o Gabinete Portuguez, indestructivel pela sua amplissima magnitude, é o mais bello plintho d'ouro cravejado de diamantes onde terá de aprumar-se a memoranda estatua de Camillo Castello Branco; pois como está a luz para o foco e o vôo para a aguia, está Camillo para o Gabinete, altamente ennobrecido com a posse das suas obras.

De Portugal emigram para terras de Santa Cruz milhares de portuguezes, pela maior parte completamente ignorantes, e alli, n'aquelle Gabinete, vão elles encontrar os primeiros rudimentos d'uma boa instrucção e noções fundamentaes de todos os conhecimentos uteis; noticia do grande movimento universal em economia e politica, em artes e industrias, sob o lemma: «D'esta arte se esclarece o entendimento», precisamente a divisa de Camillo Castello Branco, que do alto dos seus duzentos volumes se affirma heroicamente o mais energico dos protestos contra a ignorancia e atrazo d'este nosso malfadado paiz.

Como o Gabinete é a synthese da unidade moral dos portuguezes em plagas americanas, dirigindo-lhes sempre os passos pela senda da dignidade e da honradez, Camillo com a sua satyra é o marco, a baliza que se lhes ergue como antemural aos meandros do erro, cortando-lhes, interceptando-lhes as encruzilhadas dos desvarios e corrigindo-lhes todas as demasias e desatinos para os tornar dignos de pertencer áquelle gremio ennobrecente.

Ha pois, como se vê, estreita affinidade entre o genio de Camillo Castello Branco e o genio do Gabinete Por-

tuguez de Leitura, ambos egregios, ambos extremados. Um e outro souberam levantar no Brazil um throno no coração de cada um dos seus compatriotas, e ainda no da maioria dos brazileiros, especialmente os mais illustres, á frente dos quaes resplandece o nome do mais famigerado modelo dos monarchas e do mais abalisado protector e amigo dos portuguezes. S. M. Imperial o snr. D. Pedro II é a alma d'aquelle famoso imperio, de quem podemos dizer com o Cavalleiro d'Oliveira: «incomparavel no desejo de fazer os seus vassallos ditosos, e na diligencia de faser o seu Reyno abundante.»

Só póde bem saber quanto Portugal lhe deve, quem tiver tido a ventura de viver sob o regimen paternal do seu sabio governo. D. Pedro II é a democracia personificada e a expressão pura da verdadeira philosophia.

Tão illustrado e tão grande quanto bondoso, affirma-se sempre heroe no respeito do povo e na conquista da sciencia.

É por isso que nacionaes e estrangeiros lhe rendem preito e homenagem; é por isso que todos fazem sinceros votos pela conservação da sua preciosa vida, quebrando os seus proprios adversarios as lanças com que pretendiam feril-o, perante o seu trato ameno e cavalheiroso, a sua rectissima consciencia e o seu sympathico e popularissimo perfil, fidalgo em toda a extensão da palavra.

Eu beijo d'aqui respeitoso e grato a dextra augusta do inclito monarcha.

Sem ter a minima velleidade ou louca pretenção de dar o mais leve traço na biographia do emerito escriptor,

ou de imaginar sequer esbarrar-me pela critica dos seus escrinios, seus trophéos — trabalho que poucos poderão produzir ou engendrar e que por isso está em ser [1], — tenho comtudo a respeito d'elle escriptas um amontoado de paginas, falhas de espirito — porque o atavismo se não transmitte pelo simples desabrolhar dos affectos, por mais magnetica que seja a sua corrente, — mas ricas de sentimento porque as tem sempre dictado o coração, o qual cada vez mais palpitante e repleto de reconhecimento e estima, aqui se abriria de meio a meio, soltando as reprêsas ao enthusiasmo, se lh'o não vedára a desconveniencia do campo. E quem teve a coragem de lhe não poupar os pés e as mãos [2], de descer até á fabri-

---

[1] Ha tempos recebi a este respeito uma indicação que se me afigura justissima, e por isso a deixo aqui consignada.

É seu auctor o meu prezado e distincto amigo dr. Trindade Coelho — em carta particular de 2 de fevereiro de 1887 :

« Uma coisa. N'este paiz ha um homem que podia escrever um livro immortal ácerca de Camillo. Esse homem é Alves Mendes.

« É um trabalho que nem sequer está ainda em embryão, a critica da grande obra do mestre. Como é trabalho para poucos ficará por fazer — o que será uma vergonha nacional — se Alves Mendes não se resolver a metter hombros á empresa.

« Seria um trabalho de gigante, bem sei. Mas para um trabalho de gigante Alves Mendes está a calhar, que, francamente, não vejo outro no paiz mais asado para tal serviço. Homem ! martelle-lhe a paciencia. Se conseguir isso, terá prestado á litteratura portugueza *o mais assignalado serviço.* »

Luminosa ideia, que por certo não deixará de ser applaudida e para cuja realisação, se é mister que eu martelle, martellarei emquanto Deus me der forças para o poder fazer, até que o Cellini da palavra defira a patriotica pretenção.

[2] Folhetins do *Jornal do Porto* de 16, 17 e 31 de março e 1.º de abril de 1887.

ca das suas golosinas [1], de melhor mente lhe estudaria o coração — cofre onde se encontram á farta joias preciosissimas, germens de benemerencias e de acendradas philantropias, capazes de enriquecer e dulcificar toda a esterilidade e ainda mesmo a insipidez saliente da mais insulsa das prosas — que só elle, Camillo, seria capaz de amenisar e validar.

E vinha de molde e a proposito citar aqui branduras do mais enternecido dos corações que eu conheço em peito d'aço; mas nem a modestia do homem m'o permittira, nem a propria gravidade m'o relevára.

Quem quizer sondar-lhe os arcanos do coração, indague-lhe dos extremos a Donas Botto, ao filho do general Luiz Manoel de Lemos, ao seu intimo o snr. Manoel d'Assumpção Espinho que lhe presenceia a cada passo as bizarrias e liberalidades, e saberá e verá que ninguem bate debalde áquella porta, pedindo auxilio ou protecção. Eduardo de Lemos, culminantissima gloria nossa, seria testemunho authentico e insuspeito da elevação d'aquelle caracter integro e nobre, se se não houvera ido acolher ao seio do Eterno com toda a excelsa sobrevivencia do seu fino espirito e da sua inexcedivel philantropia; vive, porém, graças a Deus, o snr. conde de S. Salvador de Mattosinhos que acaba de visitar commigo o altiloquo escriptor e de receber d'elle as mais affectuosas demonstrações de respeito e consideração, na sua

[1] Folhetim do *Jornal do Porto* de 11 de dezembro de 1886.

thebaida de Seide [1], retirando-se penhoradissimo e captivo das maneiras urbanas e lhanissimas por que alli foi recebido.

Suppra pois s. exc.ª a lacuna que aqui deixo aberta, por melindres de delicadeza, no tocante á amabilidade e cortezania do principe ou do pontifice da litteratura portugueza, emquanto eu, obediente ao seu mandato, aqui lhe transmitto aquelle saudoso abraço que s. exc.ª de mim confiou no momento de partir-se, destinado — AO NOSSO GRANDE CAMILLO.

E grande devéras que elle é, tão grande que «em passo adiantado da vida, emquanto os enormes talentos repousam sobre as refloridas glorias dos outonos de boa safara, elle, talento extraordinario, se afestôa de recentes grinaldas. E destro jardineiro tira prodigiosas flôres, redobrando e rajando as petalas que abrolhavam, annos antes, singelas, bem que formosas, na mesma tige.

«O arbusto envelhece, e a flôr renova-se mais betada de côres e opulenta de graças. Assim aquelle peregrino engenho, gigante que nos mostra o coração e se

---

[1] Presente o *Paiz*, o notabilissimo jornal do Rio de Janeiro, representado na pessoa do snr. João Vieira da Silva, que alli obteve a collaboração do insigne escriptor, para aquelle athleta do progresso.

E notavel coincidencia.

Esta visita teve logar no dia 10 de junho de 1887, anniversario do passamento do nosso immortal cantor, Luiz de Camões, dia assignalado tanto para portuguezes como para brazileiros, embora passasse de todo despercebido sem a menor demonstração de saudade pelo grande epico que tanto honrou a patria!

abaixa até ás criancinhas para que lhe tomem a sciencia ensinada pelo amor. Vem lá do alto da poesia magestosa, e entra na escóla entre meninos. Sae e levanta-se até hombrear com os thronos. Ahi soluça o carme, que exora a liberdade d'um condemnado á perpetua grilheta, um ancião resgatado da morte corporal pelo egregio animo que destecera a escuridão, a morte moral, a ignorancia abafadora do espirito da criança.

«E, sempre com a lyra ou com a harpa, alternando amoraveis contentamentos com elegiacas melancolicas, desterroando agora para alqueivar as searas das gerações vindouras, e levando pela mão o anjo da poesia pelos atrios dentro da esteril e soberba sciencia que os philosophos enviam ao grabato da miseria inconsolavel.

«Oh! Como este grande e illustre poeta nos tem amado a todos os que vivemos do trabalho!»

Ninguem melhor tiraria o proprio retrato.

*

* *

Leitores: eu podia aqui, pondo mascara de erudito,

> . . . . . tirando succo
> da cheia têta da asneira,

respigar, forragear em alheias searas um ramilhete de celebridades e pompear-me, citando-as, com a conscien-

cia do atheu ao fazer a nomenclatura dos santos da côrte celeste... Mas, se Camillo, que é o dono da festa —a esplendidissima festa das criancinhas,— desadora tudo que lhe trava a uma certa riqueza pobre, esterilidade fecunda, ouropeis, avellorios que não vêm a ponto de nada!

A que viriam, com effeito, imperitamente exhumados por mim, os esmaltes da litteratura antiga e moderna, que dormem tranquillos o somno dos justos nos seus silenciosos ossarios?

Deixal-os em paz.

Tanti morir e nascere
su questa piaggia amena
di voi vid'io, ch'esistere
voi mi sembrate appena.

Se a minha palavra tivesse a inspiração do genio, então sim, que para engalanar e opulentar esta supplica, este intimo brotar da minha eterna gratidão e do meu profundo reconhecimento eu iria gostosamente pedir vigores de logica e prestigio de convicção a Voltaire; fecundidade, arrojos e deslumbramentos a Victor Hugo; rasgos de patriotismo a Camões; espirito e iniciativa a Gœthe; sublimidades a Byron; imaginação e cinzelamentos de phrase a Chateaubriand; poesia a Schiller, a Manzoni, a Espronceda, a Beranger; harmonias a Lamartine; sinceridades e melodias a Musset; inspiração a Balzac; fascinamentos a Alexandre Dumas; portentos a Humboldt; philosophia a Hegel; naturalismo a Comte e alma a Michelet...

Se eu fosse politico, á sombra d'aquella phrase de Bastiat *ce qu'on voit et ce q'on ne voit pas,* — phenomeno que explica um certo numero de mysterios a olhos profanos — calando, esmagando, trucidando a propria consciencia, atirando peneiras aos olhos do leitor e aos proprios olhos, amontoaria a torto e a direito fogachos sobre fogachos, luminarias sobre luminarias e constellações sobre constellações...

Mas, se eu abomino por completo o que ahi se chama *politica*, esse monoscabo da honra e da dignidade, esse coadjuvar ou empecer a marcha da traquitana governativa, envolta sempre em brumas, em nuvens de pó, para que os raios da luz não produzam ophthalmias ao povo, turvando as aguas para a pesca dos robalos e dos salmões que os devotos da fatidica deusa comem por humanidade, prevenindo assim que elles devorem as sardinhas da pobreza!...

Santa caridade a d'esta gente!

E, se se lhes propõe que aos pobres se dê uma postinha qualquer... santo breve da marca!... que não, que não; que não estando acostumados podiam ter indigestão! E sugam até o mosto ás uvas e deixam ao povo o bagaço, já lavado da agua-pé, no muito misericordioso intento de lhe evitar as funestas consequencias da embriaguez!

Olhem que previdencias, que zelos, que extremos e dedicações pelo amor do proximo!

Por isso me farpeiam sempre que eu intento romper trevas com os tenuissimos lampejos da minha tremeluzente candeia.

São realmente apostolos da luz, pois não são?

E para apagarem o mortiço bruxolear das irradiações d'um fraquissimo espirito erguem baluartes, assestam-lhe por vezes grossa artilheria sobre muralhas de lama, que afinal se abatem por si mesmas, submergindo em seu seio bombas e granadas e morteiros e obuzes, e os obuzeiros tambem! É caso para dizer-lhes com Racine:

> ..... Je n'ai merité,
> Ni cet excès d'honneur, ni cette indignité.

Vamos andando, leitores; pela minha parte remando contra a maré, cumprindo o fado de educar os filhos e de pedir para os pobres.

E, se não dou de vez um golpe profundo em todas as lastimas e em todo o pauperismo, é porque vai isso muito além das minhas forças e das minhas posses, e não se póde arcar contra o destino.

Deus lá sabe o porquê de todas as miserias, o porquê das perolas do orvalho do céo nos tremedaes das paixões e das invejas da terra. São insondaveis os decretos do Infinito.

Sobre o mais infecto dos paúes saltita, esvoaça incolume a garça real, com o seu collo de neve.

Do fundo das campas, povoadas de vermes em repasto de podridões, resurgem, emergem elementos de força para vivos e consagração para mortos.

Estará no escuro das sepulturas o crisol das glorias humanas?

Camões diz-nos que sim; Camillo diz-nos que não: mas no que ambos são accordes é em que as glorificações só vigem e viçam em espinheiraes de martyrios e de sacrificios.

A apotheose de Camillo Castello Branco — merecida e honrosissima — é comtudo uma excepção em Portugal, unica até hoje.

Digam-no as memorias de Alexandre Herculano, de Almeida Garrett, de Castilho e outros muitos portuguezes illustres.

Que ella seja uma aurora; que a justiça da terra deixe de erigir o throno das suas deificações sobre os restos inermes dos seus heroes, para lh'o erguer emquanto elles podem dar-nos improvisa exploração das suas energias sociaes.

Depois que o Sol vestiu a blusa do artista, associando-se á photographia, devemos todos associar-nos ao sagrado culto do merito e do talento. A paleta e o escôpro são agentes da immortalidade.

É-o tambem efficacissimo a beneficencia, como o são todas as grandiosidades da alma, todas as sublimes manifestações do trabalho e do saber; mas não ha sumptuosidade sem modestia, elevação sem miniatura. O atomo é essencial ao conjunto de todos os sêres que perfazem e completam a harmonia do cosmos.

Por isso eu estou aqui.

E ainda para mais intricar e velar os arcanos divinaes, a insidia, a diatribe, a injuria, a calumnia, todo o acervo infindo de iniquidades e injustiças, que avexam e opprimem a humanidade, por vezes se con-

vertem em elementos do bem, em supremacias de virtude. Exemplo: este livro.

Lembrou-se alguem, ha tempos, n'um jornal de Lisboa, de recommendar ao governo a necessidade de tomar conta das explorações que a «Sociedade Martins Sarmento» fazia perto de Bragança, para que os particulares e as sociedades não apanhassem as nossas antiguidades e as vendessem ao estrangeiro!

Pelo que me consta ha uma inequicia atroz n'aquella insinuação malevola. Portugal padece lamentavelmente d'esta molestia terrivel, que tende a deturpar e amesquinhar meritos alheios — a inveja.

A moral passa a historia.

A probidade considera-se como phylloxera social.

O que antigamente era regra é hoje excepção.

Não podia pois o snr. Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmento escapar á regra geral, eloquentemente synthetisada por Latino Coelho:

«Resplandeceu em vida um talento eminente, e a inveja, semelhante ás tempestades alpestres, que sacodem e destroncam a coma dos cedros, e deixam adormecidas as hervasinhas rasteiras do penedio, a inveja deu rebate contra as suas imaginarias imperfeições; a ignorancia doutorou-se para o criticar, a mediocridade alteou-se para o escurecer, a malevolencia vestiu toga para o julgar, e o odio assentou tribunal para o punir.»

Se alguma obra famosa surgir vejo,
Desatino, enfureço-me e esbravejo!

Bem dizia Camões: «Que o vaso da inequicia... viera, por perpetua inimicicia, na geração de Adão com a falsidade.»

O auctor d'aquellas doestas linhas não imaginou nunca, nem por sonhos, que ao extrahir do seu tinteiro todo o fel atrabiliario, collaborava na mais santa, na mais piedosa das devoções, — illuminar o espirito da criança e provêl-a de remedio no momento da doença. Isto é que se chama escrever direito por linhas tortas!

E eu, para ser coherente com os meus principios — de que no altar da caridade qualquer offrenda é válida — agradeço assim a *esmolinha*, cujo travo se perdeu na depuração do cadinho da consciencia; deixando a verdade a sobrenadar como o azeite acima das florescencias ou dos rescaldos das paixões.

O conspicuo archeologo, fanal e pedra angular d'aquella prestante sociedade, assim ferido no seu melindre, é pelo snr. Camillo Castello Branco considerado — um dissipador de contos de reis sacrificados á sua paixão de exhumar povoações prehistoricas!

E isto prova-se; e isto vê-se, sente-se a toda a evidencia. Dizia o poeta:

> Deus revela-nos tudo: a luz e a sombra;
> Todas as notas do concerto immenso
> Erguido em seu louvor!

E das sombras sae a luz!

Sou aqui de todo o ponto insuspeito. Não tenho a honra de manter relações com o snr. Francisco Mar-

tins Sarmento, a quem conheço apenas — e ainda assim mal — pela extensa fama dos seus altos merecimentos e relevantissimos serviços prestados ao paiz e á sciencia. Do quanto sei por informações condignas ácerca de s. exc.ª, posso affirmar que é um caracter immaculado, de uma affabilidade que prende; modesto em extremo, de uma erudição vastissima, e, sem questão, um dos mais notaveis e apreciaveis archeologos, um verdadeiro sabio, não só com extensissimos conhecimentos como «com um saber de experiencias feito».

Ouçamos o mestre:

. . . . . .

«Seguem os unicos esclarecimentos topographicos que possuimos authenticos da Citania, e explanados por quem conhece a technologia peculiar d'este ramo de sciencias. As estampas, corrigindo as incurias das lithographias divulgadas, prestam-se ao estudo das pessoas praticas em interrogar os vestigios delidos do passado; mas será bom que os interpretes não se empenhem em decifrar os enigmas que o snr. Francisco Martins Sarmento não houver lido. Este versadissimo archeologo é tão moderado em expôr opiniões suas que jámais cerra as portas ás hypotheses alheias; e tem-as ouvido curiosissimas com o seu sorriso ceremonioso. Um ou outro antiquario, d'um relance d'olhos e por palpite, lhe tem querido elucidar obscuridades que elle, entre incertezas, estuda ha dez annos com a inspecção immediata e o estudo comparativo procurado no que mais selecto lhe tem vindo do estrangeiro. Sobre ar-

cheologia é prudencia confessar que em Portugal nunca semelhante sciencia chegou a ser adulta e emancipada das verduras e balbuciações dos Estacios e Rezendes. A epigraphia teve uns cultores ex-officio que não chegaram a despir as faxas da arte infantil. Hoje começam os lavores reflectidos, á luz dos modêlos peregrinos, mas tão desajudados sequer de leitores curiosos que apenas os trabalhadores independentes e um tanto apaixonados como Francisco Martins Sarmento poderão exercital-os.»

As dispendiosas explorações na Citania, effectuadas pelo snr. Francisco Martins Sarmento sem o menor auxilio dos poderes publicos, patenteiam bem o seu amor pela archeologia, estudo de ferro, sêcco, dissaboroso, que obriga a resolver os mais difficeis problemas pelos mais apagados vestigios.

Foi por iniciativa e a expensas de s. exc.ª que ha annos as referidas ruinas foram visitadas por varios archeologos portuguezes, que tiveram por parte do illustre e indefesso investigador uma recepção verdadeiramente principesca.

Tive d'isto provas inconcussas por muitos dos convidados. Achava-me então em Vizella, bem perto do theatro das suas glorias.

Por occasião do congresso anthropologico realisado em Lisboa, a Citania foi tambem visitada por alguns sabios estrangeiros.

Francisco Martins Sarmento não tem limitado os seus estudos áquellas ruinas. Tem percorrido varios pontos do paiz, devendo-se a elle alguns descobrimen-

tos de antiguidades importantes e o conhecimento de monumentos que se ignoravam, taes como dolmens, antas, lapides, etc.

Na exploração feita á Serra da Estrella foi elle o encarregado da parte archeologica, sobre a qual me consta haver escripto um interessante relatorio, que nunca vi, mas que tenho ouvido encarecer como trabalho valioso. Os seus escriptos, esparsos por varios jornaes, são geralmente apreciados.

Penitenceio-me declarando que os não tenho lido. Se eu sou completamente leigo no assumpto!

Em Guimarães, como preito aos seus conhecimentos e aos seus benemeritos trabalhos, constituiu-se a «Sociedade Martins Sarmento», gremio excepcional em o nosso paiz e que se tem affirmado de um modo brilhantissimo.

Camillo Castello Branco considera este dadivoso instituto como um manancial de instrucção em letras e artes para abastados e para pobres.

Consta-me que tem já uma excellente bibliotheca e o nucleo d'um museu, que, segundo a opinião competente de Manoel Maria Rodrigues, dentro em breve será no seu genero o primeiro do paiz, porque Francisco Martins Sarmento, tendo concorrido muito para o seu esplendor, é incansavel em augmental-o com objectos por elle pesquizados e com outros que instantemente solicita.

Sei tambem que possue um pinacotheco, uma rica livraria profusamente povoada de obras modernas de archeologia de elevado preço; e que n'ella *entre mi-*

lhares de amigos[1] passa a maior parte do tempo, evitando o bulicio social onde é vulgar a injustiça e a ingratidão, mórmente a quem tem verdadeiro merecimento como s. exc.ª

Do seu coração piedoso é prova irrefutavel e crystallina esta publicação, que se me afigura torrencial de beneficios para a infancia desvalida.

Estes singelos apontamentos que ahi ficam consignados representam simplesmente a mais sincera homenagem a um homem de bem, meritissimo em toda a extensão da palavra. Vão pobrinhos, desataviados de enfeites, porque, consultado por mim o mestre, o meu querido mestre, elle me respondeu com a sua habitual franqueza:

«Francisco Martins é um caracter muito austero que não agradeceria incensos lançados de proposito no thuribulo.»

*

* *

Afinára, e com razão, o incansavel investigador com as arranhaduras da maledicencia, e protestára farpear a perfidia.

---

[1] Leia-se a carta dedicatoria do livro No Bom Jesus do Monte, por Camillo Castello Branco.

Resurge do amago dos tenebrosos tempos fr. Bernardo de Brito Junior a visitar o desvendador dos evos.

O leitor conhece já a historia d'este gracejo com que vai deliciar-se.

Cahiu a sôpa no mel.

Proporciona o caso ensejo favoravel aos justificados intentos.

Apura-se a indignação, e zás! tunda que te parto com as correias e camaldulas de fr. Fagundes.

—Mas quem é fr. Fagundes?

—É elle mesmo—o insultado. Prepare-se o leitor para vêr uma sapéca de mestre — uma desanda magistral. Carambolas sobre carambolas, todas jogadas por tabella: fluencia espontanea—a jorros e a granel.

E nunca as mãos lhe dôam a quem castiga alicantinas, a quem empunha o escalpello embebido em absyntho para escalavrar com elle os figados entumecidos do maldizente viperino e intencional.

E Camillo na brécha; — lenha para o fogo... E depois, com animo sereno, placido e compassivo:

—Aproveite-se o correctivo. Vá a lição para o compendio da escóla.

É celebre! Camillo Castello Branco protegendo a escóla e de mais a mais a escóla da Creche, tão inscientemente procrastinada e condemnada como inutil e irrisoria por uns homens-prosa!...

Pois ahi tendes mais um enigma decifrado n'este dedalo amphibologico.

Camillo Castello Branco nunca defendeu o obscu-

rantismo [1], como quizeram traduzir de um escaldão por elle applicado no n.º 4 dos SERÕES DE S. MIGUEL DE SEIDE. O que Camillo Castello Branco não quer, o que elle condemna é escólas sem mestres.

«Nas escólas, raras e mal installadas, perpetuam-se os odiosos regimens do velho ensino tradicional, instrumentos implacaveis do nosso abastardamento intellectual e moral. A delicadissima tarefa da educação mental das crianças é confiada por via de regra a homens inscientes e ineptos; e é sob a irresponsabilidade legal que se trucida a intelligencia e se perpetram delictos execrandos contra o saber e contra o senso commum [2].»

O saber lêr n'um paiz sem recursos não evita fomes, e até provado está que, por effeito da nossa falta de educação, ainda pelo contrario as cria e augmenta.

Os nosos aldeões, os nossos proletarios em geral,

---

[1] A transparencia do sentir do grande romancista no tocante a este assumpto vê-se nitidamente das seguintes palavras com que elle precede a dedicatoria da CAVEIRA DA MARTYR, a famosa novella que teve as honras d'um auto-de-fé em pleno seculo XIX:

Preito á virtude do trabalho, realçada pela grande moralidade da **instrucção voluntaria.**

AO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA
NO RIO DE JANEIRO
OFFERECE
CAMILLO CASTELLO BRANCO.

[2] Dr. Ricardo d'Almeida Jorge, prefacio da EDUCAÇÃO INTELLECTUAL, MORAL E PHYSICA, de Herbert Spencer.

entendem que pelo facto de saberem lêr não se devem mais sujeitar a certos e determinados trabalhos, aspirando logo a empregos rendosos e de facil desempenho; e d'ahi o grande mal que Camillo Castello Branco pôz em relêvo.

Derramada porém a boa e apropriada educação por todos os cidadãos, cessará o prejuizo.

No *modus faciendi* está por sem duvida a santidade do principio. De boa semente bom fructo. Do amanho da terra depende a sua producção.

Emquanto os governos não cumprirem o dever de considerar e melhorar as circumstancias do paiz, promovendo o adiantamento das artes em completo olvido, zelando e auxiliando o aproveitamento das riquezas naturaes, os seus habitantes, sem proporções para desenvolver a sua actividade, não poderão de fórma alguma tirar proveito do ensino, nem tão pouco dos seus esforços, por mais valentes que sejam.

O paiz deve ter escólas e n'ellas educar os seus indigenas, preparando-os para serem lavradores, jornaleiros, pedreiros, carpinteiros, trolhas, marceneiros, sapateiros, alfaiates, barbeiros, pintores, *brazileiros* se quizerem, visto que o Brazil é a primeira das tres potencias industriaes em Portugal, velando porém que todos os trabalhadores e artistas tenham facilidade em obter trabalho, que a lavoura tenha sempre braços uteis, que esses braços encontrem sempre remuneração condigna nas fabricas, nas officinas, em todos os misteres da vida; que não precisem emfim de emigrar para poderem viver independentes d'umas contingencias que têm os

nomes de *fome* e de *nudez*, como ora acontece aos que lêem e aos que não lêem.

Sem estes elementos, concordemos, a escóla não aproveita; a escóla será uma inanidade porque a vida, a propria vida, se converte n'um materialismo bruto, sandio, n'um vegetar de tortulhos sobre o alastramento de podridões infectas, incompativeis com a luz.

A escóla da Creche, como eu a desejo e como é força que seja, abre uma nova era de educação popular e de garantias sociaes.

Ella deve ser toda objectiva, sympathica, agradavel á criança, attractiva e maternal.

Perguntem a Rodrigues de Freitas como ella deve ser, porque elle sabe o meio de tornar proficuo, ameno e recreativo o ensino das crianças.

Desde o berço acostuma-se a criança ao estudo pratico, ao amor do estudo, ao amor do trabalho, ao amor de Deus e ao amor do proximo.

Eu mesmo, na qualidade de presidente da direcção da Creche de S. Vicente de Paulo, honra que acabo de resignar peremptoriamente [1], iniciei alli um simulacro

---

[1] Não foi esta a unica presidencia que assim renunciei. Como é geralmente sabido renunciei tambem a presidencia da direcção do Palacio de Crystal e a da Real Associação Commercial de Beneficencia no Porto, sem que por isso tenha deixado de advogar a meu modo os interesses d'estas associações a que me honro de ter pertencido; e teria continuado á testa da sua administração se porventura o meu espirito se podesse amoldar e conformar com as ideias que hoje vogam na sociedade e que no meu entender conspiram occulta e lentamente para um grande cataclysmo.

Praza a Deus que o meu vaticinio seja uma illusão e que o bem geral,

de escóla, arvorando-me em professor! Eu e uma velha empregada, quasi analphabeta, desempenhavamos a parte litteraria!... Ella ensinava as crianças a conhecer o abecedario e eu fazia-lhes as minhas PRELECÇÕES!...

Á snr.ª regente, D. Maria Rita da Conceição, a mais preciosa reliquia d'aquella innocente colmeia de amor, competia a parte religiosa — padre-nosso, ave-maria, salve-rainha, etc. etc. Faltava-me só a parte cantante, essencialissima para poder aqui dizer que já um dia fizera coisa de geito. *L'aube vient en chantant et non pas en grondant.*

Quando eu entrava, cahiam todas as crianças sobre mim como abelhas sobre melaço, voz em grita:

— *Seu pesidente,* eu já sei muito!

— Vamos lá. Quem sabe mais?

— Sou eu, *seu pesidente,* respondiam todos os que estudavam e não estudavam; até o Pedro, — o ceguinho — que tambem pretendia saber! Pobre Pedro!

E prompto, um rebuçado a cada um pelas boas no-

---

o bem de todos, se traduza n'uma realidade desmentindo solemnemente as minhas apprehensões.

E, porque a occasião se me depare favoravel, direi de passagem aos meus ex-collegas na direcção da Creche que se realmente desejam mais inteira *justificação* da minha sahida, como se póde deprehender do seu ultimo relatorio, escusam de perscrutar a consciencia alheia, visto como estas coisas pertencem ao fôro intimo de cada um... Se alguns dos meus referidos ex-collegas sentirem remordimentos, a culpa não é minha, mas do renhir das paixões pequeninas e odientas e do fel dos prejuizos humanos... *Suum cuique.*

vas e excellentes disposições. O Pedro tinha sempre dóse dobrada.

Os compendios dava-os eu. Tinham umas figurinhas seductoras.

As crianças baptisaram-n'os com o nome de *gato-veado.*

Nos figurados eram as primeiras estampas um gato e um veado.

Eu tinha, d'experiencia com meus filhos, que os abecedarios assim illustrados são tentadores.

— Vamos á lição.

Soletra um em voz alta:

— *M e*, me; *n i*, ni; *n o s*, meninos.

— O que são meninos?

— São meninos, respondiam todos triumphantemente, apontando-se uns aos outros e o quadrinho do compendio, esfusiando um tiroteio d'argentinas gargalhadas.

— Para que servem os meninos?

— *P'r'ó* Creche, respondiam ainda todos.

Já vêem que andavam atrazaditos em grammatica, porque as mães se obstinam em masculinisar aquelle reflexo do amor divinal, e o ensino da mãe grava-se fundo no espirito da criança.

— O que é a Creche?

Silencio geral — geral estupefacção.

E então lá ia, consoante o humor do momento, maior ou menor, melhor ou peor, a prelecção do *mestre* (!) acompanhada de novos rebuçados, que produziam sempre mais luz que toda a minha rhetorica.

Eu creio que o leitor dispensa a summula d'estas lições. Está farto de me ouvir dizer que a Creche é a mais bella, pura e santa das instituições humanas, quando quem a dirija saiba comprehender os deveres d'uma boa mãe — que tenha a meiguice nos olhares, a doçura nos labios, os mais candidos attractivos e as mais ternas fascinações em todos os seus gestos; cantos suavissimos, beijos de verdadeiro amor, ensinamentos luminosos dentro do coração que deve ser o fóco de todos os affectos e de todos os carinhos, pois que o coração da mãe é a primeira escóla,

. . . . . o sacrario da escóla,
O ninho onde o futuro ensaia os vôos seus!

«São os cerebros pueris cera molle, em que o bom e o mau se imprimem com igual facilidade e deixam cunho que tarde ou cedo nunca se desvanece.»

É por isto que na Creche, de par com o agrado constante, deve a criança beber purezas de arminho no tocante a costumes.

Acabou este tentamen d'escóla que tão bons fructos ia produzindo, e acabou porque... porque...

A luz que eu assim a esmo e á FARTA derramava, de duas uma... ou cegaria as crianças, hypertrophiando-lhes o espirito [1], ou preparava uma futura alluvião de

[1] A Creche de S. Vicente de Paulo recebe crianças até á idade de seis annos. Os meus tres filhos, da idade de quatro annos, liam muito correntemente; o mais velho, aos seis, tinha uma nitida comprehensão da musica e tocava piano com certo desenvolvimento. Nenhum d'elles, apesar da educação precoce, se quizerem, soffre por isso de rachitismo.

clamadores contra os demasiados privilegios da Companhia das Aguas, na camara dos deputados e até na dos pares, onde hoje entra tudo, pares sem par, que eu guardo fé por honra de nós todos, ficarão impares.

Depois se a minha escóla não acaba — outro perigo! — corria risco o meu cadaver — honras posthumas — de morrer segunda vez, afogado na inundação das lagrimas de saudade das mães, das avós, bisavós e trisavós dos meus *discipulos!*

Olhem que popularidade esperava depois de morto o homem que em vida fez sempre voto de humildade, olhando com supremo desdem para os agaloamentos mundanaes!

As azas de Icaro derreteu-as o sol.

Eu só lamento ter acabado a modesta escóla antes de ensinar ás criancinhas a lenda que desmente o egoismo do adagio: *Livre-te Deus dos males, que dos bens te livrarei eu.*

Vingo-me porém impingindo-a ao leitor, que me permittirá rematar a minha historia profissional, pedindo-lhe que levante a escóla da Creche, auxiliando-a com a sua bemditosa esmola.

«Nutre a alma, engrandece o espirito e nobilita o coração quem concorre para a educação das crianças e as torna creaturas prestadias.»

Heureux l'enfant laborieux...

LENDA

Em tempos que já lá vão, quando os apostolos de Christo se disseminaram pelo mundo na propagação da religião do amor, passando por uma aldeia, notaram um velho pegureiro a tratar com esmero e afan de uma arvore de sombra, á beira d'um caminho.

— Abençoado sejas, disseram Pedro e Paulo. Hemos de recommendar-te ao *Senhor*.

E seguiram seu destino.

Ouviram-n'os dois Cains, irmãos do pegureiro, e foram-se — que alarvaria! — com bruta sanha á arvore do bem, ao

. . . . . tenro e novo ramo florescente
De uma arvore de Christo mais amada,

e com rigido *machado*, um *machado* boto e cego, reduzem a arvore a lenha e lançam-lhe alfim por cima dos destroços um *brandão*, — funebre *brandão!* — que algum gato-pingado, em noite escura, ao voltar do enterro alli deixára ardendo ainda, e reduzem a cinzas tudo quanto gôtta a gôtta o orvalho do céo benefico creára.

O pobre do pegureiro, ao vêr o desolamento, lastimava a selvageria dos irmãos, quando passa uma companhia de bardaristas em procura de dois pastores para guardar os rebanhos do imperador byzantino. Que honraria n'aquelle tempo, se ainda hoje quanto pitosga ha

bebe os ares por empreguinho, gratis que seja, comtanto que o levante uma pollegada ao menos acima do raso nivel que a natureza lhe traçou!

— Vem-te tu d'ahi, homem, disseram ao lastimoso pegureiro os bardaristas. Chove-te em casa a felicidade.

— Levai meus irmãos, respondeu elle; e por feliz me tenho se felizes os puder vèr longe de mim.

E os Cains, pasmados, aceitaram a galhardia do irmão bizarro, e lá se foram caminho das illusões e das grandezas...

E mal voltaram costas ao lar, a arvore, que elles haviam destruido, renasce das suas raizes louçã e vigorosa, como a Phenix da fabula, cobrindo-se de fructos dulcissimos.

*

* *

Vou abusando em demasia da nimia bondade dos leitores, ultrapassando por certo os limites do razoavel. Peço, não obstante, mais um momento de attenção e complacencia, invocando em meu favor as palavras de Guilherme Braga:

> Lá nas soidões da Hyrcania, entre o chacal e o tigre,
> Se leva um filho ao collo, a mãi póde passar.

*

Ora, se isto se dá entre feras, mais confiado vou eu seguindo a minha derrota porque, além de me não achar na solidão d'um descampado, levo commigo, em vez d'uma, duas crianças, dois filhos queridos que me servirão de égide — a Creche e o Hospital Maria Pia, qual d'elles mais sympathico, mais attrahente, desatando-se como á compita em bandos de avesinhas implumes a acolherem-se á sombra da vossa benemerencia e da vossa philantropia.

A Creche coube-me como que por herança de familia ha uns bons quinze annos. Bafejára-lhe o nascimento meu irmão dr. Antonio Ferreira Moutinho, coadjuvado por todos os respeitaveis membros da primeira direcção a que presidiu, nomeada pelo seu inclito e immortal fundador João Vicente Martins, de saudosissima memoria [1].

Dependia então do maximo carinho e solicitude a nascente instituição, ainda nas faxas da infancia. E a nada se poupou o adoptivo pai que, além de constantemente lhe fornecer meios de sua casa, angariou-lhe valiosos patrocinios para que ella superasse o acervo de

---

[1] Camillo Castello Branco fez parte d'esta direcção conjuntamente com meu finado irmão José Ferreira Moutinho, que tão bons serviços prestou e tão dedicado foi sempre á Creche. Ao relembrar estes factos, recordam-se-me sempre estes versos de Horacio:

Hos ego versiculos feci
Tulit alter honores.

difficuldades que se lhe antepunham á marcha [1], conseguindo, á custa de esforçados sacrificios, ir alimentando aquella estancia de amor, até que almas predestinadas se amiserassem d'ella e para ella fizessem convergir a benefica corrente da caridade publica, que lhe imprimiu a robustez e o vigor indispensaveis para poder desdobrar o seu manto de protecção sobre centenas de familias que do alto do seu reconhecimento bemdizem e abendiçôam todos quantos, protegendo a Creche, lhes levaram, no trabalho, o conforto e bem-estar do lar domestico [2].

A Creche é indubitavelmente o mais viçoso e perfumado dos jardins da caridade nos densos matagaes do infortunio, — refrigerio consolador nas desolações da miseria.

Eu tenho tido innumeras occasiões de apreciar de perto a efficacia e o alcance da sua benefica influencia, pois ha quinze annos que procuro corresponder á confiança do irmão que tanto prezo. E, não obstante ter entendido por conveniente renunciar a tutela do filho do seu coração, que eu igualmente perfilhei, amando sempre o tutelado, não cessarei, emquanto vivo, de lhe pres-

---

1 Leia-se o epilogo da CRECHE escripto por Camillo Castello Branco.

2 Sem offensa a todos os benemeritos bemfeitores da Creche de S. Vicente de Paulo, seja-me permittido exarar aqui, ainda mais uma vez, um testemunho publico de reconhecimento aos snrs. Freitas & Azevedo — insignes protectores d'esta pia instituição — pelo muito que têm cooperado para o seu desenvolvimento e prosperidade.

tar todo quanto apoio a minha desvaliosa inutilidade lhe possa consagrar.

E a prova é esta: é que aqui estou d'alma e vida continuando com a mesma dedicação a impetrar uma esmola para ella e para o Hospital de Crianças, que considero a sua corôa de benesses.

Ao Hospital de Crianças devo eu, além do natural affecto, o cumprimento d'um voto intimo — sacratissimo — que fiz de mim para mim, depois que a instancias minhas o snr. Antonio Julio Machado, digno emulo do Mecenas dos amadores de musica — o principe Petrowski — iniciou a sua primeira diversão artistica em beneficio dos dois estabelecimentos, diversão monumental que o ha de immortalisar, e tão prolifica que ainda hoje fructifica dando origem a este livro.

Com o coração pulsando de enthusiasmo e reconhecimento e as mãos ardentes ainda dos mais phreneticos applausos, tracei eu uma imperfeita descripção d'esta singularissima festa, principiando assim:

> ..... faremos justiça assim como justo fôr.
>
> GONÇALVES DIAS.

Soberbo, imponentissimo, sumptuoso e deslumbrante, magestoso e magistral, enthusiastico e commovente, cravejado de esplendores, emfim, o sympathico torneio artistico em beneficio do *Real Hospital de Crianças Ma-*

ria Pia e da *Creche de S. Vicente de Paulo*, realisado em a noite de 14 d'abril no theatro Gil Vicente do Palacio de Crystal! — convertido em sala particular de um dos mais conspicuos e distinctos ornamentos da sociedade portuense, o illustre *virtuose* snr. Antonio Julio Machado.

Um enlêvo, uma maravilha aquella nota d'uma suavidade encantadora que percorreu unisona e vibrante a extensa gamma de todas as harmonias do bello e do sublime!

Nos fastos diamantinos e gloriosos da caridade portuense não se gravou ainda (nem decerto se gravará) pagina mais condigna e meritoria, mais levantada e ponderosa do que aquella onde incidiram todos os feixes de luz vivissima e civilisadora, alimentada pela mais pura e pulchra inspiração do bom e do justo — um conjunto de consonancias e attractivos; de vocações e esforços; de excellencias e primores; de affectos e desprendimentos: a bizarria no seu auge, a dedicação no seu acumen, a caridade em todo o seu fulgôr: — depois, bellezas, graças, galanterias; a fidalguia em relêvo: a aptidão em realce; primores de talento, scintillações, agudezas, avigoramentos de espiritos solidos, privilegiados... e ainda, no esbatimento do quadro, uma perseverança tenaz, admiravel: uma constancia firmissima, evangelica, superior a todos os golpes e contrariedades, a todos os caprichos e ambições; um colosso de consciencia e paciencia, como rocha inabalavel erguida á beira-mar, impassivel a todos os accommettimentos, aos choques de todas as tempestades e aos embates e

violencias das ondas de todos os oceanos, encapellados pela furia dos vendavaes...[1]

---

[1] Por todas estas considerações e devendo coincidir a publicação d'este livro com a annunciada e sempre appetecida visita de SS. MM. e AA. a esta cidade, entendi que seria de geral agrado, em honra dos augustos hospedes, a repetição do *Barbeiro de Sevilha*, com o mesmo esplendor com que se dera e ainda em beneficio dos dois sympathicos estabelecimentos.

Contando seguro com a benignidade do meu dignissimo amigo snr. Antonio Julio Machado, dirigi-me afoutamente a este cavalheiro, pedindo-lhe com toda a instancia o deferimento d'este empenho, que para elle importava um enorme sacrificio.

Não desconhecia eu a grandeza do pretendido obsequio, cuja minima consequencia seria a quebra d'um protesto justificadissimo.

Antonio Julio Machado, sempre magnanimo, accedeu generosamente ás minhas instancias. Animado com tal protecção tratei immediatamente de obter o apoio da commissão editora d'este livro, para fazer face a todas as despezas inherentes á representação.

Nem uma só recusa d'aquelles a quem fallei.

A maioria absoluta acquiescera a que a festa se fizesse com o maximo luzimento, independentemente de qualquer contribuição dos cofres dos dois estabelecimentos. A concessão de resto era segura — infallivel.

Prosegui, já agora satisfeitissimo, porque tinha conseguido muito.

A maioria dos amadores a quem fallei, foram accordes, e com a melhor vontade, em prestar o seu apoio a festa de tanta magnitude.

Dois oradores notabilissimos prestaram-se francamente a abrilhantar o sarau com a sua palavra eloquente.

Mr. e M.me Sabbatini prestaram-se tambem de bom grado a auxilial-a com o seu muito merecimento e direcção.

Restava combinar os meios de levar á pratica o *desideratum* geral — e para isso convidei o snr. conselheiro Arnaldo Braga, que eu considero um benemerito do Hospital de Crianças Maria Pia, a comparecer em casa do snr. Antonio Julio Machado.

Alli, mostrando s. exc.a o maximo contentamento por tão importante beneficio, observou: que tendo-me eu retirado da presidencia da Creche, poderia a respectiva direcção melindrar-se com esta minha interferencia...

Não sendo meu intento assoberbar a ninguem, nem privar a ninguem de prestar aos estabelecimentos que administram os seus bons serviços — deliberei immediatamente ceder do meu proposito.

E volto aqui a tratar do assumpto, sómente para justificar o meu pro-

E por aqui adiante, n'este seguimento manco e còxo de engenho [1], mas que teve a fortuna de chegar até Seide, d'onde se lhe não fez esperar o applauso consolador n'uma phrase adoravel e consagrada — *não cesse.*

A caridade é o palladio das gerações perfeitas e Camillo Castello Branco é lustre d'essas gerações.

O bem encontra sempre n'elle a mais franca animação e o mais decidido apoio.

E mal tinha eu tempo de guardar em especial escrinio a apreciavel carta do extremoso amigo, já o correio me entregava outra com o offerecimento d'este livro em beneficio das minhas criancinhas — reza assim o texto — ; e eu, em homenagem á verdade, devo dizer «mais das d'elle do que das minhas», porque muito antes de mim e muito mais valioso protector da Creche foi o venerando mestre, quando ella, por desconhecida, ao soltar os primeiros vagidos, além d'um indifferentismo esmagador, soffria uma guerra, senão pouco leal, ao menos declaradamente estupida.

N'esta segunda carta accentua o condolente bemfeitor: «Só ligarei valor aos meus escriptos depois que el-

---

cedimento n'esta conjunctura, visto ter asseverado, sem reserva, que preparava um festival para o dia da entrega d'este livro a SS. MM. e AA.

A todos os cavalheiros e senhoras que se dignaram auxiliar-me na projectada festa, e muito especialmente ao snr. Antonio Julio Machado, os sinceros protestos da minha gratidão e reconhecimento.

[1] A Historia de Il Barbieri di Siviglia no campo da caridade: *Jornal do Porto* de 28 d'abril, 11 e 12 de maio de 1887; Sonhando: *Commercio Portuguez* de 8 de maio de 1887.

les circularem convertidos em moeda para as crianças.»

Decifrem esta charada os seus gratuitos accusadores e lembrem-se das trovoadas sem raios do nosso padre Antonio Vieira, emquanto eu admiro e applaudo o feito conspicuo do caridoso escriptor, folgando com vêr já convertidos os seus escriptos em orvalho de fino ouro rociando os berços da Creche e as mantilhas do Hospital.

Não se invoca debalde a caridade portugueza; eu posso asseveral-o e garantil-o, porque tenho d'isso sobejas e inconcussas provas; e, segundo a opinião do *Commercio do Porto*, — sempre para mim benevolente, — no caminho de pedir esmola para os pobres levo já muita distancia feita. Mas, ao menos, com orgulho o digo, nunca virei o rosto ao bemfeitor após o beneficio e, pelo contrario, apraz-me, sempre que o recebo, beijar reinhecido a mão que m'o dispensa.

E isto faço aqui mais uma vez a todos quantos se amercearem das florinhas do porvir, dando-lhes luz, conforto e remedio.

Snr. visconde de Correia Botelho, o livro por v. exc.ª confiado á minha inaptidão, vai correr mundo sob os grandes auspicios do seu nome glorioso e aureolado, pelo que póde assegurar-se-lhe seguro triumpho e bom exito; mas além d'isso garante-lh'o mais a incendrada devotação de um punhado de admiradores das suas virtudes e do seu talento.

Esmerado e primorosamente impresso pelos dignos proprietarios das mais notaveis e conceituadas typogra-

phias do Porto; editado e protegido entre nós por um grupo de cavalheiros distinctissimos, e no Brazil, desde já, pelo nobre conde de S. Salvador de Mattosinhos, digno representante dos nossos irmãos d'além-mar, illustrado por artistas de preconisado merito, o livro de v. exc.ª, antes de vir a lume, representa já agora um alto valor intrinseco e um donativo importante.

Factos d'esta ordem, snr. visconde, redundam n'uma epopeia d'acclamações. É a continuação do grande dia da justiça, que teve a sua aurora no parlamento portuguez.

Maldizem uns e glorificam outros, porque, como a razão clama o que é justo, desperta o merito a inveja dos pequenos.

E vem de molde, snr. visconde, e deve ser-me desculpavel um abuso em justificação do que affirmo — abuso que, se por um lado me eleva muito em conceito, porque uma carta de Vilhena Barbosa é para mim um brazão, por outro, significando ella uma reverencia de magestade para magestade, por si mesmo me absolve da culpa, pois fôra crime de lesa-ingratidão esconder nas estreitezas do secreto o que é digno de preluzir no orbe á luz de todas as intelligencias:

«Prezadissimo amigo.

Consta-me, pelos jornaes, que os snrs. Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmento offereceram a v. um livro por elles escripto, para o seu producto ser

distribuido por asylos de crianças, e que v. destina essa importantissima esmola em beneficio da escóla da Creche e do Real Hospital de Crianças Maria Pia.

Conhecendo o zelo e efficacia com que v. se tem dedicado a proteger por todos os modos possiveis aquelles dois estabelecimentos de caridade, envio-lhe com verdadeira satisfação as minhas sinceras felicitações por tão valioso donativo.

Congratulo-me com o nosso paiz, porque d'aquelle pensamento generoso resultará tambem um novo lustre para a litteratura patria.

Será recebido com anciedade, certamente, e lido com prazer por quantos prezam a boa leitura, o livro collaborado pelo snr. Camillo Castello Branco, nosso primeiro e fecundo romancista, critico intelligentissimo, mestre da lingua portugueza, a quem se póde chamar eximio artista litterario, pois que pinta quadros admiraveis de composição, de colorido, de luz e de verdade, servindo-se da penna em logar de pincel, e, em vez de tintas, da opulencia e esplendores do formoso idioma nacional; e pelo snr. Martins Sarmento, archeologo distincto e infatigavel, benemerito das letras e da sciencia pelos seus differentes e importantes estudos a que tem dado publicidade, pela perseverança, dispendio e acerto com que logrou resuscitar e fazer conhecida dos sabios a soterrada Citania; e, emfim, pelos variados serviços que tem prestado aos progressos da civilisação na sua terra natal, que se ufana de ter sido o berço do nosso primeiro rei.

Appareça, portanto, o livro, e a sua extracção será

rapida e proficua em beneficio das duas sympathicas instituições. Os nomes illustres dos seus auctores asseguram este resultado. Já vê que me sobram motivos para felicitações muito cordiaes.

Creia-me invariavel

De v.

amigo affectuoso

Ignacio de Vilhena Barbosa. »

*

* *

Creio piamente na prophecia do vernaculo escriptor e egregio archeologo snr. Ignacio de Vilhena Barbosa, ao qual me é grato testemunhar aqui, ainda mais uma vez, os meus sentimentos de respeito e gratidão; creio devéras que este livro venha a ser um manadeiro inextinguivel para a escóla da Creche e para o Hospital de Crianças Maria Pia, tão util quanto infelizmente necessitado, porque demandando um capital relativamente grande para facear as despezas da sua sustentação, carece absolutamente de fundo para poder progredir na sua missão sublime.

A Creche vai-se salvando nas azas da caridade, brilhando já irradiante entre outras constellações, mas

não conseguiu ainda completar-se: falta-lhe a escóla. falta-lhe o hospital.

Creche sem escóla é ave sem vôo, vôo sem espaço. espaço sem luz, luz sem brilho, brilho sem expressão. expressão sem energia, energia sem actividade, actividade sem esphera, esphera sem amplitude: —o acanhado, o rachitico, o improlifico.

E se assim é a Creche sem escóla, que não diremos da Creche sem escóla e sem hospital?

Fructo sem succo, succo sem sabor, sabor sem doçura, doçura sem graça, graça sem espirito, espirito sem norte, norte sem alma. Corpo sem calor, calor nostalgico — deprimente; vida sem esperança — esperança tenebrosa, afflictiva... a consciencia da tortura nos negrumes do horisonte.

No seculo XIX, quando se levedam, fermentam e expandem philosophias; quando se corrigem, depuram e revigoram crenças; quando o artista invade e conquista logar preeminente no alcaçar das sciencias e n'ellas embebecido, n'ellas arraigado e incarnado se desentranha em prodigios que continuam e pulem e realçam a obra-prima do Supremo Architecto, alpha e omega que levantou os Alpes e os Andes; quando o ferro, que outr'ora servia de machina destruidora e flagellante, disputa malleabilidades á gomma elastica, filigranamentos e primazias ao ouro, branduras e flexibilidades á cera, tornando-se indispensavel e utilissimo á vida e á humanidade, ora arqueando-se em alterosas e extensas pontes sobre caudalosos rios ou profundos abysmos nos recortes das montanhas, ora distendendo-

se em trilhas por onde deslisa a locomotora do progresso, avisinhando distanciados povos, estreitando largos continentes, correndo sempre veloz como o pensamento e serena como o vôo da aguia adejando no espaço, — por vezes convertido nos mais delicados e phantasiosos recamos, desde o imperceptivel até o colossal, e que tanto diz bem guarnecendo o niveo collo d'uma virgem, como no abside e nos ediculos de uma basilica, nos cabellos d'uma criança ou nas retorcidas columnas, nos formosos capiteis corinthios, em vigas encurvadas pelas abobadas do templo ou do palacio, do museu ou do pantheon: no seculo chamado *seculo das luzes*, quando a sciencia escogita e extrae da natureza attributos, accidentes e substancias; quando, através das mais densas camadas da terra se vai perquirir nas suas entranhas a verdade do passado, delida e velada pela noite dos seculos; quando a humanidade se constitue e organisa, apertando-se em cordial amplexo, erguendo-se á altura do Calvario para restituir á cruz, florejante labaro civilisador, o prestigio da remissão no campo da batalha [1]; quando a caridade se impõe como religião universal e o livro se converte em apostolo d'essa religião, é de pasmar que, na cidade do Porto, onde demoram a condolencia e a philantropia, careça ainda de alicerces e de colmo, base e cobertura, o albergue da saude para a criança que adoece.

---

[1] Convenção internacional de Genebra — Agosto 1864. Viventissimo e intensissimo protesto contra a barbaria das guerras.

E isto quando de tempos immemoriaes se fórma um mealheiro de contos para garantir remedio e consolo á humanidade enferma desde o berço até á campa.

Parece incrivel, mas é exacto e evidente: triste verdade!

E no Hospital Geral de Santo Antonio, onde têm fulgurado e fulguram altas illustrações do nosso paiz, gastando-se diariamente rios de dinheiro em pesadas e informes massas de pedra, ninguem se lembra de emendar a mão á mais crua e crassa das impiedades, ao mais estulto e injustificavel dos abusos, — porque é um abuso atroz negar abrigo, leito e remedio á criança que necessita e que padece [1].

---

[1] No interessante relatorio, elaborado pelo digno Provedor da Santa Casa da Misericordia, o snr. conde de Samodães, relativo ao anno de 1886-1887, discutido e approvado em Mesa, Definitorio e assembléa geral, lêem-se as seguintes palavras:

«As portas da Misericordia estiveram sempre patentes para soccorrer todos os necessitados sem distincção de procedencia, de nacionalidade e de religião.

«Quando se fallar na Misericordia do Porto, diga-se antes Misericordia de Portugal, ou talvez Misericordia do mundo inteiro.

. . . . . .

«Em quanto a Misericordia tiver meios não recusa a sua protecção a ninguem.

. . . . . .

«E quem se lembrar com suas esmolas para auxiliar esta casa, póde estar certo que faz uma offerta que ha de aproveitar tanto aos estranhos como aos visinhos.»

Acaso não fará tambem parte da humanidade a classe das crianças?

Não pertencem ellas á população do mundo inteiro?

Como se comprehende a caridade!

Os bemfeitores d'aquelle grande instituto não baniram nunca jámais do banquete da sua alta munificencia o germen da humanidade. Confiaram sempre na lucidez da administração da Santa Casa, á qual legaram seus bens e fortunas para que ella désse ao óbolo da sua piedade o devido e salutar destino, tendo por convicção que não ha nada mais transcendente e mais levantado que o acudir á criança enferma, presa nas garras da desgraça; porque a criança, como a hera,

dá vida a quem lhe deu vida,
força a quem lhe deu vigor.
. . . . . .

Devia, pelo que se lê, acreditar-se que a Misericordia do Porto recebia em seu seio as crianças enfermas, mas não, não as recebe.

Será porque as considerem anjos do céo?

Convenho que o sejam, mas ellas habitam n'este orbe terraqueo, onde, pelo effeito do peccado original e muitos dos nossos erros, ellas soffrem e padecem como qualquer peccador; e aqui no Porto muito mais que em parte alguma, porque as vejo banidas da misericordia dos homens.

Os selvagens, os proprios anthropophagos respeitam a vida das crianças.

Entre um louco, um lazaro, um cego, um rachitico, um decrepito; entre um invalido, emfim, de que nada tem a esperar a sociedade, e um sêr que desponta e que com razão é considerado o sustentaculo e a esperança da familia e da patria, entendo eu que não ha motivo justo para que se protejam os primeiros e se excluam os segundos.

Eu não desejo — longe de mim similhante ideia — que se abram enfermarias para crianças no Hospital Geral de Santo Antonio, que não tem absolutamente as condições precisas para receber as infantis creaturas, accommettidas de molestia, porque o seu ambiente pesado e morbifico matal-as-hia em vez de cural-as, mas o que desejo, o que peço instantemente — e d'aqui

São como as heras viçosas
os filhos do nosso amor.

Sim, a criança é qual hera nas sociedades, que inquinadas, oscillantes, velhas e gastas, suspensas, alcandoradas sobre o abysmo da aniquilação n'elle se afundariam de vez, se ella,

. . . . a hera robustecida,
de lembrada e generosa,
mettendo hombros robustos
aos largos muros adustos,

lhes não prevenisse a derrocada, amparando-as, robus-

---

invoco em favor das pobres criancinhas a valiosissima protecção da imprensa, que é a primeira alavanca do progresso — é que a zelosa administração da Misericordia, comprehendendo bem a sua alta missão, reconheça a necessidade de remediar uma incuria que é um verdadeiro epigramma á religião e á caridade recommendada no Evangelho.

Fundem portanto um novo hospital destinado a receber estes germens das futuras sociedades. E se porventura não têm meios sufficientes para a realisação do grandioso pensamento incarnado no art. 2.º do seu Compromisso, não desprezem nem descurem o Real Hospital de Crianças Maria Pia, ainda nascente, mas já uma gloria; auxiliem-no pelo menos dando-lhe casa e alguns subsidios com que a dedicada direcção possa fazer face ás suas grandes despezas, afim de continuar este utilissimo instituto a supprir a triste lacuna que se nota no Hospital Geral de Santo Antonio desde a sua instituição.

É inadiavel este assumpto.

Pensem, reflictam maduramente na iniquidade do facto. Meditem por momentos n'esta tristissima conjunctura: a mãi, que vive do seu trabalho e que tira da sua energia afamosa a sustentação do seu lar, adoecendo-lhe o

tecendo-as, revivificando-as com o alento das suas esperanças e com a esperança do seu vigor.

Salvemos, pois, a criança; curemol-a, acarinhemol-a, guiemol-a, e teremos garantida a sorte do futuro.

A criança é o alicerce do porvir.

De que vale recolher a criança á Creche sob telhas douradas, se lhe não dermos luz para que ella as veja e aprecie?

E de que vale darmos-lhe a Creche no estado de saude e negar-lhe remedio e conforto nos desconfortos e nas agonias da doença?

A escóla e o hospital são complementos da Creche.

---

filho, levada do desespero, ou ha de esmagar-lhe a cabeça d'encontro aos degraus do hospital, fechado ás suas ingentes necessidades, para poupar-lhe maiores tormentos, ou ha de deixal-o morrer victima da fome e da miseria, condemnada pelo estoicismo da sociedade a ser testemunha passiva d'este quadro verdadeiramente cruciante. A mãi tem direitos sagrados á salvação da vida de seu filho. A sociedade tem obrigação moral de a proteger e amparar.

Cumpra cada um o seu dever.

O art. 2.º do Compromisso da Misericordia é muito explicito:

Art. 2.º Esta Irmandade tem por fim a pratica da virtude christã da caridade, assim no culto divino, como principalmente em actos de beneficencia e obras de misericordia, para o que tem actualmente, além da sua igreja e accessorios, os seguintes estabelecimentos humanitarios:

. . . . . .

« os quaes consoante o auxilio das pessoas caritativas e as forças do seu cofre permittirem, se esforçará assim por conservar e melhorar, como por augmentar pela fundação d'outros novos igualmente de beneficencia e caridade. »

*

como a Creche é lustre da caridade, e a caridade é alma do christianismo.

*

* *

Basta; fiquemos por aqui, porque a jornada vai longa, excessivamente longa; e o leitor, que tão pacientemente se dignou acompanhar-me, precisa dessedentar-se, da sequidão do deserto, na frescura d'um oasis.

Vou, pois, ter a honra de proporcionar-lh'o, correndo o reposteiro e apresentando-lhe o delicioso manancial preparado pelos geniaes cultores da litteratura patria, os snrs. Camillo Castello Branco e Francisco Martins Gouvêa de Moraes Sarmento, as duas esplendidas personalidades que se destacam a toda a luz no plano d'este livro. O meu concurso será porventura a grande macula na limpidez d'essas paginas inimitaveis; mas eu fui compellido a precedel-as, e devo, por esse facto, ser absolvido da culpa involuntaria.

Afortunada culpa, todavia, que se depura na boa vontade com que lidei por exhibir aos leitores — senão brilhante, ao menos sinceramente — os magnificos trabalhos que vão seguir-se e que se desatarão em saborosos fructos, em assazoada colheita de beneficios a favor d'uma Creche e d'um Hospital, — o ninho dos innocentes e o grabato das suas dôres — os dois pólos da vida

humana que mutuamente se repellem e mutuamente se attrahem, do mesmo modo que nas alturas se observa o claro azul, quando as caligens o não empanam.

As crianças, tornadas homens e reconhecidas á generosidade dos que por ellas combateram este bom combate, crystallisarão em lagrimas a abençoada esmola, e essas lagrimas irão cahir, como chuva diamantina, sobre a memoria dos seus benemeritos protectores.

Está cumprido o dever.

Porto — Junho de 1887.

JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO.

Fazer um livro para propugnar uma doutrina, póde ser a maxima das vulgaridades; mas engendrar um livro e distribuil-o para supplicar uma esmola, é a mais prestigiosa, a mais edificante das surprezas.

Alves Mendes.

O livro que segue é grande pelo que vale, e maior pelo que representa. Do mesmo modo que do pollen microscopico d'uma bem simples cryptogamica resurge a bella fronde d'um feto magestoso, assim a provida semente d'esta esmola poderá vingar em fructo civilisador, humano e caritativo: **Escóla** que alumie cerebros, e **Hospital** que distille balsamos.

ESTUDOS

DA

VELHA HISTORIA PORTUGUEZA

HOMENAGEM

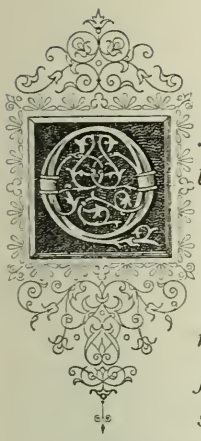
DA

IMPRENSA CIVILISAÇÃO

MDCCCLXXXVII

Pueri ludunt.

Arte do Pereira.



. . . . . .

QUEM hoje organisasse uma HISTORIA DE PORTUGAL *vasada nos moldes largos e pittorescos do historiador immortal frei Bernardo de Brito, podia contar com mais 10:000 subscriptores do que o snr. João Bonança, historiador critico da Lusitania e da Iberia.*

*Aquelle monge cisterciense era genio portuguez de raça, com a mais imbrincada fantasia bysantina, e um amor de patria que transpunha as fronteiras do reino e as do senso-commum. Ora, a alma portugueza, desde frei Bernardo de Brito até nós, não mudou, graças a Deus. Alexandre Herculano quiz aluir-lhe o pedestal; mas a cleresia e você tambem * pozeram hombros á estatua, e ella manteve-se inabalavel como a cavalgadura de bronze da Memoria do Terreiro do Paço.*

Vocês, os escriptores, os Jobs d'esta luza arabia, não sabem aproveitar-se da indole nacional para beneficia-

* *Allusão pouco generosa a um folheto, felizmente esquecido, intitulado* O CLERO E O SNR. A. HERCULANO, *Lisboa 1850.*

rem as suas algibeiras de litteratos portuguezes de lei, e que, se não são

d'antes quebrar que torcer,

como o homem honrado de Sá de Miranda, é porque estão sempre quebrados. Póde ser que os senhores tenham cerebro normal e rico de ganglios cinzentos, póde ser; mas para amanho da vida não me parece que tenham a caixa craneana mais cheia que a caveira de Iorick, que tanto fez scismar o telhudo Hamlet.

Porque não tenta você alguns ensaios de historia patria até se habilitar para um corpo historico que prenda homogeneamente com a CHRONICA DE CISTÉR, *e com os primeiros tomos da* MONARCHIA LUSITANA? *Eu lhe garanto a independencia e um fim de vida de Nababo, se você conseguir captar a curiosidade dos lusos nos quaes ainda referve o sangue escandecido dos Magriços e dos Barrigas. Tente. Experimente.*

(Carta de um SABIO *inedito).*

NOTAS DA VELHA HISTORIA PATRIA

A FRANCISCO MARTINS SARMENTO

SAUDE E ARCHEOLOGIA

Conta eruditamente um jornal de Braga, encomiando as proezas dos seus antigos arcebispos, que, em 1336, reinando Affonso XI em Castella e Affonso IV em Portugal, transpozeram as fronteiras portuguezas dois capitães do reino da Galliza, D. Fernando Rodrigues de Castro e D. João, seu irmão, com muita gente de armas. O arcebispo D. Gonçalo Pereira, considerando insufficiente a guarnição de Braga para a resistencia, fugiu sobre o Porto com os seus alabardeiros, a unir-se ao mestre da Ordem de Christo, frei Estevão Gonçalves, e ao bispo portuense D. Vasco Martins. Os tres caudilhos arregimentaram uma hoste de 1400 homens, infantes e cavalleiros. Informados os castelhanos da força que lhes vinha

ao encontro, a meio caminho de entre Braga e Porto, retrocederam, dispostos a recolherem á Galliza com um grande saque feito nas terras que talaram sanguinariamente; porém, os dois prelados e mais frei Estevão carregaram sobre os fugitivos tão açodadamente que lhes mataram um dos capitães, D. João de Castro, com muitos soldados, e se apossaram do espolio roubado. O resto da hoste castelhana internou-se de tropel e despedaçada na Galliza.

Esta façanha dos dois prelados decerto a não referiu o jornal bracarense para captar a nossa admiração pelas christãs virtudes do arcebispo Gonçalo Pereira e do bispo Vasco Martins. Religião de Braga á parte, o historiador quiz provavelmente esboçar uma feição do alto clero portuguez no seculo XIV, e dar a perceber que os montantes, armazenados nas sachristias das cathedraes, eram, nos conflictos da independencia lusitana, os esteios mais poderosos da dynastia Affonsina; e que os ultimos lampejos d'essas laminas de Toledo faiscou-os o sol africano nas espadas dos valorosos prelados que pereceram em Alcaçar-el-Quibir primeiro que o seu rei dementado por elles.

Pospostas as considerações de philosophia historica contingentes da referida façanha, ajuntarei á noticia do jornal braguez pormenores relativos a esse passo de armas que muito illucidam o episodio mal conhecido dos nossos historiographos.

Os caudilhos hespanhoes D. Fernando e D. João de Castro estanceavam na ponte da Lagoncinha quando

souberam a força respeitavel com que os prelados saíam do Porto. Retrocederam sobre Braga, resolvidos a roubar de passagem o que tinham deixado, na esperança de fazerem maior saque na já então rica cidade do bispo D. Vasco. N'este proposito, logo que chegaram a Braga, atacaram o Banco do Minho, arrombaram o cofre, e ensaccaram alguns alqueires de libras, massos de notas, titulos, letras, promissorias, baixella de oiro e prata, e escrinios de joias empenhadas, das principaes familias. Depois, D. Fernando, que era já velhote e um pouco glotão, lembrou ao mano que comessem alguma coisa em Braga, porque d'alli até á Galliza não achariam estalagem decente. Eu disse que D. Fernando Rodrigues de Castro era velho, porque D. Ignez de Castro, que n'esse anno, 1336, teria dez annos, era sua neta.

Resolveram, pois, ir aos *Dois amigos* comer frigideiras, emquanto a sua gente de armas, a preço de cutiladas, arranjavam que almoçar nas casas dos bracarenses tranzidos de medo.

Os Castros iam já na duodecima frigideira quando os sobresaltou o aviso de que se ouviam as charamellas do arcebispo nas voltas de Macade, e a banda musical das Taypas trompejava o hymno do arcebispo nos desfilladeiros da Falperra. Cavalgaram acceleradamente, e esporearam os ginetes para a Senhora-á-Branca, em direcção a Carvalho de Este.

Era tarde.

Na Senhora-á-Branca morava um chapeleiro de

alcunha o *Fataxa*. Tinha um filho que estudava theologia moral com o conego Affonseanes, o qual abrira uma estudaria nas Travessas, onde hoje em dia, em vez de theologia, se estuda a physiologia no pôdre. Affonseanes tinha dito aos discipulos que se armassem até aos dentes e fossem unir-se á bandeira da mitra.

O filho do Fataxa comprou um rewolver, marca *Bull-dog*, de seis tiros, e foi para o Porto. Por sabidos atalhos, regressando a Braga, metteu-se em casa quando os Castros iam fugindo por debaixo das janellas da fabrica. Fataxa pae estava ao lado do filho, no peitoril da janella, com uma bomba de dynamite e morrão acceso. Fataxa filho esperava os castelhanos com o dedo no gatilho. Eis que os dois Castros, congestionados de frigideiras e pavor, apparecem na vanguarda da arrancada fuga. O theologo desfecha, e ao quinto tiro vasa um olho do cavallo que se empina escabriado pela dôr, e cáe morto, entalando a perna direita de D. João de Castro. Em dois pergaminhos que conferi ha discordancia quanto á perna. Diz um que a perna entalada foi a esquerda, o outro diz que foi a direita. Fosse qual fosse, quando o cavalleiro estava em terra, Fataxa Senior dardejou-lhe a bomba de dynamite a prumo, atravessando-o das costas ao peito, na opinião do Pergaminho n.º 1; que o Pergaminho n.º 2 diz que o atravessára do peito ás costas. Não é pois bem liquida a travessia da bomba na região thoracica do infeliz fidalgo gallego.

Assim acabou D. João.

Quanto a D. Fernando, avô da linda Ignez, esse salvou-se então dos sarracenos de Braga para ir morrer oito annos depois, na batalha de Algeziras, ás mãos dos bracarenses da Moirama (1344).

*

No seculo XV ainda floresciam na Senhora-á-Branca os descendentes d'aquelles heroicos Fataxas, com a alcunha um pouco desfalcada por motivos que vou summariamente extrair do Pergaminho n.º 3.

Paredes meias da fabrica dos Fataxas morava outro industrial de chapeus que tinha quatro filhos, tres rapazes e uma rapariga. Este homem era dominado pela paixão da philarmonica por atavismo. O avô d'elle havia sido trombeteiro de D. Pedro, o *Cru* (1357-1362). Seu bisavô, sineiro da Sé bracharense, foi o creador inconsciente da raça de Quasimodos que ainda hoje se encarapitam por todas aquellas torres da Roma portugueza e fazem orgias de badalo. O chapeleiro, desviado por interesses das artes lyricas, não tocava nada; mas mandou ensinar os quatro filhos. O mais velho tocava corneta de chaves; o immediato, rebeca; o mais novo aprendia harmonico, e a rapariga tocava cravo. Todos quatro em aprendizagem eram uma quadrilha facinora que fazia epilepsias na visinhança. O chantre da Sé, Mendo Fagundes, um sabio, dizia que os circulos do inferno do Dante com-

parados ao inferno instrumental d'aquella casa do chapeleiro eram um Colyseu dos Recreios. E o Fataxa ganhou tamanho horror á musica que, encontrando no seu appellido uma nota musical, *Fá*, amputou a nota e ficou simplesmente *Taxa.*

Esta alcunha, transpostos quatro seculos, ainda hoje permanece nos honrados industriaes, gente pacata, cujos antepassados, esbatidos na neblina da ballada germanica, matavam cavallo e cavalleiro. Aquella familia é hoje representada pelo dr. Taxa, de nome Ulysses, um clinico glorioso que, em vez de matar como seus avoengos, cura dosimetricamente os enfermos que tem fé nos arseniatos e na estrychnina ingrata aos cães.

*

Os documentos deshumanos d'estes ataques á propriedade, aos Bancos, á pacifica religião do Christo divino, ás vidas e ás orelhas dos visinhos, encontram-se no Archivo da mitra bracharense, *Estante 7.ª, Secção 19, Gareta 22, Maço 16* na *Collectanea das massadas.*

O egresso Bernardo de Brito Junior.

A FREI BERNARDO DE BRITO JUNIOR

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA

DAS SOCIEDADES ARCHEOLOGICAS EM PORTUGAL

AL sabe, meu frade, o prazer que me deu com a leitura das suas *Notas da velha historia patria*. Uma coisa senti: foi que tão pouco dissesse de Mendo Fagundes. Eu possuo os tres pergaminhos, a que se reporta, e vou extractar d'elles noticias tão curiosas e veridicas, como as suas, visto estar provado que o publico se vae apaixonando pelos trabalhos de alta erudição.

Mendo Fagundes, o Olisiponense, como lhe chama o pergaminho n.º 3, era um sabio, diz frei Bernardo muito bem. Tinha, porém, uma mania, porque n'este ponto os sabios e os tolos assemelham-se como duas gottas de agua. Fallava n'elle com certeza a alma dos Viriatos, dos Reburros e Reburrinos, e d'ahi

uma irritação chronica ao ver que as memorias d'aquelles tupinambás, como os figura o Herculano e o C. de F., eram vendidas aos estrangeiros, mal surdiam das entranhas da terra. E' de advertir que n'aquella epocha pouco mais havia, que particulares e irmandades, dadas áquelle lucrativo modo de vida. Entre estas contava-se a de S. Cypriano, com o centro no berço da monarchia e a circumferencia da sua actividade até á raia secca e molhada. Foi com ella que o Mendo embirrou mais e não sem razão. Aquillo, se lhe não cortam os voadoiros, era gente para não deixar um caco velho n'esta terra de Reburros. Algumas vezes de dia, a maior parte das vezes de noite, lá andava por esses montes e valles uma troça d'aquelles cyprianistas com o livro do seu orago na mão, a competente vara de avelleira branca, um padre (esse ia por seu pé), e os demais petrechos; e em sitio, onde cheirasse a moiros, depois de traçados os circulos magicos, o sino-saimão e o resto, o diabo era intimado a apresentar os thesouros, que alli guardava escondidos. Por mais tempestades que elle fingisse, por mais espantosos que fossem os roncos dos trovões com que as instrumentasse, os nossos vimaranenses estavam cheios de conhecer aquellas tretas; apertavam o torniquete dos esconjuros em nome do Padre e do Filho, e o diabo não tinha outro remedio senão render-se. D'este modo a irmandade enchia-se de thesouros. A' primeira vista taes preciosidades faziam lembrar a feira da ladra; pedras com lettras safadas, azas d'uma panella de barro podre, pregos

meio comidos, uns verdes, outros côr de ferrugem, a decima parte d'um nariz de metal, etc., etc. Sim; mas os estrangeiros sabiam que tudo aquillo era oiro encantado; trocavam-n'o por oiro desencantado e levavam tudo. Era uma varredoira.

Mendo Fagundes sabia tudo isto e não cabe em prosa a historia do seu martyrio. Uma noticia surprehendente, com respeito á latitude e longitude geographica, foi a gotta de fel que fez desbordar o calix já cheio: os cyprianistas do berço andam já a esfossar perto de Bragança! perto da raia secca!! Era a verdade pura. Como se vulgarisou a façanha d'estes fura-thesouros, que deviam trabalhar mais de noite, que de dia? Aqui está como: dil-o o pergaminho n.º 4. O diabo andava já tão moído por aquelles massadores, e S. Cypriano tambem, que, quando algum d'elles assomava a distancia, o santo e o diabo fugiam que voavam, cada qual para o seu lado. Para sermos tão escrupulosos, como frei Bernardo, devemos dizer que n'este ultimo ponto ha uma duvida egual á da perna entalada de D. João de Castro. O pergaminho n.º 5 conta que o santo e o diabo fugiam para o mesmo lado. Certo é que fugiam a tão bom fugir, que ninguem os podia apanhar. Foi necessario portanto recorrer ao alvião e á enxada para desenterrar os thesouros do campo brigantino e á luz do dia; e aqui está como a noticia se foi espalhando e engrossando por todo o reino. O que se não inventou! Cada cavadella trazia punhados de oiro em pó: as estatuetas de oiro, os vasos de prata, as joias não tinham

conta. Era tudo pêta; mas o Mendo Fagundes, quer dormindo, quer acordado, não via senão uma longa arreata de machos, choutando de Bragança para Guimarães e levando sobre os respectivos albardões aquellas preciosidades, que os estrangeiros não tardariam a abocar.

Tomou a resolução do desespero. De certo por essa força que transporta montanhas e que uns chamam fé, outros teima, tanto fez, tanto deu, que obteve uma audiencia de el-rei, e, obtida a audiencia de el-rei, tanto deu, tanto fez, que lhe inoculou um atomo da sua indignação. Era o bastante. Reinava então D. Pedro I, que, como se sabe, tinha um genio tão inflammadiço e explosiviço, que o Fataxa podia fazer com elle melhores bombas de dynamite, do que fez. Pelo que, mal a mostarda chegou ao nariz real, D. Pedro gaguejou que ia correr já os bandidos a chicote e dava as primeiras passadas para a sua panoplia, onde havia chicotes que farte, quando Mendo Fagundes lhe pediu venia para fazer um discurso e propôr um alvitre. Responden el-rei um pouco mal encarado, que escutava o alvitre; quanto a palanfrorios . . . Para abreviar o incidente, d'esta celebre audiencia nasceu a não menos celebre carta regia, ordenando e mandando que «nenhum em nossos regnos fosse ousado de catar cousas antiguas,» pois que el-rei se reservava o exclusivo de as catar per si, ou pelos seus ministros. Esta ordenação não apparece nas collecções, porque, como todas as collecções, ellas colligem tudo, menos o que fica de fóra; mas, para

encher estas lacunas, é que se escreveram os pergaminhos. Ella cá está no n.º 4.

E succedeu isto pouco depois. Quando os cyprianistas de Guimarães estavam a puxar por um enorme calhau, que não queria sair do seu covão, e onde se viam uns riscos que pareciam lettras, o alcaide pequeno de Bragança chegou-se a elles e disse-lhes que se pozessem fóra d'ali. Como os pobres homens, estupefactos, ficassem parados a olhar uns para os outros, a auctoridade explicou-se mais e notificou-lhes que, se dentro em 24 horas não estivessem fóra do termo, os mandaria correr á mocada. Antes das 24 horas fataes, os machos, com que sonhára Mendo Fagundes, choutavam de Bragança para Guimarães, carregados apenas com os albardões e estes com os malfadados exploradores. Chegados á sua terra, fez-se sessão magna na irmandade, para resolver em que officio haviam de empregar a sua actividade. Parecia que tinha bichos rabeadores aquella gente: não podia estar quieta. Duas propostas a seguir foram rejeitadas; a terceira, pelo contrario, teve uma votação á carga cerrada. A proposta consistia em transformar a irmandade de S. Cypriano, advogado dos archeologos, n'uma irmandade de S. Chrispim, advogado dos sapateiros. E viu-se depois que, no seu segundo avatara, todos os irmãos engordavam e enriqueciam, provando-se que, no primeiro, a venda das antiguidades aos estrangeiros não chegava a meia missa, e que a fallencia era certa, como as despezas das explorações, etc. A irmandade de S. Chrispim

perpetuou-se até aos nossos dias e cada vez está mais florescente. Este caso tem muita moralidade.

Agora o fim de vida do pobre Mendo Fagundes. Os triumphos, alcançados na audiencia regia, amargou-os mais, do que se comesse laranjas do Ermo. Primeiro passo da paixão: havia na bibliotheca do Porto um alfarrabio com o titulo—*Tirante al blanco*. Um hespanhol de Salamanca appeteceu-o e, mettendo-se com um dos ministros, levou-o para a sua terra. Mendo, que como sabio que era, sabia muito bem que o livro era *avis rara in terris*, denunciou a el-rei o que se lhe affigurava um crime digno de forca; el-rei chamou o ministro a contas, e o ministro provou a el-rei que fôra elle quem dera o alfarrabio ao salamanquino. E de facto esse curioso documento, assignado pelo rei, ainda hoje se vê na bibliotheca do Porto. El-rei tinha assignado, sem ler, e, para não dar a torcer o seu braço regio, disse que tudo estava muito bem feito.

N'um impeto de indignação, o Mendo não pôde deixar de rogar uma praga, que o medo estrangulou pelas alturas da larynge. Segundo passo: uma rapariga de Penella, não tendo que fazer, poz-se a esquiçar na terra com a ponta d'um pau e descobriu um argolão de metal amarello. Como a coisa tinha cara de muito velha, foi logo arrecadada na arca das antiguidades nacionaes. Mendo Fagundes, então em Lisboa, correu a examinar o argolão e descobriu n'elle o que só um sabio do seu tamanho poderia descobrir. Entre os arabescos, que o ornavam, havia

uns riscos, dispostos de maneira que pareciam lettras, e, lidas ellas de traz para deante, formavam o nome de Melkart. Nenhuma duvida para o sabio Fagundes que a inscripção era phenicia. Sabio não seria elle, se ignorasse que os Phenicios escreviam de traz para deante. Melkart em phenicio significava o—rei da cidade. Era claro; Melkart o rei da cidade, tinha perdido o argolão em Penella, quando viajava pela velha Lusitania e a preciosidade era d'essas, que não se pagam por dinheiro nenhum. Imagine-se o furor do nosso Mendo, quando em Braga, onde tinha ido chantrear, recebeu a noticia de que o impagavel argolão havia sido vendido a um principe estrangeiro, a pretexto de remendar o *deficit*, que já então tinha buracos de fazer medo! Mendo Fagundes não esperou por terceiro golpe; pegou em si e morreu. Morreu, trovejando esta praga: «Paiz de Reburros, tirando-lhe o Ré!» Até as suas ultimas palavras deram fructo. Porque é de saber que foram ellas que suscitaram ao Fataxa a ideia de amputar o Fá ao seu appellido. N'este particular, frei Bernardo está mal informado; leia com attenção o pergaminho n.° 5. E assim se finou o Mendo Fagundes, que vivera talvez muitos annos e bons, se não teimasse em morrer irmão de S. Cypriano e procurasse a tempo e horas o gremio de S. Chrispim. Que a licção não fique perdida, eis os nossos votos. Eu, se fosse archeologo, havia de medital-a ao deitar e levantar da cama.

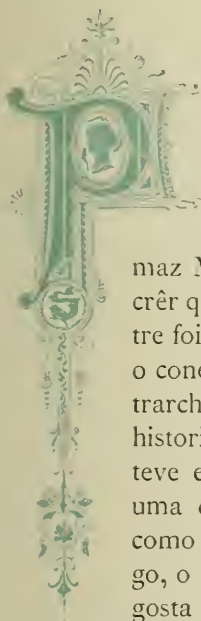
F. Fagundes.

O EGRESSO

BERNARDO DE BRITO JUNIOR

A F. FAGUNDES

Saude e frigideiras. (1)



PELO seu appellido de *Fagundes,* o corrector das minhas *Notas da velha historia patria* parece ser descendente do erudito chantre da Sé Primaz Mendo Fagundes. E é muito de crêr que seja; porquanto aquelle chantre foi muito prolifico, muito mais que o conego seu contemporaneo—o Petrarcha da *Laura.* Lauras, menos historicas e de mais tangivel especie, teve elle cinco, d'uma assentada, em uma congôsta á saida de Braga; e como então era simplesmente conego, o povo começou a chamar á congosta d'aquellas cinco femeas a *Rua das Conegas,* assás conhecida hoje em dia. Se F. Fagundes descende d'uma d'aquellas cone-

gas ou das outras madamas, não posso deixar de o felicitar, porque tem na linha dos seus avós um homem de bem, patriota acrisolado, um portuguez que quebrou, mas não torceu, como diria o poeta Sá etc.

O snr. Fagundes está enganado quanto á causa que motivou a briosa morte do chantre Mendo. O pergaminho que leu é apocripho e forjado pelo Manoel Alvares de Louzada Machado, o maior deturpador de codices que floreceu no seculo XVI (Vid. Alex. Hercul. *Prefacio* ao «Nobiliario do conde D. Pedro» *passim)*. O genuino pergaminho, que inscreve o heroico trespasse do chantre Mendo Fagundes, refere de diversa maneira esse lance de civismo, que eu me comprazo de reproduzir para que todos os conegos da Sé de Braga se banhem nas rutilações luminosas da sua gloria.

Foi assim. Quando o conde de Trastamara, D. Henrique, matou a punhaladas seu irmão D. Pedro o *cruel*, e se acclamou rei de Castella, o nosso D. Fernando, imaginando que aquella corôa lhe pertencia por ser bisneto de el-rei D. Sancho, entrou pela Galliza e chegára até á Corunha, acclamando-se rei. D. Henrique II, o *bastardo,* assim que em Toledo lhe deram noticia da atrevida invasão, poz-se á frente d'uma hoste respeitavel, e foi procurar o invasor. D. Fernando, aquelle fanfarrão,

assim que lhe constou que o usurpador da sua corôa se movia, desatou a fugir, segundo o seu inalteravel costume, e metteu-se em Coimbra.

D. Henrique e o valente caudilho francez Duguesclin seguiram-lhe a piugada, e pararam em frente de Braga, que lhe offerecia resistencia. Conta Fernão Lopes (*Chronica de el-rei D. Fernando*, cap. XXXIII) que a defeza não prestava para nada. Um certo Lopo Gomes de Lira, sabendo que a cidade tinha pouca gente de armas, metteu-se dentro para a defender com trinta de infanteria e dez de cavallaria. Não intendam o regimento de infanteria 30, e o de cavallaria 10. Eram dez homens a cavallo e trinta a pé! Com um reforço d'esta magnitude, Henrique II e Duguesclin não comprehenderam ainda assim o horror da sua situação critica, e teimaram em bater Braga. Em 23 de agosto deram-lhe um assalto e mataram quarenta e oito homens. O Lopo Gomes de Lira, quando viu a sua cavallaria e infanteria destroçada, safou-se de noite, e os que ficaram propozeram entregar a cidade, se D. Fernando os não soccorresse dentro de certo praso.

Entre os bracharenses, entretanto, tumultuavam dois partidos que exulceravam a desgraçada situação dos cercados. O mestre-escola da Sé, Martim Domingues, era de opinião que

se entregasse a cidade, visto que o rei lhes não enviava tropa.

O chantre Mendo Fagundes cobria de injurias o collega, e proclamava á plebe que defendesse a cidade até á ultima gota de sangue. Os seus discursos eram improvisados no largo da Sé, e proferidos da balaustrada que forma a sumptuosa varanda da faxada da cathedral. Em uma d'essas proclamações feriu todas as teclas do enthusiasmo de alguns bracarenses, provando-lhes que elles descendiam dos gregos; e, citando auctores, dizia que Diomedes, Teucro, Astur e Amphiloco, escapados da guerra de Troia, foram arrojados á Galliza por uma tempestade, e d'estes descendiam os gallegos, progenitores dos bracarenses, segundo a affirmação inquestionavel de Plinio. E ao citar Plinio, um beneficiado que estava á beira do chantre — o padre João Fataxa, o mesmo que vazara o olho do cavallo de D. João de Castro — tirou debaixo da chimarra um livro que entregou ao orador. Era a primeira edição de Plinio, 1352, das imprensas Aldinas, *folio,* encadernada em moscovia, *tranche dorée.* Este exemplar existe hoje com grande estimação na selecta livraria do eminente bibliophilo de Braga, dr. Pereira Caldas, o decano. O chantre abriu o in-folio a paginas 115, e exclamou: «Ouçam o que diz Plinio da sua descendencia dos gregos!» Rumorejavam mur-

murios trocistas nos parciaes do mestre-escola Martim Domingues; mas os faccionarios do chantre clamavam: *Ouçam, ouçam!*

Restabelecido o silencio depois de algumas bofetadas sonoras, o chantre, apresilhados os oculos nas orelhas rubras de inspiração, leu latinamente:

A Cilenis conventum Bracarum, Heleni, Gravii, Castellum Tyde, Grecorum sobolis omnia. E, fechando o livro, traduziu emphaticamente: *Depois dos Cilenos está o convento ou chancellaria dos bracarenses, e os helenos, e gravios, e o castello Tyde. Todos descendentes de gregos.*

Martim Domingues pediu a palavra, e disse que os bracharenses descendiam dos africanos, que vieram de Carthago com o capitão Hymilcon, e povoaram Braga. Citou as antigas guerras com os portuenses por causa d'essa questão de raças; e o copioso Fagundes, replicando, demonstrou que essas preconisadas guerras com os portuenses eram um *canard*; por quanto ainda não existia o Porto quando o parvo do Laymundo inventou essas guerras e as condições vergonhosas com que o Porto acceitára a paz.

Esta coarctada feriu o patriotismo dos braguezes, que irromperam n'uma berrata selvagem; e certo official de chapelleiro, rival do Fataxa, atirou uma maçã camoêza á cara do pa-

dre João com tão certeira como sacrilega pontaria. O padre lembrou-se do seu rewolver, marca *Bull-dog;* mas eram passados trinta annos, trinta invernos gelados pelo sangue bellicoso do cavallicida.

A desordem tomára proporções medonhas. As duas facções despedaçavam-se a mócadas e a golpes de alabardas. Os sinos ululavam a rebate, e toda a gente que tinha que perder escondia os seus haveres na Sé. *(Fernão Lopes,* loc. cit.)

Ao amanhecer do dia seguinte, Martim Domingues e um Gonçalo Paes entregaram Braga a Henrique II de Castella; e Mendo Fagundes cahiu doente sob o peso de oitenta annos e do opprobrio da sua honra de portuguez.

D. Henrique, incendiada grande parte de Braga, sahiu sobre Guimarães, a pôr cerco ao castello. Quebraram-se contra os muros da velha fortaleza as iras de Duguesclin. Os vimaranenses resistiram com invencivel tenacidade, e não admittiram preitos nem condições. *(Fernão Lopes,* cap. XXXIV). Ora o chantre Fagundes, que tinha odio aos de Guimarães, quando soube que elles se defenderam heroicamente, teve um ataque epileptico, uma crise d'aquellas que o especialista Charcot chama *clownismo:* porque dava saltos e fazia acrobatismos de *clown.* Afinal, em um d'esses insultos, estorcendo-se nos braços do padre João Fataxa,

fincou-se sobre os cotovellos, inteiriçou-se, e expirou murmurando: «Patria, ao menos morrerei comtigo!»

Foi assim que se partiu, pouco mais ou menos, como a do Camões do Garrett, aquella alma portugueza de lei do chantre Mendo Fagundes, cujos discursos, mais ou menos fielmente reproduzidos por um tachygrapho, ainda hoje se podem admirar no meu mestre Gaspar Estaço. *(Varias antiguidades, pag. 109 e seg.)*

O seu descendente F. Fagundes, pelo que respeita a explorações archeologicas, decerto está equivocado. O chantre dado a pesquizas e estudos d'essa natureza é muito posterior. Foi um que por nome não perca, o qual, vendo que a cara do beato D. Lourenço de Aljubarrota se desfazia pela roaz destruição dos guzanos, inventou uma argamassa com que embreou o venerando rosto do santo, excepto o nariz que estava radicalmente comido, e irreparavel pela sciencia rhinoplastica do cabido bracarense. Póde ser que o nariz ainda appareça no quintal do illustre publicista Fernando Castiço — um quintal que tem desentranhado um compendio archeologico da Bracara romana. Quanto a narizes é certo que até agora não se topou algum, excepto os narizes de cêra que se acham sempre nas explorações dos quintaes. De resto, não me constam outras explora-

ções gananciosas com sabor archeologico. Bastam estas, porém, para forçarmos os de Guimarães a roerem-se de inveja. Elles apenas exhumam cacos, emquanto os braguezes desenterram mumias e as invernisam ao sabor da piedade publica, rica de devoção e gorgetas.

O egresso supra.

(1) Figurou-se ao *Egresso* que *Fagundes* era um notavel escriptor bracarense. Isso explica as frigideiras indigenas.

AO SENHOR FREI

BERNARDO DE BRITO JUNIOR

OS MEUS codices não são apocryphos. Graças a Deus, ainda entendo o Genuense para distinguir, ao facho da sua hermeneutica, um livro verdadeiro d'um livro falso. Ao facho da hermeneutica, os meus codices são d'uma authenticidade inconcussa e ninguem provará nunca jámais que eu não matasse o Mendo Fagundes com uma perfeita correcção.

Se o sr. frei Bernardo cuidou que lhe quiz dar um quinau e espirrou, assôe-se, que eu espero para lhe dar um segundo. É certo que Mendo Fagundes, no memorando dia que sabemos, sustentou o grecismo dos gallegos

bracaros e lucenses; mas é menos exacto que Martim Domingues defendesse o seu africanismo d'elles. Quer-me parecer que o sr. frei Bernardo confunde este Martim com um seu homonymo, que seculos depois esgrimiu por uma doutrina muito parecida áquell'outra. O que o mestre-escola Martim defendia era o celtismo das duas Gallæcias, e os argumentos, com que o erudito chantre o rebatia, tem um sabor tão hodierno, que seria pena deixal-os ficar debaixo do alqueire, como a luz, que se póde procurar na Biblia, ou nas *Concordantiæ bibliorum,* que é mais facil. Começando pelas razões antropologicas, Mendo Fagundes citava uma récula terna (1) de escriptores antigos, cujas obras o padre Fataxa tirava debaixo da chimarra (não tirou só o Plinio), e ia entregando ao orador, ao passo que elle lh'as requisitava. Aquellas numerosas citações eram pedra e cal, onde ficava assente que os Celtas eram uns brutamontes, altos como castellos, por tanto com mãos e pés acanhotados (Cf. *infra),* de cabelleira ruiva ou amelada e olhos d'um azul desbotado. Isto demonstrado, evidenciado, perguntava o Fagundes, appellando para a sciencia pratica do auditorio, se não era indiscutivel que, tiradas poucas excepções, as mulheres das duas Gallæcias, tinham um typo absolutamente opposto ao dos Celtas. Pensava elle então nas cinco afilhadas, que o sr. frei Bernardo alcunha

de Lauras, e que eram pequenotas, mas bem feitas, morenas e de olho negro; e, como succedia que as afilhadas de todos os conegos tinham a mesma pinta, e os votos d'elles pezavam tudo, os seus apoiados clamorosos eram a pedra e cal, onde se firmava a segunda proposição. Sendo tudo isto assim, proseguia o orador, depois de restabelecido o silencio, que se dissesse que as nossas donas descendem da Sulamitis, *nigra sed formosa,* sim; mas d'umas gentes que se lhes não assimelham nem nos pés, nem nas mãos (Cf. *supra),* nem nos olhos, nem no pello, em nada, absolutamente em nada, é o mesmo que admittir que uma pereira dê nabiças. Salvante este *simile,* que se não póde dizer muito ciceroniano, hoje os Brocas, os da França, não podiam argumentar mais cerradamente.

Passava depois ás considerações de ordem moral e intellectual. Assentava em pedra e cal (era o seu estribilho — assentar as theses em pedra e cal) que no tocante a dotes do coração e de espirito, haveria quem emparelhasse com as mulheres de entre o Douro e o mar Cantabrico; quem as excedesse não. É singular que em toda a sua arenga o nosso Mendo tratava as duas Gallæcias, como se ellas fossem povoadas apenas por individuos do sexo fraco; mas, pensando bem, a argumentação não fraquejava por isso, e os sempre clamorosos apoiados mos-

travam-lhe que ainda esta terceira proposição ficava assente na argamassa já conhecida. Para relevar o alcance do seu argumento, prometteu demonstrar que os Celtas foram d'uma bestidade nunca vista. Prometteu e cumpriu. A um signal dado, o padre Fataxa tirou debaixo da chimarra um retalho das obras de Aristoteles, e o orador leu que os Celtas, quando viam a maré a encher, pegavam nos seus espadagões de ferro destemperado e iam batalhar com as ondas. Aqui o Martim Domingues largou a gritar que era uma calumnia; que o pergaminho era apocrypho. Tal qual como o sr. frei Bernardo, quando os meus 5 codices lhe fizeram perder a boia. Mas o consciencioso Fagundes contentou-se em convidar os conegos, que entendessem de grego e de coirama, a virem examinar attentamente a authenticidade da passagem e a do pergaminho, e o cabido dividido em duas turmas, deseguaes por signal, verificou as duas authenticidades: lá estava a passagem com todas as lettras e o pergaminho era um coiro incontestavel. O Martim poz-se a roer as unhas e a vergonha da derrota, emquanto o Mendo proseguia nas suas demonstrações, fingindo olympicamente que não via o adversario. Adduziu a segunda prova. Esta era tirada de Nicolau de Damasco e o Nicolau de Damasco tirado da inexgotavel chimarra do padre João Fataxa. O Nicolau damasceno dizia que os Cel-

tas, quando viam uma casa a abanar e meio resolvida a vir a terra, iam metter-se dentro d'ella, para basofiar que não tinham medo. A casa caía e punha-os a todos n'um bolo, está visto. Um incidente importante por não deixar duvidas sobre a authenticidade d'um pergaminho, que desce a taes minuciosidades: se o Martim Domingues não está tão azoratado, vingava-se do Fagundes; porque o Fataxa, por engano, em vez d'um Nicolau, metteu-lhe na mão um Breviario e o Mendo leu n'elle o texto, como o poderia ler n'um livro em branco, porque o sabia de cór. Isto não tira que, no fragmento 104, o damasceno não diga o que o erudito Fagundes lhe fez dizer no Breviario.

E ia elle citar ainda o Appiano, o Æliano, o Arriano e outros, quando de todos os lados começaram a gritar-lhe: basta! basta! como quem diz que uma gente que vae guerrear com o mar e se mette dentro das casas, quando ellas estão a desabar, tem todas as inquirições tiradas no tocante á bestidade. Perguntava então o Fagundes, no meio de applausos geraes, se era possivel que as donas do Douro ao mar Cantabrico, com os dotes do coração e do espirito supra, se era possivel que descendessem d'aquelles refinados toleirões.

E terminava com uma observação que me tem dado que entender. A seu juizo, ninguem podia duvidar da realidade historica dos Cel-

tas, pois que os antigos os tinham visto e apalpado; mas pensava de si para si que tal povo tinha durado pouco, attendendo a que os factos allegados denunciavam uma mania suicida tão pegada de enxerto n'um idiotismo constitucional, que similhante raça não podia subsistir mais que a geração das ovelhas, atacadas pelo Trangulo-Mangulo.

*

Alarguei-me n'estas particularidades, que respiram authenticidade por todos os póros, na certeza de que a minha probidade litteraria sae illesa dos tiros com que se pretendeu crival-a. Agora devo confessar que escrevi estas linhas com o espirito assaz atribulado. Eu digo porque. Desconfiado do meu appellido, tinha rogado a dois lignagistas insignes, um hoje na Batavia, outro nas margens do Lima, rogado o favor de me descortinarem a qual galho de Fagundes eu pertencia, visto que meus avós deixaram perder os seus costados, digo, a arvore dos seus costados. Quando vi que o tal senhor frei Bernardo me genealogisava indecentemente, confesso que embacei. Desculpa-se a um frade, possuidor da miseria de tres codices, que o remoia a seu despeito, ao saber que ha um leigo que tem cinco; desculpa-se, mas com a condição de que remoia o que quizer na

solidão da sua cella. Agora que venha para a imprensa improvisar genealogias, que fariam rir a côrte de D. Manoel, mas a mim não, é o que posso ouvir uma vez, mas não segunda. N'estas coisas sou muito rigoroso. Sou-o por indole e por influencia do meio em que vivo, porque vivo no meio d'uma aldeia do Minho, aonde não chegou ainda o mal dos castanheiros, com o qual, segundo a observação ethico-botanica d'um contemporaneo illustrissimo, coincide o mal do caruncho no pudor antigo. Eu felizmente estou ainda são, como os meus castanheiros, e percebi. Recolho-me á minha Thebaida, d'onde nunca deveria ter sahido, como diz outro contemporaneo, e *Disse*

F. Fagundes.

(1) *Rècula terna* parece uma locução latina, mas é certamente portugueza na gemma, porque a aprendi do meu barbeiro que nunca estudou latim. Poderia escrever cambada, mas pareceu-me uma palavra plebêa.

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
Rua do Bomjardim, 181
—
1887

FR. BERNARDO DE BRITO JUNIOR

(A F. FAGUNDES)

PAZ E CONCORDIA

Eu não hesito em crer que Martim Domingues, mestre eschola da sé primaz, nutrisse no seu espirito degenerado a barbaresca hypothese da origem celtica das duas gallecias. Um homem que entregou Braga a Henrique II de Castella não podia deixar de ser um antropologista selvagem quanto á raça autochthona da peninsula iberica. No sangue do mestre eschola esperneava um celta de aspeito hediondo quando elle depunha aos pés do rei fratricida as chaves da cidade de S. Geraldo. Era o atavismo canonico de uma ou duas d'essas bestas-feras gaulezas das margens do Ebro. Verdadeiramente uma vergonha nacional!

Eu bem sei que Florião do Campo e Garibay aventaram o paradoxo de serem celtas os fundadores da primitiva *Calle*, d'onde deriva *Portugal*, pelos annos 296 antes do nascimento de Christo. É pêta. Os celtas, quando chegaram á margem es-

querda do Douro, já acharam estabelecidos na margem direita os gregos, capitaneados por Diomedes. E, como dessem com as ventas no sedeiro, retrocederam. Se Fagundes hesita em me acreditar, eu, sem a bazofia de querer confundil-o, citar-lhe-ei o meu antepassado frei Bernardo de Brito Senior, o Epaminondas da historia patria.

O sr. Fagundes sabe, por Strabão e outros, que Meneláo andou por aqui; e deixou tanta raça nas duas Gallecias, que ainda hoje ha ahi povoaçoens que parecem alfobres, *pepinières* da especie Meneláo. Virgilio no 2.º da Eneida deixa perceber que elle veio para Espanha, porque o dá desterrado até ás columnas de Protheu. Se veio, como é provavel, e trouxe na fronte o diadema que lhe cingiu Hellena, propagou-se por tal modo na peninsula o gosto plastico d'aquelles adornos, que não ha duvidar do predominio de cabeças gregas na razão de 98 por 100. N'estas idéas, pois, abundava o chantre Mendo Fagundes, nobilitando tão polida como generosamente a estirpe galléga com a transfusão do sangue dos Argonautas; e ninguem nega que em cada gallego videiro, esperto e movediço, ha um Argonauta, um pouco porco, é verdade, mas que está sempre atirando á sua ethnologia de aventureiro.

Sr. Fagundes: bons 4:000 annos antes da irrupção da canalha celta vinda lá dos quintos dos infernos, appareceu, n'este jardim da Europa, Tubal, neto de Noé, e quinto filho de Japhet. Elysa, sobrinho de Tubal, fundou Lisboa, e o tio ficou alli por Setubal, como é notorio. Não deve ser estranho a Fagundes que Noé esteve em Espanha a observar o occaso do sol e os movimentos da estrella Hisperia vespertina. *(Macedo,* FLORES DE ESPANHA, *cap. I).* D'esta vez ou da segunda que cá veio, trouxe a familia, e fundou Gaya, chamando-lhe *Calle*;

e, como já tinha inventado o vinho, e apanhado boas turcas, seria tambem o fundador dos armazens d'aquella immensa taverna. Além d'isso, fundou escholas de astronomia e geometria *(Josephus, de antiquit. Liv. 1.º cap. 3 in fine)*. Um homem que andava sempre por linhas tortas depois de beber, devia inventar a geometria, não acha?

Que viriam fazer os barbaros celtas a uma região policiada, onde Noé entrára em commissão para estudar o occaso do sol e os movimentos das estrellas? Se o sr. Fagundes quer formar idéa do que era um celta, peça a Francisco Martins Sarmento que lhe mostre na Citania os ergastulos em que elles viveram, com a porta no telhado, e lá por dentro um desconforto que é mesmo uma lastima. Vestigios nenhuns de fogão, nem de garrafeira, nem de casa de banho! Uns pelintroens.

Como vieram ali parar aquelles selvagens, não o alcançam as minhas conjecturas. Será temeridade suppôr que vinham fugindo a uma torrentuosa invasão emigrante de ursos spelèus? O que é certo é que os celtas se alapardaram ali pela freguezia de Briteiros; e, quando se lhes ageitou occasião, desceram a estabelecer-se em Braga e Guimarães com mercearias e outros mesteres, que ainda hoje subsistem e se conhecem por um certo fedor celtico.

*

D'outra especie, e gentilissimas sugestoens biologicas eram as do sabio Mendo Fagundes. Elle desentranhava de embrioens gregos toda a gallegagem comprehendida entre Calle, fundada, segundo auctores irrefragaveis, pelo principe Callais, filho de Boreas, até Tuy, fundada por Diomedes em honra de seu pai Thydeu, logo depois da guerra de Troya *(Apud.* Floriam de Campo, liv. 1.º tit. 42).

Como não ouso duvidar do pergaminho n.º 5 de F. Fagundes, fico scismando como foi que Martim Domingues, encostando-se á opinião de Oliveira Martins *(Apud.* «Civilisação iberica», pag. 20, *mihi)* professou o africanismo no celebre *meeting* do adro da Sé? Deve presumir-se que o orador incongruente houve grão medo que lhe batessem, se no conflicto perigoso proclamasse o celtismo como o genesis barbaro dos bracharenses.

Seria outra, porém, a causa. O pergaminho 3, *Ementa XIX*, feita pelo conego João Fataxa, diz que, n'aquella conjunctura, apparecera um sujeito de garnacha de legista, já conhecido nos auditorios de Braga, e bastante inclinado ao partido do chantre propugnador da resistencia aos castelhanos. Esse homem, se impugnasse a hypothese escabrosa dos celtas, poderia explodir uma trovoada de murros e pontapés sobre o mestre eschola, visto que os surradores da rua dos Sapateiros eram todos pelo hellenismo,—gregos até ao tutano dos ossos. Aquelle legista era, nem mais nem menos, o doutor João das Regras, que chegára a Braga dias antes para defender um reo em policia correccional. Tinha vindo de Pisa este discipulo de Bartholo quatro annos antes, e fazia um dinheirão principalmente em policias. Assim poderá talvez explicar-se o reviramento subito de Martim Domingues, quando se fez africanista com medo á eloquencia de mestre João das Leis. Afóra isso, o seu atarantamento devia perturbar-lhe as idéas ethnographicas quando as portinholas de rotulos das janellas começaram a abrir-se como gaiolas de cegonhas e a despejar fóra cabeças desgrenhadas de velhas que gritavam *á d'el-rei!* Ao mesmo tempo, donzellas que tinham os derriços compromettidos no chinfrim, faziam exclamaçoens votivas a S. Torquato, a S. Cucufate e a Santa Senhorinha de Basto e mais ás suas seis irmans. Uma

balburdia que uma faisca de celtismo poderia conflagrar n'um infernal banzé.

Em todo o caso, Martim Domingues não era um d'esses caracteres intransigentes que evolutem nas epochas de transição, nos periodos crepusculares da historia da humanidade, para se deixarem suppliciar na defeza de uma crença, como Scœvola, como Decio, e Savonarola, e João de Leyde e André Chenier, etc., etc. Se por aferro ao celtismo elle então se deixasse atravessar pelas partazanas dos surradores da rua dos Sapateiros, estaria hoje beatificado no agiologio dos martyres da sciencia e teria um altar votivo na Citania de Martins Sarmento. Quem acabou egregiamente foi o conego João Fataxa, tão convicto de que descendia dos gregos que as suas ultimas palavras balbuciantes foram *Eureka!* porque achava emfim na morte o problema da vida; e, como expirasse na Povoa de Varzim, onde estava a banhos quentes, apontava para o mar, e soluçava: *Talassa! talassa!* (O mar! o mar!)

Uma irman dizia que elle, á hora da morte, exclamára: *Talhada! Talhada!* porque tinha muita sede e cheirava-lhe a melancia; mas um frade de Bouro, que não possuia o grego, e lhe assistira aos paroxismos, affirmou que Fagundes morrera impenitente, vociferando *chalaça! chalaça!* quando o frade lhe fallava nas penas do inferno.

*

Solemnia verba!

Eu não quiz melindrar a pudicicia genealogica do sr. F. Fagundes, presumindo-o descendente de alguma das cinco conegas da rua das mesmas ou d'outra qualquer senhora canonica. Não quiz. Em Portugal, a infusão prelaticia de globulos rubros na circulação sanguinea das familias é titulo de

patriciato. Bragança, Manoeis, Noronhas, etc., derivam de arcebispos e bispos. Familia brazonada que não tenha pelo menos o fermento phylogineo de um ou dous conegos ainda não achei nenhuma nos meus codices nobiliarios. Aqui na minha Beira-Alta, e na Sé de Vizeu, florecia em 1430 o conego Luiz Annes de Loureiro, de quem precedem as mais illustres familias d'esta provincia, e todas ellas timbram deste seu avoengo que deu á historia um neto immortal, o celebre Luiz de Loureiro, terror da moirisma, no reinado de D. João III.

Ai de mim, se o pudor anti-clerical predominasse em todas as familias como nos escrupulos do sr. F. Fagundes! Esta grande porção tonsurada do genero humano constituiria em plena civilisação christan uma reliquia odiosa e repugnante do paganismo, representando as vestaes... de sotaina. Ah! que os modernos Julianos-apostatas não tentem restaurar a gentilidade com processos exiciaes, assim do individuo como da especie!

Ou bem que todo o homem é uma peça da universal engrenagem organica, ou bem que não é. Os Origenes não se violentam: fazem-se ou desfazem-se espontaneamente. E' necessario que as familias abram o seio a estas verdades biologicamente ineludiveis. Eu, por mim, posso ser um lerdo Bernardo de Brito Junior em historia; mas devo, na propaganda evolucionista, contribuir, não direi como um dos quarenta maiores contribuintes, mas como egresso proletario com o meu obulo no gazofilacio da especie eternal. *Amen.*

O DITO EGRESSO.

AO EX.mo SNR.

JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO

HOMENAGEM

DA

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

PORTO — 1887

ESCAVAÇÕES ETYMOLOGICAS

PEDRAS SALGADAS E VIDAGO

Não vem despropositada a noticia dos primitivos nomes d'aquellas famosas estações balneares, agora que de todos os pontos do reino convergem caravanas de doentes para aquellas panaceas aquaticas. Essas caravanas, em que tambem não faltam camellos de saude, compõem-se de anemicos, maniacos, dyspepticos, nevroticos, lymphaticos, chloroticos, diabeticos, rheumatismaticos, hydropicos, hystericos, nevralgicos, aphonicos, asthmaticos, catalepticos, ataxicos, gastralgicos, morpheticos, hemorrhoidaicos, paraplegicos, epilepticos, nephriticos, myeliticos, lypomaniacos, escorbuticos, cacheticos, cardialgiacos, disenthericos, ophtalmicos, apopleticos, rachiticos e todas as mais victimas dos esdruxulos da Pathologia, excepto os hydrophobos e os acephalos.

E tudo aquillo encontra prompto allivio nas duas nascentes de aguas milagrosas. Quem não se

cura nas Pedras Salgadas acha o seu remedio infallivelmente no Vidago; e quem não se curar no Vidago póde contar que a doença não escapa das Pedras Salgadas. Alli a negra Parca está entre Scylla e Charybides.

Em ambos os estabelecimentos, além de uma alimentação selecta e abundante, ha piano, mazurkas e gamão. Faz-se ali uma especie de «Côrte na Aldeia» com a bisca sueca. Os doentes sensiveis a um puro amor acham ali meninas sinceras, morigeradamente lidas em Julio Diniz, e aptas para o matrimonio, em todos os sentidos. São magras, mas sadias, soffriveis sopranos, provincialisando a pronuncia italiana com os sutaques feiticeiros de Amarante, Moncorvo e Mirandella, e muito avançadas na evolução lyrica até *Il trovatore* e *I duo Foscari*. Quanto a mancebos, confluem áquelles pontos morgados de riba-Tamega e riba-Douro, todos com uns aspectos macillentos de Macias Enamorados, tão carecidos das ledas deleitaçoens do amor virgem como dos gazes e arsenicos d'aquellas aguas regeneradoras. Elles estão saturados dos saes das aguas, sem deixarem de ser muito insipidos.

Saibamos agora de onde derivam as denominaçoens adulteradas d'aquelles mananciaes de saude.

PEDRAS SALGADAS

No fim do seculo IX ou principio do X, existiam perto do montado que hoje tem aquella denominação, na aldeia de Rebordechão (palavra corrupta de *robur*, carvalho, e *chão*, terreno, «terra de carvalhos» ou «carvalhal») duas irmans velhas e ricas chamadas as *Salgadas*. Eram filhas d'um clerigo de raça gothica, grande lidador, enriquecido nas extorsoens que fizera aos vandalos; e assignava-se *Salgado*, porque Jesus Christo havia dito aos padres que elles eram o *sal* com que se curtem os toicinhos d'este grande porco chamado *Terra*. As filhas do clerigo, como eu vinha contando, eram muito ricas, muito agarradas ao dinheiro, e viviam aferrolhadas n'uma casa acastellada em sitio que ainda hoje se chama o *Crasto*.

Uma noite, foi a casa assaltada por uma quadrilha de salteadores mozarabes que se alapardavam nas ruinas do castello suevo do Pontido. A casa foi arrasada com catapultas, as riquezas foram saqueadas e as duas velhas desappareceram, como se as levassem todos os diabos. Alguem suppoz que effectivamente Satanaz levára as Salgadas para a companhia do pae, condemnado ás penas eternas pelos latrocinios com que locupletara as filhas avarentas.

Passados dias, um pastorinho que guardava o seu rebanho no monte, agachando-se para levantar uma pedra com o fim de regeital-a a uma ovelha, pareceu-lhe ver á flor da terra uma unha. Começou a esgaravatar á volta da unha, e descobriu um dedo. Continuou a escarafunchar já assustado e descobriu dois dedos. Transido de pavor, desatou a berrar pela serra fóra em cata d'outros pegureiros. Uns almocreves que iam passando ali perto, na estrada de Chaves, accudiram aos gritos do pastor. Informados do motivo, foram ao sitio dos dois dedos exhumados; e, continuando as escavaçoens, descobriram primeiro um pé, depois dois pés, depois tres, e por fim quatro pés perfeitos, mas sem as pernas respectivas.

Avisado o alcaide de Villa Pouca, e percorrida a serra, entre uns sargaçaes espessos, descobriu-se a terra remexida de fresco; e, cavando-se n'esses pontos suspeitos, desenterraram duas cabeças, que toda a gente reconheceu serem das irmans Salgadas.

Desde esse dia em diante ao monte onde appareceram os pés deu-se o nome de *Monte dos Pés das Salgadas;* mas a lingua do povo, que todas as origens corrompe, com o rodar dos seculos, e perdida a tradição do caso, em vez de *pés* dizia *pedras*, e d'ahi a corrompida denominação de *Pedras Salgadas*. Alguem suppoz que as pedras, impregnadas do mineral das aguas, tinham sabor salino. A chimica não permitte esta hypothese safardana; e a verdade é isso que ahi fica referido. Quem quizer fallar etymologicamente correcto, diga: «Vou beber a agua dos *Pés das Salgadas*.

VIDAGO

Houve ali umas termas que os romanos denominaram *Vitaago* de *Vita* «vida» e *ago*—eu faço ou produzo. Queriam dizer que aquellas aguas saluberrimas *faziam vida*, isto é, davam saude. Segundo o seu pessimo costume, o povo, estragando o latim primitivo, começou a dizer *Vidago,* mudando o *t* para *d,* «vida» versão de *vita*, e supprimindo eliptícamente a vogal *a*. Ainda assim, ha coisas mais corrompidas, vamos lá (1).

Estas duas etymologias achou-as o meu antepassado Fr. Bernardo de Brito, e encontram-se na Torre do Tombo, para onde passaram com os manuscriptos do mosteiro de Alcobaça. Acham-se confirmadas estas averiguaçoens do meu doutissimo e inquestionavel parente no *Cartapacio* 4.º de Manuel

---

(1) A 1.ª edição d'esta «veridica» noticia etymologica appareceu nas *Novidades* de 12 de junho de 1887. No *Correio da Manhã* de 3 de julho, em uma correspondencia do Vidago, lê-se o seguinte esclarecimento erudito: «Dizem que o nome de Vidago é corrupção do antiquissimo nome com que pelos romanos foram exploradas aquellas aguas—*Vitaago* (fazer vida)». Ora ainda bem que, graças ao egresso Bernardo de Brito se vai divulgando a «verdade» pelos correspondentes tambem *bernardos*.

(Nota de um curioso).

Alvares de Lousada Machado, outro sabio a quem Portugal deve o seu thesouro de verdades historicas. Depois d'estas informaçoens incontrastaveis quem disser *Vidago* e não *Vitaago*, é teimoso ou tolo.

O egresso Bernardo de Brito Junior.

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 - Rua da Fabrica - 66

1887

ESTUDOS BIBLIOGRAPHICOS

Memorias de Tolentino

PELO

VISCONDE DE SANCHES DE BAÈNA

Socio da Academia Real das Sciencias

NICOLÁO TOLENTINO D'ALMEIDA, celebrado poeta, era tio-bisavô do snr. visconde. N'estas «Memorias» o estudioso biographo não pretendeu aquilatar o valor litterario do jovialissimo poeta, e raras vezes pessoal satyrista. O snr. visconde considera definida, no transcurso de tres quartos de seculo, a distincta superioridade do seu antepassado, entre os poetas do seculo XVIII. O proposito do operoso genealogista é desmentir com bastante severidade as fatigantes exposiçoens lamuriosas que o poeta alardeava da sua falsa pobreza—singular excepção, quando o costume é os pobres fingirem de ricos.

Tem razão o illustre bisneto de uma irman de Nicoláo Tolentino. Nem á poesia, linguagem das ficções, deve conceder-se a fantasia de miserias facetamente rimadas com o fim de commiserar a illudida compaixão, convertendo o fructo indecoroso de tal mendicidade em regalada abundancia epicurista. E, quando essa desbriosa astucia deslustra uma parentella notavel por tradiçoens honestas e nobres, o azedume com que o unico representante d'essa familia contradiz as lastimas cavillosas do poeta, é desculpavel e até pouco menos de louvavel.

Mereceria, porém, Tolentino a accusação de *andar sempre atrelado ao cego predominio de uma existencia verdadeiramente epicuriana? (Pag. 33)* Se podér, demonstrarei que ha n'essa arguição certas demasias a orçarem pela injustiça, posto que não seja meu intento absolvêl-o da baixeza do peditorio.

Demonstra documentalmente o snr. visconde que Nicoláo Tolentino accumulou os seguintes empregos, tenças, ordenados e emolumentos:

Habito de S. Thiago (1772)	12$000
Official da secretaria (1783)	700$000
Emolumentos correspondentes	1:700$000
Fôro de fidalgo (1790)	50$000
Aposentação (1803) do professorado de rhetorica	225$000
Pensão annual (1804)	200$000
	2:887$000

Se o poeta arrecadasse annualmente, como o snr. visconde insinua, essa quantia, um emprego que hoje rendesse 6:000$000 seria menos lucrativo que os proventos de Tolentino n'aquelle tempo; mas o illustre biographo conglobou todos aquelles ordenados, desattendendo a distancia de annos que os separam e reduzem entre 1772 e 1804—trinta e dois annos.

Vejamos.

Tolentino, desde 1767 até 1783, recebeu simplesmente o seu ordenado de professor de rhetorica, 450$000 — o que não era pouco em relação á epocha e á inutilidade da sciencia que elle ensinava. Quinze annos se sustentou d'esse ordenado e dos 12$000 réis do habito de S. Thiago.

Argue o snr. visconde o poeta de n'esse espaço de annos assistir, na casa paterna, convertendo os ordenados em despezas extraordinarias suas, porque o pai vivia independente do auxilio dos filhos. *(Pag. 36)*. Não me parece provavel a independencia do pai nem a exploração do filho.

Por quanto, refere o snr. visconde *(Pag. 31)* que o doutor José de Almeida Soares, pai de Nicoláo Tolentino, viuvando em 1767, *cahira em estado tal de angustia que descurou completamente o seu mister de advogado, minguando-lhe assim e por algum tempo os recursos.*

Os recursos da advocacia não voltaram quando a paixão estiou; porque o doutor tomou ordens de presbytero, e provavelmente deixou-se absorver n'uma indolencia ascetica e improductiva de recursos. O doutor tanto não tinha bens de fortuna que não pôde sustentar em Coimbra o filho que se andava formando. Foi *n'esse apertado lance,* diz o snr. visconde, *que* Nicoláo Telentino *tratou de obter emprego, e é d'esse tempo que datam as suas exageradas choradeiras.*

Essas primeiras choradeiras são, a meu ver, as unicas

desculpaveis; porque, desde 1767 até 1780, anno do falecimento do pai, Nicoláo Tolentino converteu provavelmente o seu ordenado em beneficio do pai e das irmans. E, se não, onde grangeava meios o presbytero? Diz o snr. visconde que prégava e tinha capellanias. Quanto a sermoens, essa especie teve mediano consummo no reinado de D. José I; e além d'isso não subsiste do padre doutor José d'Almeida Soares algum vestigio de sermão impresso, pelo qual se possa conjecturar pelo seu engenho a ganancia que o pulpito lhe podia sortir. Os oradores sagrados tinham cahido tanto quanto se pode inferir das *Memorias do ministerio do pulpito* pelo arcebispo D. Frei Manoel do Cenaculo. Verdade é que o doutor era tambem familiar do sancto officio; mas isso era emprego honorifico, de denuncia e agarração gratuita—não rendia salarios alguns para o corpo, e aqui de interesses da alma não é que se tracta. Por tanto, parece-me acêrto e justiça louvar Nicoláo Tolentino por haver contribuido com o seu ordenado de professor de rhetorica para a sustentação de seu pai e mais familia. E, se no decurso d'esses treze annos duros e apertados, o lacrimavel poeta fazia choradeiras, implorando mais rendoso officio, esse é talvez um dos casos serios em que se deva confessar que «a lagrima é livre».

Despachado em 1783 official de secretaria, Tolentino conservou em sua casa sua irman D. Anna e seu sobrinho o beneficiado Gonçalo, que elle naturalmente a expensas suas educou e promoveu na carreira clerical. O poeta montou sege, porque lhe era obrigação do officio esse apparato. Ora, a verba do trem era já de per si não pequeno desfalque no ordenado. Além d'isso, *era taful no trajar*, diz o snr. visconde. Sabia jogar armas brancas, e *tinha franco accesso nas ca-*

zas de toda a juvenil nobreza d'esse tempo, onde taes exercicios eram quase exclusivo passatempo. (Pag. 31) Jogava jogo d'azar por mera distracção, e não porque fosse jogador professo, consoante alguem o increpou; jogava porque esse *intretenimento*, observa o snr. visconde, *era um meio de captar sympathias entre os fidalgos, expondo praticamente o seu finissimo tracto á prova dos que lhe poderiam ser uteis.* Semeava para colher depois, o maganão!

Temos, por tanto, que Tolentino com o ordenado e emolumentos de 2:400$000 réis manteve durante sete annos o dispendio de aluguer de caza, sustento de familia, carruagem montada, tafularia no trajar, perdas no jogo em que se arriscava para agradar aos fidalgos da sua roda—perdas que elle gemeu no alaude, mais ou menos ficticiamente—em fim, não gastou muito, nem poderia gastar menos. Os 50$000 réis do foro de fidalgo, em 1790, pouco montariam na receita do poeta, se antes lhe não gravaram a despeza. Era 750 réis de moradia por mez e um alqueire de cevada por dia. Em parenthesis: esta ração de cevada está abolida ha muito. Bom foi para evitar equivocos jocosos. E, se essa lei graminea e nobliarchica permanecesse hoje em dia, todas as lesirias alémtejanas cultivadas a cevada não produziriam um terço da necessaria para os fidalgos contemporaneos a razão de alqueire por cabeça.

Viveu, pois, Nicoláo Tolentino com o seu ordenado, emolumentos e tença, prefazendo 2:450$000 réis até 1803. Porém, no anno 1801 vendeu por doze mil cruzados a 1.ª edição das suas poesias. Um volume de versos em 1801 por 4:800$000 réis! Acredito por m'o dizerem José Feliciano de Castilho, e o snr. visconde de Sanches de Baêna. N'esse mesmo anno, vendia Bocage as suas poesias por 48$000 réis.

Isto é que não custa a crêr. A differença d'estas duas quantias accentuará o diverso merecimento dos dois auctores? Os versos de Tolentino valeriam 12:000 cruzados, e os de Bocage dez moedas? As indoles dos dois poetas não se prestam ao processo de confrontaçoens para estabelecer primasia, nem esta ligeira analyse dá margem a taes conferencias. E' todavia muito relevante a superioridade de Tolentino quanto ao lusitanismo da locução e á propriedade e riqueza variada dos epithetos, ao passo que Bocage é escasso, pouco menos de pobre na adjectivação—o esmalte da linguagem. Elmano decerto não teria a paciencia de Tolentino em facetar e burilar o verso; mas, se tentasse exercital-a, faltar-lhe-ia a copia de vernaculidades primorosas que Tolentino estadeia nas suas quintilhas satyricas e na maxima porção dos seus sonetos, perfeitissimos alguns. Não obstante, é para admirar como Bocage, o poeta das salas, dos outeiros, dos botequins e das praças não levou vantagem no mercado dos seus versos aos do official de secretaria, apenas conhecido entre os fidalgos e os doutos! O que temos a deprehender da disparidade dos preços na compra dos dois poetas é—1.º que Nicoláo Tolentino negociava habilmente os seus versos; 2.º que Bocage era um idiota em negocios; 3.º que o editor de Bocage era um... esperto — chame-se-lhe provisoriamente *esperto*, emquanto o leitor não lhe põe alcunha mais frizante ao editor.

Em 1803 augmentou Tolentino os seus ordenados com a aposentação de mestre de rhetorica — 225$000 réis. Em 1806 conseguiu uma pensão annual de 200$000 réis, com sobrevivencia para suas irmans. Attingiu então salarios prefazendo 2:887$000 réis que desfructou até 1811, anno da sua morte.

Desbaratou Tolentino os rendimentos melhorados nos ultimos annos? Morreu com dividas? Denegriu a sua probidade com expedientes ignobeis para viver regalada e sibariticamente? Não. Quando morreu, deixou 18:000 cruzados, afóra a pensão, á sua familia. Não obstante, o snr. visconde reflexiona que o poeta *poderia ter deixado pelo menos sem grande esforço um cabedal de cincoenta mil cruzados; mas andou sempre atrelado ao cego predominio de uma existencia verdadeiramente epicuriana.* Está feito, está feito! Um Epicuro que deixa 18:000 cruzados á familia não é dos peores Epicuros. Tomára eu uma duzia d'elles na minha parentella, que eu me encarregaria de lhes chamar nechrologicamente Socrates e Catoens censorinos.

Que elle mentia nas suas lastimas poeticas, isso está bem liquidado nos primeiros annos, pelo menos; mas o que decerto espanta é que, no termo da vida, e quando já tinha amealhados 18:000 cruzados, mentisse em prosa e prosa esparramada, sem flor rhetorica de casta nenhuma, como se vê no *Documento* n.º 23 d'estas *Memorias.* Chora d'esta arte o peditorio triste: «Diz Nicoláo Tolentino de Almeida, «que elle tem servido a Vossa Alteza Real 16 annos de Pro«fessor Regio de Rhetorica e Poetica, e vinte e tres em offi«cial de secretaria dos negecios do reino: que tendo-lhe fica«do por fallecimento de seu pai, muitas irmans e sobrinhas «sem terem absolutamente meios alguns de subsistencia, «divide entre ellas o seu ordenado e lhes procurou soccor«ros, entre os quaes foi o requerer a seu favor remuneração «dos seus proprios serviços; que obtivera tenças, mercê que «a calamidade dos tempos lhe tem feito pouco util: que achan«do-se em idade avançada, e entrevendo a indigencia em «que ficarão, principalmente suas duas irmans, viuva e uma

«donzella, com poucos meios de subsistirem, e esses muito «falliveis, recorre á paternal Piedade de Vossa Alteza Real... «etc., etc.»

Pois o venerando ancião, que assim mente por amor das irmans, não seria um exemplarissimo amigo da familia, pelo menos das tres senhoras e sobrinhos que instituiu seus herdeiros? O snr. visconde não foi perfeitamente tolerante com o irmão estremoso que, por affecto ás irmãs, parece ter tomado sobre si a missão de demonstrar a infallibilidade da renda de pedir em que nunca ha perdas sensiveis. Eu, por mim, não vacillo em felicitar o meu illustre amigo não só pelo raro talento, que tambem pelas virtudes domesticas do seu nobre parente Nicoláo Tolentino de Almeida.

*

Resumirei dois ligeiros reparos que motivam algum desaccordo entre as affirmativas do esclarecido biographo e as minhas conjecturas.

Pouco monta saber se Nicoláo Tolentino foi ou não chegou a ser bacharel formado. E' certo que elle se matriculou em 1760, e nos annos seguintes até 1764. Faltou um anno, e reappareceu em 1765. Depois, tornou á matricula de 1769. A este respeito diz o snr. visconde:

«Não podemos colher certezas se o poeta completou, ou não, a sua formatura; mas é de crer que sim, visto ter ido matricular-se pela sexta vez em 1769...» Persuado-me que é de

crer que não se formasse. Nos requerimentos que faz, Nicoláo Tolentino nunca antepõe ao seu nome o qualificativo de bacharel ou doutor. Nas inquiriçoens que se fizeram para o habilitarem cavalleiro de S. Thiago não se declara que elle fosse bacharel—e era rigoroso declarar-se. Se tivesse habilitação resultante dos seus estudos em qualquer faculdade o documento da sua habilitação para cavalleiro de S. Thiago não diria que *elle não teve desde os seus principios outros exercicios que ser estudante.* De um bacharel formado não se diria que elle nunca passara de estudante. Ao pae chamava-lhe *doutor* ou *bacharel;* a elle chamava-lhe simplesmente *estudante,* e que não tivera desde os seus principios outros exercicios. O contrario d'isto parece-me insustentavel.

Outro reparo.

Houve relaçoens entre Manoel Maria Barbosa de Bocage e Nicoláo Tolentino? «Não teve relaçoens intimas com Bocage (assevera o snr. visconde), porque quando este veio pela primeira vez a Lisboa em 1782 (aliás 1786), contando apenas 16 annos (aliás 21 annos) de idade, já Tolentino passava dos 42 e achava-se collocado n'uma posição séria de mais para entrar em camaradagem com as verduras que levaram aquelle poeta a seguir o caminho da India» *(pag.* 32).

E' possivel que Tolentino desconhecêsse em 1786 o Bocage dos 21 annos; mas é inverosimil que o não conhecesse, regressando da India em 1790, vivendo em Lisboa, e morrendo ahi quinze annos depois. Além d'isso a affirmativa do snr. visconde contradiz as tradiçoens. A snr.ª D. Anna Marecos, contemporanea e affeiçoada aos dous poetas, asseverou ao conselheiro José Feliciano de Castilho que entre Bocage e Tolentino houve estreitas relaçoens. *(Livraria classica.* Paris, 1867, tom. 2.º)

Referiu a mesma dama a Castilho a seguinte passagem: «Estava Bocage encostado ao umbral de uma loja do Rocio apparentemente pensativo e absorto, quando Tolentino, chegando-se-lhe ao ouvido, pergunta:

Elmano, a lyra divina
Porque razão immudece?

ao que logo Bocage respondeu:

Porque mais cala no mundo
Quem mais o mundo conhece.

Tornou Tolentino:

Que tens achado no mundo
Que mais assombro te faça.

Diz Bocage sem hesitar:

Um poeta com ventura,
Um toleirão com desgraça.»

Accrescentou a informadora que «dentro em poucos minutos estavam os improvisadores rodeados de centenares de ouvintes; e, influidos pela emulação, continuaram longo tempo sem ceder nem fraquejar, n'este formoso *écho.*»

Que me perdôe a memoria da snr.ª D. Anna Marecos; mas esse desafio de consoantes figura-se-me uma das muitas anecdotas formadas pela lenda posthuma de todos os poetas improvisadores. Nem é crivel que o velho e veneravel official

de secretaria parasse á porta de uma loja do Rocio a trocar versos com Bocage, dando-se em espectaculo á pasmaceira alvar dos transeuntes. Nem o José Daniel da *Carreira dos tolos* seria capaz d'essa reles exhibição. Isto, porém, não impugna que elles se conhecessem muito, que se respeitassem mutuamente, e até que uma certa rivalidade os desviasse. De mais a mais, Manoel Maria dava-se pouco com fidalgos, e frequentaria pouquissimo as assembleias aristocraticas de Tolentino. Nada lhe aprazia tanto como o *claro auditorio seu* do *Nicola* e do *Botequim das Parras*.

*

Supplementarmente ás *Memorias*, dá o snr. visconde algumas paginas interessantes com o titulo de *Traços biographicos-genealogicos de João Forbes Skellater, notavel marechal do exercito portuguez*. Nomeando a descendencia d'aquelle general, casado na provincia da Beira, escreve o snr. visconde:

«Teve o merechal Forbes de sua referida mulher as 3 filhas que se seguem: 1.ª D. Anna Benedicta Forbes de Almeida, *sem mais noticia*. 2.ª D. Joanna Victoria Forbes de Almeida, com quem se continua. 3.ª D. Maria Christina Forbes de Almeida, fallecida em 10 de dezembro de 1815.»

Da primeira, D. Anna, diz o snr. visconde: *sem mais noticia*. Ha noticia, e tão particularisada que é esse ramo da familia Forbes o que superiormente hoje em dia realça mais

por bens de fortuna e pelos appellidos nobillissimos de um cavalheiro que herdou e manteve notavel respeitabilidade, sequestrando-se a todas as facções politicas militantes para se alistar egregiamente cortezão de um principe desgraçado.

D. Anna Forbes casou com Manoel de Albuquerque de Mello Pereira de Caceres, desembargador da Relação do Porto, 11.° senhor do morgado de Casal-Vasco, 10.° senhor do dos Mellos da Louzan, 6.° do da Insua, e senhor tambem do de Espinhel dado por D. Manoel em 1500 a D. Fr. Payo Correia. D'este consorcio nasceram um filho e duas filhas que falleceram solteiras aqui no Porto. O filho era João de Albuquerque Forbes Pereira e Caceres, nascido em 1804, que casou com a exc.ma snr.a D. Camilla Ribeiro de Faria em 29 de julho de 1852 e falleceu em 25 de setembro de 1860. D'este consorcio ficaram dous filhos—o snr. Manoel de Albuquerque, nascido em 16 de julho de 1853 e o snr. Francisco de Albuquerque, nascido em 19 de novembro de 1856.

E' de presumir que o snr. visconde, no jornalismo de Lisboa, muitas vezes encontrasse menção d'aquelles Albuquerques Forbes, do Porto; mas naturalmente confundiu-os com outra familia da mesma cidade, que usa o appellido *Forbes*, como se collige da seguinte nota de pg. 99: *O marechal Forbes foi padrinho de Antonio Ribeiro Fernandes e este para se distinguir de outro individuo do mesmo nome adoptou appellido de Forbes. Por tanto a Familia de Forbes, que actualmente existe no Porto descendente do dito Fernandes nada tem de commum, genealogicamente fallando com a do Marechal.*

A' cerca da ascendencia muito illustre de João de Albuquerque encontra o snr. visconde amplas noticias no «Portugal antigo e moderno», subministradas ao fallecido Augus-

to de Pinho Leal pelo seu actual continuador o erudito abbade de Miragaya, dr. Pedro Augusto Ferreira. Veja art. «Miragaya, tom V, pag. 271, col. 2.ª

*

As insignificantes imperfeições do livro do illustre investigador são offuscadas por brilhantissimos predicados. Este esmerado trabalho de reconstrucção de elementos biographicos dispersos e adulterados denota a feição proeminentemente pesquisadora e já revellada em outros escriptos do snr. visconde de Sanches de Baêna. De todas as producções de s. ex.ª transluz grande affecto á patria, e forte consciencia empenhada em que todas as suas affirmaçoens sejam austeramente verdadeiras.

TYPOGRAPHIA
DE
José da Silva Mendonça
Largo de S. Domingos, 11
PORTO
—
1887

AOS ILL.MOS E EX.MOS SNRS.

VISCONDE DE CORREIA BOTELHO

E

FRANCISCO MARTINS SARMENTO

O que são as creanças? Aves implumes para as quaes são indispensaveis o calor e os affectos do ninho. O que é a creche? uma aza protectora para as creanças, o calor e os affectos d'um verdadeiro ninho.

A ellas, ás que buscam abrigo, a nossa piedade; a vós, que sois os seus desvelados patronos, o nosso culto e a nossa veneração. Todo aquelle que faz bem ao proximo é um bom cidadão; quem acolhe os pequenos é um santo. «Deixae que de mim se acerquem as creanças!» disse Christo.

PORTO, 24 DE SETEMBRO DE 1887.

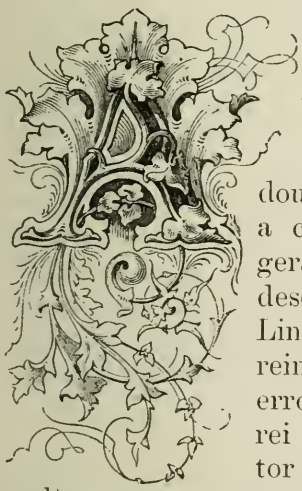
Arthur José de Sousa & Irmão.

PORTO
TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
57, Largo de S. Domingos, 57
—
1887

UMA SATYRA

DE

SÁ DE MIRANDA



ALGUNS jornaes provincianos, quando o snr. visconde de Lindoso, ha dous mezes, foi promovido a conde, disseram que na geração de s. exc.ª havia desenove alcaides móres de Lindoso, a contar desde o reinado de D. Diniz. Se ha erro na contagem, não serei eu que o corrija. O leitor não hade, d'esta vez, exultar com a certeza de que o snr. conde de Lindoso tem desenove alcaides na sua arvore genealogica.

O meu proposito é averiguar se algum d'esses desenove praticou façanha que o immortalisasse na chronica ou na epopea.

Effectivamente, deparou-se-me um, cujo nome está identificado a uma poesia de Francisco de Sá de Miranda. Dos outros, por emquanto, apenas sei os nomes e as tradiçoens provaveis d'umas existencias obscuramente e honradamente pacatas em Guimaraens, no transcurso de cinco seculos.

A celebridade que Sá de Miranda, commendador das Duas Egrejas deu ao alcaide seu contemporaneo e visinho não é nada epica.

Chamava-se o alcaide-mór de Lindoso Christovão do Valle e residia no seu castello. Sá de Miranda morava na sua casa commendataria da Tapada, não longe de Lindoso. Tinha o poeta um criado gallego que o alcaide, especie de administrador de concelho e commissario de policia do seculo XVI, prendeu por motivos insignificantes. Sá de Miranda, escrevendo em *Redondilhas* a seu cunhado Manoel Machado, Senhor d'Entre Homem e Cavado, conta-lhe a prisão do gallego, lardeando a noticia de axiomas sentenciosos que muito lhe abonam a antonomasia de Seneca portuguez. Principía assim:

Inda que eu ria, e me cale,
Que me eu faça surdo e cego,
Bem vejo eu por que o do Vale
Correu tanto ao meu galego.

Em quanto o do Vale lhe corre o gallego, diz elle que uns

Ladroens de seiscentas côres
Andam por aqui seguros,
Não lhe sahem taes corredores.

E a causa d'essa impunidade é que o alcaide não fazia caso dos malfeitores que lhe ameaçassem o physico:

Após quem torna por si
E primeiro matta ou morre
Não corre o do Vale assi,
Que após um tolo assim corre.

E vai nomeando uns malandros que andavam a salvo, um Bastião, um Ribeiro, personagens que se faziam respeitar pela valentia ou pelo dinheiro.

Depois de muitas maximas de san moral, o poeta volta-se para o Governo e exclama:

Executores da lei,
Havei vergonha algum dia!
Este chama: Aqui del rei!
Este outro chama a valia.

Ora, o fecho da satyra que é o mais pungente d'ella, está deturpado na composição negligente das impressões que conheço, d'este feitio:

Outro chama: Portugal:
De varas não ha i mingua.
Desata a bolsa, que val.
Traze sempre atada a lingua.

Com esta construcção assim aleijada, a satyra penetrante fica de todo deslusida e estragada. Para que os equivocos flagelladores resaltem do jogo das palavras de accepção dupla, a reconstrucção deve ser esta:

Outro diz: em Portugal (*)
De varas não ha hi mingua;
Desata a bolsa, que Val
Traz sempre atada a lingua.

É claro o intuito mordaz do poeta. Manda *desatar a bolsa.* Precede uns bons cincoenta annos o *Put money in thy purse* de Shakespeare. O poeta inglez, pela bocca perversa do *honest Iago*, mandava encher a bolsa; o portuguez manda desatal-a depois de cheia; é a mesma ideia. *Desata a bolsa,* diz elle, porque o Vale, o alcaide de Lindoso, quando o amordaçam com dinheiro,

Traz sempre atada a lingua.

O verso é máu; mas Sá de Miranda visava principalmente a fazer boa philosophia, e contentava-se em alinhavar versos concei-

(*) N'este verso adoptei uma variante que se encontra na ultima edição das poesias de Sá de Miranda.

tuosos em prosa chan; por isso mofava d'elle o Camacho na *Jornada do Parnaso,* taxando-o de

Poeta até o umbigo, e os baixos prosa.

Seja como fôr, dos desenove alcaides de Lindoso nenhum outro se gaba de ter o seu nome registado na obra do grande mestre da renascença lyrica da Peninsula.

*

Não sei se é notorio em Portugal e nomeadamente no Chiado e Clerigos que uma senhora, nascida e educada na Allemanha, e residente não ha muitos annos no Porto, publicou em 1885 uma edição das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda,* impressa em Halle. E um volume em 8.º fr., de 1085 pag.; a saber CXXXVI que comprehendem a biographia do poeta, a topographia de Carrazedo de Bouro, da quinta da Tapada, do solar de Crasto; e a noticia particularisada dos codices manuscriptos e das ediçoens impressas que a illustre escriptora manuseou. As 946 paginas restantes comprehendem as poesias conhecidas e as ineditas colhidas de varios manuscriptos, repartidas em quatro secçoens; e na Secção ou *Parte 5.ª* encontram-se todos os poemas dedicados a Sá de Miranda. Na margem inferior de cada pagina inscreve a snr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos as variantes dos codices conferidos, e nas *Notas,* que começam a pag. 739, entra s. ex.ª na parte critica

do seu valioso trabalho, desenvolvendo raros, copiosos conhecimentos da litteratura portugueza dos seculos XV e XVI, e da vida intima dos seus poetas.

Referindo-se á satyra de Sá de Miranda, cujos fragmentos trasladei, escreve a illustrada senhora a pag. 754: «*As allusoens a um* DA VALE... *já não podem ser decifradas.*»

Seria assombroso que s. exc.ª conseguisse exhumar da poeira dos cartapácios genealogicos de Guimaraens aquelle Christovão do Vale, alcaide infesto ao serviçal do poeta. Quantas geraçoens de leitores da carta do commendador das Duas Egrejas terão passado inconscientes por sobre aquellas allusoens!

Nas notas, porém, da snr.ª D. Carolina de Vasconcellos ha lances de investigação historica tão penetrantes e intuitivos que dão muito a esperar, se os seus estudos nos baldios ingratos da archeologia litteraria não desanimarem arrefecidos pelo desaffecto que os portuguezes manifestam pelo archaismo.

Aqui se me offerece um exemplo de lucida exploração investigadora no livro admiravel d'esta senhora. Na *Carta* V de Sá de Miranda *a Antonio Pereira* (pag. 237), o poeta, referindo-se ao solar dos Pereiras, escreve:

Do qual não ha muitos annos
Um que aqui Braga regeu,
Pondo aparte os longos pannos,
O passo dos castelhanos
Á espada o defendeu.

Commentando estes versos, explana a snr.ª D. Carolina de Vasconcellos (pag. 806): *Julgamos que se trata do avô do grande condestavel, i é de D. Gonçalo Pereira que regeu Braga como arcebispo no meado do seculo XIV. Quando o infante D. Pedro invadiu em 1354 as provincias de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes acompanhado de seus cunhados D. Ruy de Castro e D. João de Castro foi ao seu encontro o arcebispo de Braga, que o havia advertido em tempo dos sinistros projectos de D. Affonso IV. O prelado apresentou-se como medianeiro para acalmar a contenda, e desviou o colerico infante do Porto...*

Esta exposição tem equivocaçoens. S. exc.ª, como logo veremos, corrige alguns enganos com muito boa critica historica; outros, porém, que não emenda, pedirei licença para os apontar. O infante D. Pedro não invadiu a provincia de Entre Douro e Minho em 1354. Ignez de Castro foi assassinada em 7 de janeiro de 1355. A rebellião do filho contra o pai começou n'esta ultima data e terminou em 6 de agosto do mesmo anno pelas pazes feitas em Canavezes. Quanto aos irmãos de Ignez, ella não teve algum que se chamasse *João* ou *Ruy*. Teve dous: um, seu irmão inteiro, chamou-se D. Alvaro Pires de Castro, que foi conde de Arrayolos e primeiro condestavel; o outro, seu meio irmão, chamou-se D. Fernando Rodrigues de Castro. Além d'estes irmãos, teve uma meia irman, D. Joanna de Castro, que, depois de viuva de D. Diogo, senhor de Biscaia, casou

com D. Pedro, *o cruel,* rei de Castella, depois da morte de Maria Padilha.

Quanto ao arcebispo D. Gonçalo Pereira, considerado por todos os escriptores nacionaes e estranhos que ha mais de dous seculos tratam a historia portugueza no seculo XIV, pacificador na guerra civil consecutiva á morte de Ignez de Castro, emenda a snr.ª D. Carolina de Vasconcellos (pag. 882): *O arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, jaz sepultado n'uma capella annexa á Sé de Braga, onde na inscripção tumular se lê ter elle morrido no anno de 1348. É, pois, impossivel que a lenda sobre a sua intervenção nas luctas de D. Pedro, o Justiceiro, e de Affonso IV* (1354) *seja veridica.*

Conjectura depois a refexiva escriptora se o poeta alludiria á intervenção do arcebispo nas pazes entre o infante D. Affonso IV e seu pai D. Diniz; ou á concordia que o mesmo prelado restabeleceu entre Affonso XI de Castella e Affonso IV de Portugal.

Estas hypotheses suggeriu-lh'as o *Nobiliario do Conde D. Pedro,* editado por A. Herculano, a pag. 285. Não póde, todavia, prevalecer alguma d'essas conjecturas da excellente commentarista; porquanto, Sá de Miranda, nas suas trovas, não trata de pazes; é de guerra, e á ponta da espada com castelhanos:

Um que aqui Braga regeu
Pondo aparte os longos panos
O passo dos castelhanos
A espada o defendeu.

D'aqui a pouco, espero conseguir que s. exc.ª acceite o facto historico, desembaraçado de hypotheses, como elle se acha escripto nos antigos livros portuguezes.

Quanto á morte de D. Gonçalo Pereira emendou s. exc.ª um descuido repetido por todos os historiadores desde Manoel de Faria e Souza e D. Rodrigo da Cunha, que tambem faz D. Gonçalo contemporaneo de D. Pedro I, já reinante.

A data da morte do arcebispo em 1348 não era estranha para mim, quando em 1874 escrevi: «Em 1347 foi D. Gonçalo visitar a provincia transmontana. Chegando a Villa Flor com grande sequito, travaram-se alli os seus criados com os moradores da terra, e de ambas as partes belligerantes morreram quatro homens e sahiram doze mal-feridos. Tangeram os sinos a rebate. Levantou-se a povoação armada. Cercaram a residencia do arcebispo, mataram-lhe seis homens, e matariam o proprio prelado, se não fugisse, pendurando-se de uma corda, que lhe não evitou cahir de costas no terreiro e contundir-se gravemente. Não contentes os de Villa Flor com a fuga do seu arcebispo, tomaram-lhe as mulas, de envolta com parte dos capellães e seis criados. Protegido por atalhos, o contuso prelado chegou a Carrazeda de Anciães, povoação importante n'aquelle tempo, fortificou-se no castello, fez lavrar instrumento publico, e enviou-o a D. Affonso IV. O rei, poucos dias depois, mandou a Villa Flor uma alçada com dous algozes bem

escoltados, e fez enforcar os sacrilegos que pôde colher na devassa. Esta vingança nem por isso alliviou os incommodos do arcebispo descadeirado na queda. Transferido a Braga, deitou-se para nunca mais se erguer. Quatro mezes depois adormeceu no Senhor.» *(Noites de insomnia,* n.º 5, pag. 91 e 92).

N'este mesmo artigo, commemorando as proezas do avô do condestavel D. Nuno Alvares, escrevi: *Fôra elle ainda quem acaudilhára a hoste de portuguezes, quando uma invasão de hespanhoes, em desapoderada fuga, deixou o sangue de tresentas vidas nas lanças dos alabardeiros do arcebispo. (Ib.* pag. 92.)

Aqui tem s. exc.ª a façanha que Sá de Miranda celebrou na sua carta a um dos descendentes do prelado guerreiro; e, para que a illustre escriptora a conheça de melhor auctoridade que a minha, aqui lhe dou o traslado de chronista antigo: «Por estes annos, entraram por ordem de el-rei D. Affonso onzeno de Castella pelo reino de Portugal, com mão armada, D. Fernando Rodrigues de Castro e D. João de Castro seu irmão, capitães do reino de Galliza, roubando, desbaratando quanto achavam, com muita gente de armas, até chegarem á cidade do Porto, e fazendo todo estrago que podiam sem acharem resistencia, estando juntos n'ella o bispo D. Vasco e D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, que antes fôra Deão do Porto, e o Mestre de Christo D. Frei Estevão Gonçalves refizeram 1:400 homens entre infantes e cavallos, com os quaes os contrarios não quize-

ram cometer peleja; e voltando as costas se foram recolhendo com a preza que levavam; mas seguindo-lhe os portuguezes o alcance lhe fizeram largar tudo, e custar a retirada mais do que cuidavam, até que com morte de D. João de Castro e outros muitos soldados se foram recolhendo a Galliza: foi isto na Era de 1374, anno de Christo 1336...» (D. RODRIGO DA CUNHA, *Cathalogo dos B. do Porto,* pag. 96, edic. de 1742).

Não nos restam, pois, incertezas quanto ao feito de armas encomiado por Sá de Miranda; e de todo em todo, á vista do anno em que falleceu o arcebispo, irrefutavelmente fixado pela snr.ª D. Carolina Michaelis, é excluido aquelle prelado da intervenção que os historiadores e até modernos dramaturgos lhe dão nos successos posteriores á morte de Ignez de Castro.

Mas, d'onde procede essa confusão dos historiadores? Quem é o sacerdote Pereira que defendeu o Porto da invasão do infante D. Pedro em 1355? Vamos conhecel-o.

Assim como leu a pag. 285 do *Nobiliario do Conde D. Pedro,* se a snr.ª D. Carolina de Vasconcellos lesse a pag. 286, achava decifrado o enigma. Ahi nos conta o continuador do conde de Barcellos (digo *continuador,* porque D. Pedro, fallecido em 1354, não podia referir factos occorridos em 1355) que o defensor da *villa do Porto,* não fortificada, foi D. Alvaro Gonçalves Pereira, filho do arcebispo D. Gonçalo. Não foi, portanto, o pai; foi seu filho, o prior do Crato, pai do condestavel D. Nuno. E

por que a formula do *Nobiliario* tem uma concisão engraçada e pittoresca não será desagradavel ao leitor conhecel-a. Vai textualmente: *Este Prior D. Alvaro foi o que pos os pendões por muro, estando na villa do Porto para a guardar por mandado d'el-rei D. Affonso IV, porque o Infante D. Pedro andava alçado del, queimando e destruindo muitos logares do Reino, fasendo mal e danando a Diogo Lopes Pacheco, a D. Gil Vasques de Rezende e a Pero Coelho e a todos os que el culpava que foram conselheiros na morte da infanta D. Ignez de Castro, que el-rei seu padre matou, e a villa do Porto não era murada em aquelle tempo, senão em poucos logares de máo muro, e o Prior D. Alvaro fez muros de pendões das náos que ahi estavam, chantando as hastes delles pelo campo a redor da villa, e percebendo* (industriando) *suas gentes como defendessem os pendoens. O Infante D. Pedro estere ahi em cerca da villa 16 dias com grande poder de fidalgos portuguezes e de Galiza. Estes fidalgos desejaram muito cobrar a villa por a riqueza della. Isto durou até que chegou El-rei D. Affonso IV, e o prior D. Alvaro entregou-lhe sua villa, e alguns disseram que o Infante se soffreu de combater a villa por honra do Prior D. Alvaro, como entregou a villa a seu senhor El-Rei começou de andar em preitezias* (negociações) *entre El-Rei seu padre e aveo-os* (avençoou-os) *e fez-lhe dar a sua quantia de maravedis que seu padre lhe tinha alçada* (suspensa) *e fez-lhe dar o condado ao Infante D. João seu filho, e outras muitas mercês...* etc.

Ahi está o facto historico.

A correcção reconstituinte da snr.ª D. Carolina de Vasconcellos e os esclarecimentos que ouso offerecer-lhe serão bastantes para expungir das historias patrias que por ahi correm a intervenção lendaria do arcebispo de Braga na guerra civil de 1355? Talvez não. Ha erros enkistados que nenhum bisturi de critica desarreiga.

*

Recopilando as impressoens que recebi do livro da illustrada alleman, a biographia de Sá de Miranda, expurgada de inveterados erros, está primorosamente redigida. A minudenciosa visita de s. exc.ª ao Castro e á quinta da Tapada revellam o amor com que a auctora estava possuida do seu assumpto. As reflexoens philologicas rescendem um sabor germanico de que em Portugal decerto não achou exemplos. A linguagem, a despeito de quasi imperceptiveis incorrecçoens, parece ter sido estudada nos melhores mestres desde os primeiros alvores da sua educação litteraria. Desata problemas invencilhados de genealogias; restitue a uns poetas obras attribuidas a outros; gradua o quilate dos diamantes que lapida sob o esmeril da critica mais esclarecida. Cotteja factos contemporaneos dos poemas, para lhes averiguar a ideia ou a allegoria. Prodigiosa paciencia e rara vocação por tanta maneira divergente da nossa indole superficial em averiguações d'esta natureza!

Devemos, portanto, á insigne escriptora a

primeira edição digna do grande e quasi olvidado poeta. Devemos-lhe além d'isso ter feito mais conhecido e apreciado do que era em Allemanha o grande luminar d'onde promanaram discipulos como Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Andrade Caminha, e a pleiade de seiscentistas que formam com Luiz de Camões a idade aurea da litteratura portugueza.

Com o livro estimavel da illustrada escriptora será mais lido em Portugal Sá de Miranda? Envergonho-me de confessar que não S. exc.ª achou-me exagerado quando eu disse que na minha terra se conhecia o poeta *Sá* pelas charadas. « Sou poeta portuguez-1. » Poeta portuguez com uma syllaba? É por força Sá.

Insisto em teimar, minha senhora, que, quando a transcendente idiotia das charadas cahir no abysmo do ridiculo, apagar-se-ha de todo o nome do poeta. E, quando isso succeder, folgará grandemente a alma rancorosa de Christovão do Vale, ex-alcaide de Lindoso, que está, pelo menos, no purgatorio expiando a perseguição que fez ao innocente gallego, vingado pela satyra do seu immortal patrão uzurariamente.

TRAÇOS DE IDEIAS

PORTO — Imprensa Moderna — PORTO
4, Rua do Carmo, 4
1887

Traços de ideias

Quando leio certos livros, lembra-me Lacordaire. Lia este illustre pregador as famigeradas *Lettres persanes* de Montesquieu, e disse que não encontrára nada admiravel a não ser *la pauvreté qu'il y a dans tant d'esprit.*

❊

O amor é a luz; a vida é a sombra. Quando a luz se apaga, a sombra desfaz-se.

❊

O symptoma infallivel de morte proximavê perder-lhe em fim o mêdo quem por muito tempo a temeu.

❊

Desculpem-se os defeitos dos grandes espiritos. Só deixa de haver sombras onde não ha luz.

❊

A immortalidade do nome não é uma palavra van, como desdenhosamente se repete. Para os reis devastadores a immortalidade do nome era uma suggestão de sangue. Para os grandes talentos infelizes é um palleativo ás suas miserias.

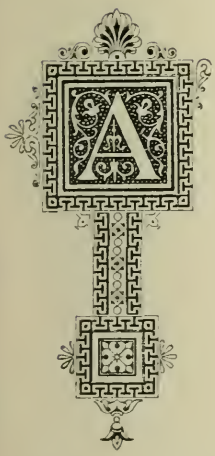
❊

O meio em que se vive, mais ou menos infeliz, longos annos, é um nó difficil de desatar. Persuado-me que Lucifer, se fosse restituido ao ceo, passados alguns dias, teria saudades do inferno.

PAGINAS INTIMAS

Confidencias

> Não são sómente as ideias e os interesses que nos ligam, a base de toda a concordia social assenta sobre os impulsos affectivos.
>
> Dr. Theophilo Braga.



As epigraphes que vem classificando os diversos assumptos d'este livro são de minha inteira responsabilidade.

O Snr. Visconde de Correia Botelho, abrindo mão d'este penhôr da sua piedade em beneficio das criancinhas desventuradas, declarou-me, muito categoricamente, que não interviria na sua constructura senão para fornecêr-me os originaes e corrigir as respectivas provas.

Presinto e lamento que S. Ex.ª tenha de arrepender-se da demasiada confiança que depositou no seu inscio e

inhabil delegado. Não valem simplesmente bons desejos em assumptos de tanta ponderação e magnitude.

Proseguindo, porém, na missão que me impuz, vou justificar a razão por que intitulei—*Paginas Intimas*—as duas producções que ao diante seguem.

A maior dôr humana—desafôgo d'uma alma superior repungida e excruciada, é não só crystalino espelho da mais profunda mágoa, como a fiel imagem de sentimentos elevadissimos retemperados na consciencia de todas as nobrezas.

Não será estranho a ninguem que Camillo Castello Branco, o revolucionario da idéa e da palavra, que tem provado até ás fezes o calice de todas as amarguras, saiba nitidamente comprehender, sentir e avaliar as crudelissimas angustias que se desencadeiam, como tempestades interiores, no coração de um pae ao vêr resvalar para sempre, na escuridão do sepulchro, os mais queridos pedaços d'alma; mas o que é para admirar e respeitar é que esse venerando escriptor, que muitos consideram avêsso a sentimentos religiosos e altruistas, compartilhe tam entranhadamente as afflições mortificantes d'aquelles mesmos que, por discordancia de principios ou ainda por circunstancias fortuitas, tenha distanciado.

O vulgo denêga homenagens não só aos indifferentes, senão que até, por vezes, aos mesmos affeiçoados!

A maior dôr humana—sentidissimo epicedio, repassado de pungentes melancolias, foi elaborado no remanso do gabinete do artista irrivalisavel, quando a Fatalidade, pesando rudemente com braço de ferro sobre o seu illustre companheiro nas lides litterarias—Theophilo Braga—espirito solido incrustado em bronze, lhe arrancáva impiedosa, e a breve

trecho, os dois unicos fructos do seu amôr, deixando-lhe assim o lar deserto, negro de trevas, ouriçado de tormentos!

João de Deus, o distinctissimo poeta e a encarnação do Bem, no louvavel empenho de formar um livro de elegias das principaes notabilidades litterarias, para do seu producto se *fundir* uma corôa destinada ao tumulo dos dois entes que se fôram acolher á eternidade, encontrou francamente aberto o coração de Camillo Castello Branco para cooperar em obra tam santa quam benemerita.

Perante a magestade de taes sentimentos emmudece e curva-se respeitosa toda a criatura que pensa e tem coração para sentir e chorar.

Qualquer palavra que eu ousasse appôr áquella epopeia de lagrimas e de heroismos desluziria o brilhantismo de tal consagração.

Mas «se a base de toda a concordia social assenta sobre os impulsos affectivos», eu, cingindo em cordialissimo amplexo os meus dois dilectissimos amigos, [1] peço ardentemente a Deus que por corôa de seus martyrios lhes dê o balsamo das suas consolações, cicatrisando-lhes as feridas que lhes deixaram abertas as prematuras e infaustas perdas das suas mais caras esperanças e das suas mais doiradas illusões.

«Quem sabe o que vale e no mundo o que é,
«Despreza da gloria o prazer d'um momento
«Resiste á desgraça qual cedro de pé.»

---

1 O Snr. Dr. Theophilo Braga foi o primeiro homem de lettras que eu conheci em Portugal, depois do meu regresso do Brazil. Devo a S. Ex.ª as mais inequivocas provas de extrema affabilidade e orgulho-me de ser um dos mais respeitosos admiradores das suas virtudes civicas e do seu peregrino e famigerado talento.

De quanto fica dito, parece inferir-se que mais bem classificada seria esta nota dolente, prototypo de nobilissima generosidade como — *Pagina de Ouro* ou antes de *Consolação* — se não viesse em favor do meu alvitre o mysterio em que se envolve a poesia — *Resignação* — que nem a auctoridade de uma das nossas mais eminentes e preconisadas illustrações, o Snr. Thomaz Ribeiro, ousou desvendar.

As poucas mas eruditas palavras que prefaciam a — *Resignação* — é facil perceber que são perolas desprendidas do opulento e deslumbrante diadema do nosso adoravel poeta — o festejado auctor do *D. Juime* e intimo amigo do primacial auctor da — *Resignação*. S. Ex.ª, guardando alheio segredo, não quiz de todo levantar a ponta ao véo do sympathico vulto da decantada — *Rachel* — a quem faz devida e rigorosa justiça; e, pois, não serei eu quem lh'o levante, não obstante poder substituil-o por um ramilhete de documentos honrosissimos, que a nobilitam em extremo.

E com profundo pesar a deixo assim velada, porque esta *Rachel*, idolatria de um *morto*-anonymo — firmemente reverenciada pelo Snr. Conselheiro Thomaz Ribeiro — é Senhora a quem eu devóto a mais respeitosa consideração e particularissima estima; — é uma das mais gratas recordações que me restam, saudosamente insculpida nos seios d'alma pelos risonhos e innocentes brincos da infancia, sempre puros e nitentes como gotta de orvalho, rociado do céo nas petalas de candida e odorifera açucena. (Veja nota final).

JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO.

RESIGNAÇÃO

Vamos publicar um poema, em seis estancias apenas, compostas por só vinte e quatro alexandrinos. Esse poema, que se intitula — *Resignação*, e é offerecido a — *Rachel* —, não é uma obra de phantasia: é a consagração d'uma historia de amores contra os quaes «se ergueu a procella desabrida» de que falla o poeta, e cuja memoria ficará eternamente gravada pelo diamante do genio no chrystal da lenda.

Se o aventuroso Francisco de Vallois volvesse á terra, teria, em presença da narrativa d'estes amores, de substituir o distico da sua vidraça historica. E não teria; que elle gravou «souvent» e não disse «toujours», quando se referiu á inconstancia feminina. Guardamos o segredo que nos é pedido a respeito do nome glorioso que se esconde sob a indicação: — «Obra posthuma d'um morto-anonymo» —; guardamos; na certeza de que é baldada a nossa discreta obediencia. Todos hão de adivinhar o verdadeiro nome d'aquella

formosa *Rachel,* escondida, tão sympathica pelas suas dedicações affectivas como pelos seus infortunios crueis; todos dirão que esse «anonymo» tem um nome coroado e aureolado, sobejando-lhe gloria para muitissimos; até para estranhos, se a gloria fosse livremente transmissivel!

Esse poema reflecte uma historia longa, e plena de commoções vehementes, gloriosas, tristissimas e apaixonadas.

Juramos que quando o... anonymo leu a *Rachel* os seus versos, ambos tinham um sorriso nervoso nos labios e lagrimas nos olhos.

Resignação

(OBRA POSTHUMA DE UM MORTO — ANONYMO)

A RACHEL

Que tens no teu passado? as quinze primaveras,
quinze annos de alegria, e nada mais na vida.
Que santo era o teu crer nas lucidas chimeras
ha muito extinctas já n'essa alma innoitecida!

Quando eu te vi n'um baile, ó flor aberta ás auras,
qual donzel medieval, pudibundo córei.
Eu, vago sonhador das legendarias Lauras,
erguer a ti o olhar só mal e a furto ousei.

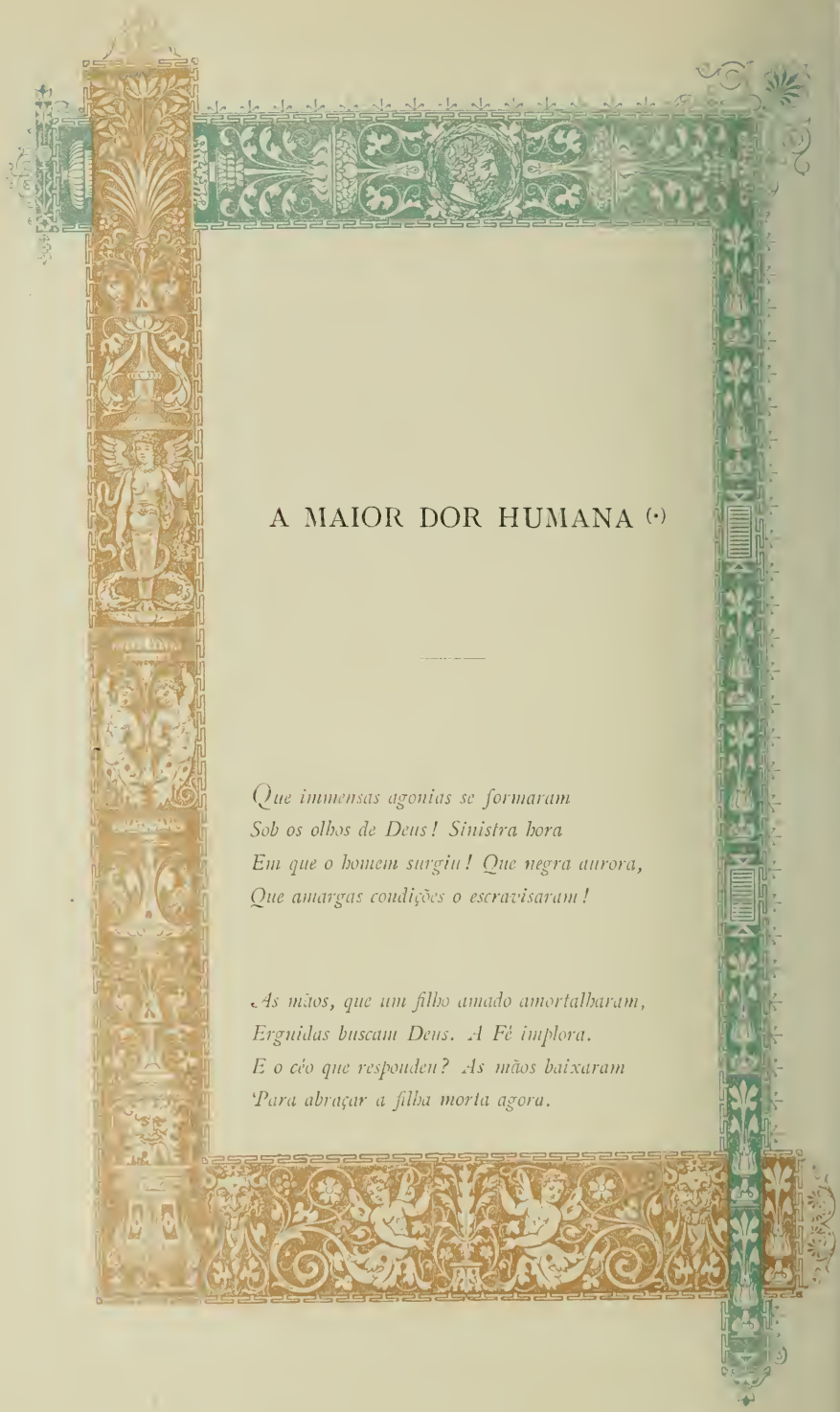
Mais tarde, quando á escura e já cansada vida
me deste um reflorir de luz e aroma e côres,
ergueu-se contra nós procella desabrida,
e nós, de vaga em vaga, a escarnecer as dôres. . .

São tantos annos — trinta! — os fastos d'essa lucta
vencida contra o mundo! É certo que estes louros
verdejaram no pranto. . . É lei! regra absoluta:
— as violentas paixoens não tem d'outros thesouros.

Lagrimas de saudade eu sinto e é bom choral-as,
que assim vejo o que fui, á luz do teu olhar,
no teu mesto sorrir com que em silencio fallas
das coisas que o bom Deus não quiz ainda levar.

Resignação! é tudo — é a synthese de quantas
religioens fez o mêdo e a fé sem consciencia.
Se ha pena abençoada ou desventuras sanctas,
sanctissima é a dôr que ungiu a paciencia.

A MAIOR DOR HUMANA



A MAIOR DOR HUMANA (·)

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus. A Fé implora.
E o céo que responden? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai que em trevas vai sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer!..
Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos.
És coração que a dôr impedreniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

27 de Junho de 1887.

(•) A morte quasi simultanea de dois filhos unicos de um pai extremoso inspirou estes froixos versos.

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
Bomjardim, 181
—
1887

PORTO — TYP. CENTRAL.

RACHEL

SEJAM as illustres e benevolas leitoras d'este livro juizas n'esta causa, cuja defeza confio que acceite o snr. Conselheiro Thomaz Ribeiro.

Eis a historia:

* * *

Era eu pequeno ainda; tinha 8 annos incompletos —exactamente como ella.

Se alguma differença havia era toda então a meu favor, mas muito a meu favor; porque, n'aquella idade, ter alguns mezes a mais era motivo para certa consideração.

Sim, a leitora imagina: isto de ser mais velho, mais chegado á puberdade, é questão d'alta importancia e de

*

subida transcendencia;—significa uma certa superioridade, que dá rebates de desvanecimentos, de invejas e de ciumes...

Arredem-se lá, pois, as criancinhas; eu conto já nove annos... não sou mais para meninices...

Tinha apenas 8, e incompletos!

D'ahi os arrufos que terminam sempre em argentinas gargalhadas, vibrantes de uma innocencia limpida, virginal, immaculada.

Mais tarde mudam-se completamente as scenas. As meninas pretendem perpetuar-se nas dezeseis primaveras; os rapazes raramente ultrapassam as vinte e duas...

Na velhice o caso é differente; esquece-se a conta, á conta de tanto contar; e, depois, umas tristezas, uns desalentos...!

Todos ambicionam ficar a *marcar passo;* todos desejam *desfazer* os annos que o tempo vae *fazendo*...

Ah! quem podéra ser moço eternamente! mas alegre, mas feliz, porque a leitora bem sabe que ha mocidades tristes, dolorosas.

A minha passou-se no mourejar d'um trabalho desalentador, oppressivo.

Deixemos, porém, a mocidade irrealisavel pelas pirraças da velhice e voltemos á suspirada infancia.

Eu morava na antiga e prosaica rua da Ferraria de Cima, crismada hoje em rua dos Caldeireiros, na casa que tem actualmente os n.os 195, 197 e 199. Foi alli que me encontrei orphão de pae, a primeira amargura real da minha vida. É muito triste ser orphão!

Em casa proxima morava uma senhora, preceptora de meninas.

A pequena Rachel ia alli todos os dias; e, ou na janella ou no quintal, eu via-a sempre, acontecendo muitas vezes encontral-a na rua quando ia ou quando regressava do collegio.

Se ella assomava á janella brincando descuidosamente com o seu bébé, eu vinha muito sorrateiro, arremessava-lhe uma flôr e fugia, para que me não visse. Se se encontrava no quintal, na occasião do recreio, ia eu tambem para o meu retiro, trepava muito de manso o muro, pregava-lhe um grande susto e corria a esconder-me com receio de que ella soubesse da minha metamorphose em papão.

Na rua, quando ella se me deparava, levantava pacata e sériamente o meu boné, sentindo as faces a afoguear-se, a enrubecer-se; e, emquanto lhe não perdia a pista, olhava constantemente para traz, a vêr se lhe descubria qualquer indicio de suspeita contra o travesso visinho...

Não tenho agora ideia alguma d'ella corresponder da mesma fórma ás insistencias dos meus olhares; recordo-me, porém, de que era bonita, muito bonita!

Quando a via no theatro ou nos passeios esqueciame então de tudo; tacitamente, todavia, admirando a sua gentileza, achava-me excogitando um novo meio de no dia seguinte lhe pregar outra peça mais correcta e augmentada.

Quem a mandava ser tão galante? Gostava mais que fosse feia — muito feia!...

* * *

Por esse tempo,— mas que saudoso tempo!— o *rendez-vous* das crianças era o *Tivoli*, no mesmo sitio onde está hoje edificado o palacete de Teixeira Braga.

Avistei-a lá por muitas e muitas vezes: ora assustada ouvindo o estrepitoso rodar dos carros de ferro em vertiginosa descida pela montanha russa, ora revoluteando desvairada nas cadeirinhas moventes, estonteada nos ca-

vallinhos girantes, ou bamboando-se com certo garbo na agigantada serpente...

Encontrava-a tambem muito a miudo no jardim de S. Lazaro, então o *bijou* do Porto ornamentado de chorões e frequentado por leões sem juba; no Circo Olympico de Mr. Avrillon, á rua de Santo Antonio; no theatro de Santa Catharina, onde deu brado a Grata Nicollini e fez época o Grillo Côxo, com os *Sete Infantes de Lara*, o *Gaiato de Lisboa*, a *Branca Contarini* ou os *Corsarios de Cruzolari*, a *Moura*, a *Maria Tudor*, o *Poeta*, o *Mentiroso*, o *Manoel Mendes Enxundia*, etc. etc.

A menina Rachel viu tudo isto... e eu tambem, que tambem era gente! Mas vimos mais:

Foi á scena, em S. João, o *Sino das Duas Horas*... Uma hecatombe medonha, pavorosa...—torrentes de sangue humano, relampagos assustadores, trovoadas de incutir mêdo...

Quando as cousas eram assim horrorosas e horripilantes, ella velava os olhos, com as mãosinhas opalinas e setinosas, para não as vêr; e eu olhava para ella para me consolar!...

Era assim, pouco mais ou menos, o *Sino das Duas Horas*:

O Leopoldo, que era o João Manoel, vinha sempre muito enchouriçado, bravo como uma panthera, com os cabellos hirtos, arripiados, punhal na mão, um punhal muito grande, trazendo o inferno na barriga com uma legião de demonios e de furias, e começava de troar maldições, que ia matar tudo, tudo! os Barões principalmente.

E eu então tinha mêdo—e ella tambem havia de tel-o.

O homem queria por força a Emilia. Emilia era a Pontiroli, que o não queria a elle, mas queria, pelos geitos... Primeiro dizia que *não*, mas depois dizia que *sim*; e gritava pelo pae;—o pae era Barão—o Barão gri-

tava pelas servas que lhe acudissem, estas berravam pelos criados; — um charivari de todos os demonios com seu latim á mistura, porque a Margarida Griffet *pellava-se* pela lingua do Lacio.

Dos camarotes choviam lagrimas na plateia. Era um perfeito diluvio. Uma vez voou tambem uma perna de carneiro para a cabeça d'um sujeito, que foi um Deus nos acuda.

E o Leopoldo, declamando muito impertigado:

«A natureza não fez Barões. O homem livre não conhece Pares nem Lords; conhece só homens.»

E d'essa noite em diante é que eu fiquei percebendo que os Barões e os Pares e os Lords não eram homens.

No dia seguinte repetia eu tudo isto á cozinheira, que se benzia, e depois ia declamar o resto no quintal, para que a menina Rachel me ouvisse:

«Monstro és tu, eu sou um homem livre. Retirem-se! o que me seguir morrerá... Emilia, lembra-te do *Sino das Duas Horas.*»

Depois juntava muitos papeis para simular um incendio que lá havia, no theatro; tinha mesmo o cuidado de arranjar uma bichinha de estalo, d'aquellas de cinco reis, para reproduzir o rechinado que faziam por entre scena os incendios do palacio do Barão; pendurava na ramada uma panella velha ou o borrifador, á guiza de sino...

Meu irmão João, que Deus haja, era o encarregado de dar as duas badaladas fataes no fundo da panella, e eu então riscava um lume prompto, que n'aquelle tempo era coisa muito rara, incendiava a bichinha e os papeis, berrava como um possesso, reproduzindo a ultima scena da comedia com os arrancos do Leopoldo a declamar:

«Salva!... Salva!... ó desesperação!... Inferno, recebe a tua victima... Deus... acudiu-lhe... e Deus póde mais que os homens.»

Quanto a Deus poder mais que os homens, ainda pelos modos era ponto duvidoso para o tyranno da peça...

Muito bonito era isto n'aquelle tempo, quando a nossa esthetica d'espectador convicto era puxada a bois e levada n'um carroção!

Hoje já não ha corações capazes de palpitar d'emoção diante d'aquelles lances de gymnastica romanesca...

O povo, não sei se de enthusiasmo se de zangado com as injustiças — porque o Leopoldo bradava que tudo aquillo era uma traição — rompeu n'uma pateada furibunda.

Não sei como não desabou o theatro de S. João!

A peça, segundo disse em verso o seu auctor José de Souza Bandeira, barbeiro do «Periodico dos Pobres» á thia Michaella, foi impressa para ganhar pintos, e ainda hoje póde ser apreciada pelo leitor, se a tanto lhe movo a curiosidade.

Do effeito que o meu arremêdo produziria no espirito da menina Rachel, nunca eu soube. Eu entendia que ella presenciava a representação do quintal sem vêr o actor, e é possivel e até natural, que nem uma nem outra cousa ella visse.

Se a via no theatro lyrico, tornava-me cantor, procurando imitar a Rossi Caccia.

A Rossi Caccia era a placa reverberatoria da Giuntini, immortal iniciadora n'esta terra das sonoridades lyricas, uma das mais refulgentes lampadas do altar da civilisação, — accêsa aqui no Porto no theatro do Corpo da Guarda, coração do Burgo de D. Moninho Viegas, a 15 de maio de 1762; festa de truz, luzida, fallada e decantada, pelas tubas da fama dos nossos antepassados, que n'esse dia espanejaram empoados rabichos, e os seus vestuarios de ricas cabaias de vivissimas e variegadas côres, bordados a fio de oiro e prata, cravejados de finas

pedrarias e deslumbrantes lentejoulas — tudo do bom e do melhor, que então não havia como hoje tanto puf e tanto ouropel. (1)

Oitenta annos depois, em frente ao scenario d'estes regalorios, cortia eu, de par com o snr. Cardeal D. Americo, bispo do Porto, e outros cavalheiros, hoje Barões e Viscondes, notabilidades de pôlpa, amarissimas tristezas, quando o finado José Alves d'Almeida Guimarães, á conta de lições, distribuia por nós todos — sem guardar as distancias do futuro — palmatoadas de rachar as unhas.

Mal pensaria elle que batia em mãos sagradas!

O Porto, que anda sempre na vanguarda de todos os progressos, deixou assim a côrte mais uma vez muito áquem da sua cathegoria.

É certo que já em 1682 se tinham alli dado ensaios lyricos gargantisticos pela Zamperini, uma tentação d'almas, que nem aos padres perdoava!... Mas pelos modos receberam-n'os ás gargalhadas, dando de si os alfacinhas fraquissima ideia. (2)

N'esse tempo andava por lá o tenor a *pax de pilulas,* como agora usam andar por aqui os successores d'elle e da Zamperini, e da Giuntini, e da Rossi Caccia, que teve uma ovação estupendissima, superior áquellas que a actualidade vae dispensando ás Sembriks, ás Borghi, ás Desvriés, etc. etc. Na força do enthusiasmo coroaram-na em scena, substituiram-se os seus janotas admiradores pelos cavallos do carro, e deram com ella no hotel a

---

(1) Leia-se *A Sereia,* de Camillo Castello Branco, e as suas curiosissimas notas sobre o assumpto.

(2) O snr. Joaquim de Vasconcellos, no seu excellente livro *Os Musicos,* diz que a primeira representação da opera lyrica em Lisboa se verificou na Real Theatro do Paço da Ribeira, no dia 22 de Outubro de 1720, por occasião do anniversario d'el-rei.

ceiar mexilhões, cuvilhetes e tortas da antiga pastellaria da rua de Santo Antonio, a qual Gustavo Lheman e outros vieram offuscar, exhibindo golodices menos indigestas e mais appetitosas.

A critica da epocha gritou — Aqui d'el-rei pelos créditos da dignidade do Porto, — e fez uns versos que, (apezar de criança, lembro-me bem,) eram um pouco estapafurdios, muito frescos, mandando aos amadores que a beijassem em... (1)

Gozavam n'aquella época de certa distincção os irracionaes. Os cães tinham o seu cemiterio privativo junto á casa da camara, onde é hoje o Hotel Francfort. Para lá foi o companheiro fiel do Desgraça — uma celebridade das ruas, que fez chorar as pedras no dia em que o cão lhe morreu.

Podéra! se o cão lhe era tão fiel quanto era intelligente!...

Desgraça foi contemporaneo do Picca, prenuncio da actual jogatina, batotas, arranjos, syndicatices, etc. etc....

Picca — symbolo vivo da porcaria humana, era infallivel na Praça Nova, junto ás barràcas do bacalhau, trazendo sempre uma cesta recheiada de golozeimas, despertando cobiças, com um caderno muito sebento que offerecia fechado, para que o tentado da fortuna, applicando um alfinete ás folhas, alcançasse o premio, uma bichinha ou um melindre, se o azar o não perseguia, destinando-lhe uma folha branca. Custo do tentamen, cinco reis.

Ainda n'esse tempo não era conhecida a moeda de

---

(1) Camillo Castello Branco era então janota, mas não consta que puchasse á berlinda. É que não tinha geito para o caso, como outros que, apodando-o de estroina, provaram a pacatez e sisudez quadrupedizando-se.

3 reis! Um adiantamento d'esta época, que se ri quando ouve fallar na «Joven Lilia, abandonada por seu lindo, ingrato amante...»

* * *

A menina Rachel morava então na rua do Almada. Sempre que nos encontravamos em familia, minha mãe affagava-a muito, e eu gostava de a vêr assim por ella acariciada.

—Oh minha mãe, esta menina é bonita, pois não é?

—É, meu filho; e descende de gente muito boa e muito considerada...

E não me lembro de mais nada; absolutamente nada... senão que parti para o Brazil com 13 annos incompletos.

* * *

Eram passados 35 annos por sobre tudo isto.

Hospedava-se no Hotel America um amigo meu que tive de visitar:

—Apresento-lhe uma senhora de suas antigas relações.

E a senhora recebe-me cordealissimamente; e trocados respeitosos comprimentos:

—Pelo que vejo não guarda de mim recordação alguma?

Attentei detidamente n'aquella physionomia d'expressiva bondade, procurando encontrar n'ella um traço qualquer que me denunciasse uma reminiscencia.

—Não tenho a honra...

—Recorde-se d'aquelle tempo em que andava de blusa côr de lyrio salpicada de branco, cinto de verniz, collarinhos de maruja por cima do cabeção da blusa...

—Conservo ainda o meu retrato com esse trajo, mi-

nha senhora, tirado pelo nosso reputado artista João Antonio Corrêa, que mora hoje nas casas onde foi a estreia da opera lyrica no Porto.

—Recordo-me tambem do seu bonet á *jockey*, de panno escuro...

—Era verde-garrafa, minha senhora...

—Ah! retem de memoria a côr do bonet e não se lembra de mim!...

—Mas... absolutamente, minha senhora...

—Não tem ideia de uma mestra de meninas que havia contigua á casa da rua da Ferraria!?

—Parece-me... vagamente... e...

—Pois eu frequentava esse collegio, e lembro-me muito de o vêr a brincar no seu quintal...

Era ella... a menina Rachel.

E eu que a suppunha ainda menina como a deixára...

«Oh! quão perto a velhice está da infancia!
«E quão perto da infancia a morte adeja!

Aquelles que nunca ouviram em sonhos cantos celestes de magica harmonia; que nunca d'elles acordaram bafejados pelos cherubins no regaço de suas mães, não podem comprehender o que ha de santo e de sublime no relembrar as doçuras da infancia, as candidas imagens das auroras dos nossos primeiros annos.

«Ah! vem, oh linda imagem d'esses tempos,
«Vem, sorrindo, mostrar-me o ceu d'outr'ora,
«As estrellas, o mar, a lua, as flôres,
«Dos meus primeiros annos...

A finissima e commovente recordação d'aquella senhora deixou-me captivo seu, e mais que captivo, admirador.

É doce, ao cabo de mais de 35 annos de ausencia e completa interrupção de relações, encontrar ainda amigo o coração que nos sorriu na bella quadra dos nossos enlevos de criança!

Póde-se ser escravo de um dever, sem se votar adoração ao altar onde elle se consagra.

Eu de ha muito considerava n'uma providencia terrena, n'um d'esses mysterios insondaveis, como insondavel é a sorte da flôr açoitada pelos vendavaes; depois, porém, de admittido ao templo onde a predestinada exerce, com inexcedivel caridade e evangelica resignação, os sagrados e penosissimos deveres do seu sexo, além de admiral-a, venero-a.

E venero-a depois de ter pesado e apreciado bem o heroismo da sua alma, o levantado do seu valor e dos seus merecimentos.

Rachel não é uma mulher vulgar. Um estudo consciencioso sobre o seu caracter conquistar-lhe-ha celebridade digna.

Toda ella desvelos, ternura e vigilias, compartilha uma por uma as lancinantes dôres dos filhos e do astro que a illumina e deslumbra; desfazendo-se e multiplicando-se em cuidados e carinhos que mitiguem o travo das angustias e convertam em suavidades o calix das amarguras do homem unico que soube e pôde amar.

Como mãe, sente dia e noite os soffrimentos inenarraveis que aniquilaram um dos fructos dos seus amôres, em cujo espirito lucido e esperançoso fez trevas a natureza, e verte sobre dois sepulcros ainda mal fechados o caudal das suas lagrimas!...

Como companheira do homem nos espinheiraes da vida, não sei que a haja mais fidelissimamente constante, firme, leal e devotada.

É ella o amparo, é ella o bordão a que se arrima em corpo e alma o quebrantado vulto do seu affectuoso can-

tor, porque ella, além do prestigio de uma enfermeira modelo, tem tambem o condão da intellectualidade, a magia do sentimento — porventura o seu maior algoz.

Como Beatriz para o Dante e Laura para o Petrarcha, Rachel foi sempre, para o compartilhador da sua alma, inspiradora dos preceitos do bello, suggerindo-lhe canduras, enaltecendo-lhe o espirito e imprimindo na sua imaginação a graça, o mimo e a delicadeza, dotes que só a mulher culta sabe infundir e affeiçoar.

O seu coração é a fonte perenne onde o mais privilegiado dos talentos sorve a largos tragos as dulçuras da sua poesia.

«Les grands pensées viennent du cœur; il faut avoir de l'âme pour avoir du goût», disse o Vauvenargues; e a alma de todas as harmonias está na mulher moral, que na phrase do cégo illuminador de um seculo — é o infinito. (1)

«Não é com todos os pensamentos cravados na materia que a mulher póde dar ao homem a felicidade.» (2)

E não! No ascendente da sua missão sublime a mulher só toma proporções divinaes quando troca a corôa das delicias pelo diadema dos martyrios, e mestra de virtudes se evangelisa como providencia.

Trocados os gozos pelos sacrificios, o amor, como a tempestade, inspira as grandes devoções, e n'este caso é dôce orvalho que desce do céo a consolar o coração humano; é aza com que a alma sobe ao seio de Deus.

Deixei-a viçosa flôr em botão, representando a alegria da sua casa, e venho encontral-a murcha, pendida na haste, distillando balsamos de consolação nos seios do soffrimento.

---

(1) A. F. de Castilho. *Primaveras.* Notas á festa de Maio.
(2) João de Lemos — *O Livro de Elisa.*

Se n'este largo cyclo se deram embates em ondas acapelladas por borrascas desfeitas, succedeu-lhes a bonança; e como a adversidade é o crisol das almas grandes, tambem não ha sombras que resistam ás purificações das lagrimas.

«A mulher é uma religião; a mulher é um altar; a mulher é uma escóla.» (1)

Estudando-a, adorando-a, respeitando-a, cumprimos o grande mandamento da Cruz — cujo pedestal é ella, para Christo ser o baptismo da redempção.

.....

Penitenciando-me do meu olvido, que não significa desamôr, e felicitando-me por me vêr tão gratamente despertado á memoria feliz do magnetico enlevo dos meus castissimos brincos de criança, deponho nas suas mãos estas paginas, como prova inequivoca de que foi sempre por mim saudosamente lembrada, não obstante não ser de prompto reconhecida.

Porto, 13 de Julho de 1887

41.º ANNIVERSARIO DA MINHA PARTIDA PARA O RIO DE JANEIRO.

Joaquim Ferreira Moutinho.

---

(1) Michelet.

PARENTHESIS BIOGRAPHICO

PORTO
REAL TYPOGRAPHIA LUSITANA
Rua de D. Fernando
—
1887

AS FAVAS NEGRAS

Um provinciano, meu amigo, e cheio de recordações medievaes da nossa juventude, lembrou-se de eu ter sido proposto socio do *Instituto de Coimbra,* ha muitos annos, quando a litteratura portugueza vagia no seu berço chacaras e soláos.

Era na noite dos tempos: por isso o meu amigo não podia fixar em que anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo fui proposto, nem a gazeta em que publiquei uma carta regeitando o diploma. Pedia-me, pois, encarecidamente que lhe enviasse um exemplar da carta ou lhe indicasse o jornal que a imprimiu.

Eu tinha vagas reminiscencias d'esse facto delido e escurentado pelo rodar dos geraçoens: mas nem o minimo vislumbre do anno, nem do jornal. Baralhavam-se-me as ideias,

se martelava no assumpto «cartas». Eu não podia precisar se a minha carta era anterior á *Carta de guia de casados*, se posterior á Carta constitucional da monarquia.

N'este comenos, o meu presado Ricardo Jorge mandou-me um livro intitulado *Histoire de la littèrature portugaise depuis ses origines jusqu'a nos jours, par A. Loiseau.*

Este livro, impresso em 1885, tem por si a auctoridade de um *docteur és lettres*, professor de litteratura em Vanves, e cavalleiro da ordem de Christo em Portugal. Em um paiz republicano, esta cavallaria não dá prerogativas nem privilegios; mas imprime caracter em lettras e obriga a dar livros, como os velhos cavalleiros de Thomar davam cutiladas. Entre nós, cavalleiros do habito de Christo que saibam escrever são raros. Alguns tocam rebeca, outros intendem de bombas, tambem os ha que fabricam deputados e phosphoros. Quem quizer conhecer um cavalleiro de habito capaz de fazer um livro hade ir a França, a Vanves, onde litterateja Mr. Loiseau.

Este professor cavalleiro, no seu livro, compara-me ao celeberrimo e nunca lido padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, nascido em 1596, *le plus glorieux des poètes et des écrivains portugais du XVII siècle*. Ora, como poeta, não se lhe conhece um verso portuguez, e como escriptor glorioso ninguem lhe lê um livro. Depois, compara-me com o padre José Agostinho de Macedo, que, bem feitas as contas, vem a ser o mesmo padre Francisco de Macedo, sendo eu por atavismo a metempsycose d'aquelles dois padres, salvo seja. E escreve a meu respeito ainda coisas mais originaes. (Veja o livro tonicamente amargo de Ricardo Jorge, *Ensaios scientificos e criticos*, pag. 226).

Mas, n'esse tecido de excentricas inepcias, encontrei cinco linhas que me surprenderam exultantemente. Mal diria eu que Mr. Loiseau vinha de França pôr o dedo sobre o jor-

nal em que publiquei a minha carta demissoria de socio do *Instituto*!

Eis a revelação:... *Membre de l'Academie royale des Sciences, il refusa le diplôme de membre titulaire de l'Institut de Coimbre, pour des motifs qu' il rendit publics dans le numéro du 19 mars 1862 de la Revolução de Setembro.*

Estava por tanto satisfeita a ambição bibliographica do meu amigo provinciano. Indiquei-lhe o esconderijo d'esse thesouro, e mandei tirar um traslado, que reproduso em obsequio á geração nova que não forma idéa alguma das desavenças, dos odios e das tribulações que, ha um quarto de seculo, surtiam e deflagravam de uma *excellencia* ou de uma *senhoria* dadas impropriamente e contra os estylos da pragmatica.

Aqui está a carta que dirigi ao Presidente do *Instituto Conimbricense*, ha vinte e cinco annos.

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.»

«Ha coisa de seis dias que eu pernoitei na estalagem do Lopes, em Coimbra. N'este ponto sacode V. Exc.ª os oculos na base do seu nariz sempre apontado á inspiração e diz: *A mim que me importa que este homem pernoitasse na estalagem do Lopes ou na do Carôlo?!* Não importa nada, mas eu é que obedeço á costumeira de começar as historias pelo principio.

«Estava eu, pois, lendo, no *Instituto*, um artigo funeral consagrado á memoria do snr. D. Pedro V, artigo coixo de grammatica, o qual me disseram ser de V. Exc.ª. Não duvidei da auctoridade, nem descri da sinceridade da sua dôr. Coisa é ordinaria as grandes dôres, reveladas pelos grandes genios, fazerem á grammatica o que os infermos em dilirio fazem á sua cobertura: esfarrapam-n'a. Fez V. Exc.ª o elogio do seu coração com alguns erros que tornariam duvidosa a approvação d'um examinando em primeiras lettras.

«Estava eu pois lendo o *Instituto,* manancial de morphina cujo veio mais copioso é V. Exc.ª, quando me foi entregue um officio, com um diploma de socio honorario do Instituto de Coimbra.

«Li o latim do papel em estremeções de jubilo! A gloria! o que faz a gloria nos nervos da gente sensivel, exc.mo snr.!

«Na orla do diploma, buscando eu nomes que entalhar no coração reconhecido, achei o de V. Exc.ª e... beijei-o! Já é!... Beijei-o, em toda a sua latitude, desde o *Adrianus* até ao *Praesens!* E estava eu esculpindo na minha alma o nome querido de Adrião quando um amigo, (1) presente aos meus transportes, pede a palavra, e tira do peito estas vozes memorandas.

Você foi proposto, ha mezes, socio honorario do instituto, quando, porém, a proposta havia de ser votada, o snr. Conselheiro Adrião disse que era indignidade dar diploma de socio do instituto a um homem que estava preso; accrescentou todavia, que, provada sua innocencia, então se lhe daria o diploma. Sahiu você da prisão, e foi votada a proposta. Appareceram na sua votação vinte favas brancas, e cinco pretas; e d'estas a primeira, a mais preta lançou-lh'a o doutor Adrião. Sem embargo está você socio honorario do instituto. Vinte votos o vingaram da villania de cinco. Era necessario remetter-lhe o diploma com um officio. Fez o secretario o officio, e deu-lhe o tratamento de «excellencia» que o Instituto dá a toda a gente. Foi o officio á assignatura do presidente Adrião, e este, rasgando o officio em dois, escreveu á margem de um: «Não tem excellencia nem senhoria o socio.« Fez-se novo officio, amputada a ex-

(1) A. Victorino da Motta, então alumno de medicina que actualmente exercita distinctamente a clinica no Porto, e o professorado no Lyceu.

cellencia, e elle aqui está com a assignatura do presidente.» Disse.

«Esta historia boliu comigo, snr. Doutor Conselheiro! A minha tola vaidade, que se ia marinhando ao alto das mentirosas gloriolas d'este mundo, desandou, e veio ao raso da lama, onde V. Exc.ª sujou a fava que me atirou aos calcanhares.

«Que mal tinha eu feito a V. Exc.ª, que eu escassamente conhecia de uma parvoiçada de maravalhas economicas postas em compendio docente na universidade de Coimbra?! Haverá em algum dos meus romances um personagem grutesco, chamado *Adrião?!* Terei eu apanhado involuntariamente o Doutor por algum ridiculo attributo da sua individualidade? Contaria eu, em estylo faceto, a corrida de pedra, ou de pugilato, que varios estudantes lhe deram no jardim botanico!? Não, palavra que não! Nem fallei no Compendio nem nas pedradas, nem no pugilato, nem em V. Exc.ª que me lembre, snr. Adrião!

«Quedei-me a pensar uma noite, sempre com a fava negra de V. Exc.ª a pesar-me, primeiro no coração, depois no deaphragma, depois nos intestinos subjacentes por sua ordem descendente, até que a digestão da affronta se consummou. Desintallei-me.

Agora posso placidamente dizer a V. Ex.ª que respeito a sua magoa de me ver socio do *Instituto* contra sua vontade. Os pesares, ainda mesmo injustos, do meu similhante, imponho-me remedeal-os, dado ainda que n'este esforço de caridade sacrifique muito da minha vaidade e philaucia. Ahi está a razão porque eu devolvo a V. Exc.ª o diploma que recebi de socio do *Instituto Conimbricense.* Não quero isto á custa d'um desgosto de V. Exc.ª Ahi renuncio em suas mãos este papeluxo querido, que V. Exc.ª dará ao seu menino

mais novo para elle fazer um bote ou um chapeu de dois bicos.

«Agora palavra e meia no que toca á *excellencia* que o snr. Doutor me borrou. Eu não sei quem V. Exc.ª é, nem quem foi seu quarto avô. Quer-me, porém, parecer que se as raças no limar dos seculos se afinam e espiritualisam, o quarto avô de V. Exc.ª devia ser um enxovedo prodigioso, attendendo ao muito que os seculos tem que desbastar até ao seu quarto neto de V. Exc.ª.

«Não curo d'isso: o que eu heide é esmiuçar-lhe a fidalguia da sua intelligencia n'umas alcofas de farrapagens que por ahi boiam á tona do escuadouro das toleimas impressas. Ahi é que eu heide provar, querendo Deus, que V. Exc.ª não podia ser socio de coisa nenhuma litteraria, e V. Exc.ª em despique veja se me dá cabo da *senhoria*.

«A meu ver, V. Exc,ª é um pouco idiota, rasão de mais para que eu me ufane em assignar-me de V. Exc.ª *ex-socio do Instituto,*

Lisboa, 19 de março de 1862.

F.»

*

Ahi fica a semsaboria restaurada. Deve-se a um professor francez a exhumação d'esse documento em que o *Instituto Conimbrecense* de 1862 se remira como n'um espelho de perfeição. A fava preta do conselheiro Adrião, e mais as quatro que entraram na elaboração methaphysica da Moral dos Institutos nacionaes accentuam mais etnicamente a phisionomia social d'aquelle tempo do que os in-folios de Leitão Ferreira assignalam o espirito da Universidade desde D. Diniz até á reforma pombalina.

N'aquelle anno da Graça necessitava-se de uma certa innocencia, e attestado de *vita et moribus* para ser-se socio do *Instituto*. Certidão de castidade não a exigiam expressamente; porém, se o aspirante áquella immortalidade que rivaliza com a das arrufadas indigenas, estivesse em ferros d'el-rei por motivos ambiguamente caracteristicos de virgindade, o Presidente e mais quatro apologistas da abstinencia de Newton e de Pascal punham cinco favas negras, como folha de parreíra, a tapar a desnudez erothica do candidato do *Instituto* — uma congregação de Origenes inteiros, insuspeitos ao Codigo penal, e aos chefes de familia, mas bastante saturados de copaiba.

O seculo XX, descobrindo, no rol dos socios do *Instituto*, o meu nome, além do borrado, espoliado da *senhoria*, comprehenderá que essas rajas negras que o sujam são a consequencia drastica das cinco favas pretas mal esmoidas no grande intestino *Præsens*, e nos quatro intestinos cegos subalternos. E a posteridade erudita fará d'esse faval o uso que intender, na historia das Instituições litterarias da Athenas do snr. Doutor Penedo e outros granitos.

Eu, por minha parte, depois das favas d'elles e da minha carta inoffensiva, como visse o gasto que o *Instituto* fazia d'aquelle legume, limitei a minha desaffronta a... mandal-o á fava perpetuamente.

MEMORANDUM

A PROCISSÃO DOS MORIBUNDOS

> Como é triste o cahir da eterna noite sobre uns edificadores do pharol para onde norteáram os palinuros da geração nova!
>
> * *

Para se calcular a exuberancia de seiva litteraria da caduca geração a que pertenço, escreverei os nomes dos homens que conheci escriptores, uns na flôr esperançosa da juventude, outros no vigor da edade e do talento, em 1848 e nos dez annos successivos. Não recordarei o grande numero d'elles já extinctos; nomearei sómente os que ainda vivem, — uns, arredados completamente da senda gloriosa por onde chegaram ás culminancias de mais lucrativo exercicio das suas faculdades; outros, retrahidos pelo desalento, quasi esquecidos; alguns poucos, finalmente, que ainda hoje, quando reapparecem no sol poente da vida, lampejam as rutilações que eu lhes admirei no esplendor da mocidade.

Occorrem-me estes nomes suggeridos pela saudade ou pela admiração:

Agostinho Albano da Silveira Pinto.
Alexandre Braga.
Alexandre Meirelles de Tavora.
Alvaro Rodrigues de Azevedo.
Antonio (D.) Ayres de Gouvêa.
Antonio (D.) da Costa.
Antonio da Cunha Soutomayor.
Antonio Ferreira Moutinho.
Antonio Pereira da Cunha.
Antonio José Viale.
Antonio Ribeiro da Costa e Almeida.
Antonio de Serpa.
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
Arnaldo Braga.
Augusto Luso da Silva.
Bulhão Pato.
Cascaes (general).
Casimiro de Castro Neves.
Cesar de Lacerda.
Conde de Casal Ribeiro.
Conde de Samodães.
Conde de Valbom.
Conde de Villa Franca.
Couto Monteiro.
Estacio da Veiga.
Fernando Castiço.
Francisco Gomes de Amorim.
Francisco Martins Sarmento.
Francisco Palha.

Guilhermino de Barros.
João de Andrade Corvo.
João de Deus.
João de Lemos.
Joaquim Martins de Carvalho.
José Augusto Correia de Barros.
José Fructuoso Ayres de Gouveia Ozorio.
José Joaquim da Silva Pereira Caldas.
José Maria Latino Coelho.
José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz.
José Maria Vieira. (1)
Julio Cezar Machado.
Luiz Palmeirim.
Luiz Ribeiro Soutomayor.
Manoel Alberto da Guerra Leal.
Manoel Roussado (Barão de Roussado).
Oliveira Marreca.
Pedro d'Amorim Vianna.
Ramos Coelho.
Rodrigo Velloso.
Thomaz de Carvalho.
Thomaz Ribeiro.
Vilhena Barbosa.
Visconde de Benalcanfor.
Visconde de Castilho (Julio).
Visconde de Juromenha.
Visconde de Ouguella.
Visconde de Pindella.
Visconde de Santa Monica.
Visconde de Seabra.

(1) Fallecido em Villa de Conde á entrada d'esta folha no prelo.

Tambem houve senhoras que das urnas do seu coração evolavam auras romanticas perfumadas, que a imprensa crystallisou em paginas lucilantes; porém, como se trata de antiguidades, ordena a delicadeza que os nomes d'essas damas se escondam em festões de perpetuas.

Haja quem faça hoje o rol dos escriptores das gerações subsequentes á minha, e demonstre, para credito das lettras patrias em progresso, que toda a obra dos operarios entre os quaes eu martellei quarenta annos não pode sequer envaidecer-se como escaleira por onde trepou a geração nova.

Ah! meus velhos camaradas, não nos envergonhemos da nossa rude e despremiada empreza de cabouqueiros, quando a gente moça, saindo ás janellas da casa que edificamos, baldear chocarrices sobre a nossa procissão de moribundos que vae passando e caindo.

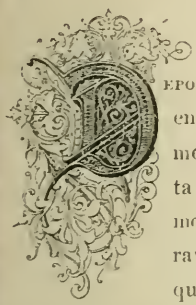
COMMENTARIOS

Á

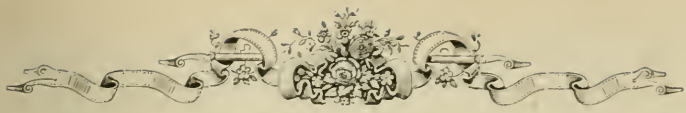
PROCISSÃO DOS MORIBUNDOS

Porto: Typ. de A. F. Vasconcellos — Moinho de Vento, 29

JOSÉ FRUCTUOSO AYRES DE GOUVEIA OSORIO



Depois de publicada a Procissão dos moribundos, entrou na dos Mortos. Abracei-o ha cinco mezes. Cortaram-se as nossas relações ha trinta e sete annos. Uma casualidade nos aproximou: foi a attracção da infelicidade. Elle chorava um querido filho morto, e eu um filho que endoudecera, e por sobre essa desgraça lhe fôra imposta de arrastar a vida a impuxões tormentosos de angustias indecifraveis. O doutor José Fructuoso soluçava fallando-me do seu filho. Não precisava de lagrimas para exprimir a falta que lhe fazia a creança que lhe havia sido fonte das suas alegrias e devia ser o conforto da velhice. José Fructuoso envelhecera dez annos no dia em que perdeu o filho. Uma desfiguração assombrosa que devia ser a manifestação das ruinas que interiormente lhe desabavam sobre o coração. Conhecia-se-lhe a vontade, o esforço pela vida, porque tinha esposa, filha, e irmãos estremecidos. Lidava, trabalhava, escrevia, meditava em tudo que podesse despontar-lhe o espinho penetrante da sua inconsolavel saudade. A seu favor, contra os estragos da dôr, tinha duas fibras robustas — a do talento e a da honra. Quando pendia a fronte sobre um trabalho litterario, estalaram ambas. O seu paroxismo foi instantaneo. Não fitou os olhos embaciados na face lacrimosa da sua familia adorada. Foi bom. E' doce o morrer quando o anjo da morte nos não obriga a devorar um grande calix de agonias. Querido amigo! o teu filho espera-te: o meu cá fica, sem a consciencia de ter perdido o pae.



JOSÉ MARIA D'ALMEIDA TEIXEIRA DE QUEIROZ

STE meritissimo magistrado em instancia superior e par do reino, escreveu versos, na sua mocidade academica, irisados e subjectivamente petrarchistas, dos melhores que então se melodiavam no alaude trovadoresco. Entre as suas producções d'essa época subsiste um poema de extenso folego, scotteano, intitulado *O Castello do Lago.*

Todavia, a extremada emanação litteraria do insigne magistrado é seu filho, sr. Eça de Queiroz, o implantador da novella realista na charneca lusitana. Tem este escriptor dous notorios livros, os primeiros, de factura solida, humana e perduravel que jámais poderão ser desvalorisados pelas duas obras paradoxaes, com que a sua caprichosa fantasia esteve brincando alguns annos — o *Mandarim* e a *Reliquia.*

É a primeira uma especie de apologo, encardido pelo tempo, reflexo de chimeras obsoletas, umas fabularias chinezas, de todo espurias na actualidade das nossas condições biologicas e exigencias do espirito.

A *Reliquia* essa é uma variegada urdidura de fios do estylo rendilhado de Edgard Quinet, cartonada em pedaços do velho scenario burlesco de Paul de Kock e Crébillon — figurações e tramoias de peça magica. A alma esplendida do livro, mettida em corpo assás deformado de gibosidades, é o sonho da Paixão de Jesus de Nazareth, um 5.º Evangelho, sonhado pelo pulha Dom Rapôso, desbragado garôto.

Em que miolos tão reles, hypnotisados em todos os alcouces d'áquem e d'além mar, o refulgente phrasista suggeriu um sonho de transcendente ascese com 150 paginas! Aquelle bigorrilhas, que nunca teve palavra sincera nem pensamento limpo, Dom Rapôso, que adormecia ebrio do seu alcoolismo de asneiras e aspirações canalhas, fazia aquelles sonnambulismos messianicos de 150 paginas em 8.º! Que desgraçada ideia romancear uma novella da Paixão de Christo por conta do plangente cantor dos fadinhos da Adelia! A philosophia racionalista da Peninsula dá isto e mais nada para os modernos estudos da Christologia.

Foi tudo isso um hysterismo da imaginação esquipatica, uma nevrose do talento, não lhes parece?

Deixem, pois, acordar Homero, e esperem vêr cumpridas as promessas do eminente artista. O forte cerebro do auctor do *Crime do padre Amaro* póde convulsionar-se doen-

tiamente em epilepsias de desconchavos; mas ameaçar desabamento, isso não. Ninguem se cança em jornada plumitiva tão curta como tem sido a do sr. Eça.

Eu nunca disse d'este estimavel escriptor senão coisas bonitas, e nunca lh'as direi senão justas, segundo o meu sentimento de justiça. Não obstante, o sr. Eça, e alguns seus amigos,—que não podem festejal-o a berros de enthusiasmo sem incommodarem os visinhos, e não o sabem acariciar sem escoucear os outros—sempre que lhes vem a talho de foice implicam comigo, assacando-me aleivosias. Aqui está uma do sr. Eça, do General, que pelo feitio parece de cabo de esquadra.

A paginas XX e XXI do Prefacio aos agradaveis *Azulejos* do meu talentoso amigo Bernardo de Pindella, lê-se esta dura sova:

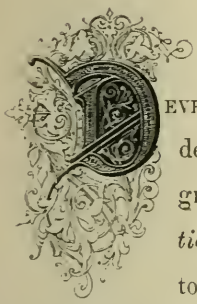
Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrimas represas, besuntam-se tambem de lôdo. Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignamente nos arguiram de chafurdarmos n'um lameiro, veem agora pé ante pé enlabusar-se com a nossa lama! Depois erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas lettras este lettreiro—romance realista—parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste, na face mascarrada:—«Olhem tambem para nós, leiam-nos tambem a nós... Acreditem que tambem somos muitissimo grosseiros, e que tambem somos muitissimo sujos!»

Deus nos acuda!

Ora aquillo é comigo. O sr. Eça de Queiroz desembestou aquella frecha apontada ao meu peito innocente; mas alvejou com o seu olho mais myope, ou sacrificou a verdade a umas pittorescas phrases azedas e já bastante poídas que não valiam a pena do holocausto.

Em primeiro logar, eu nunca censurei a pouca limpeza dos livros do sr. Eça; e, sempre que de passagem os indiquei, foi para os elogiar incondicionalmente; porque para mim livros sujos são sómente os mal escriptos. Em segundo logar, nenhuma novella minha se inculca na capa *romance realista*. Alguem arguiu, com razão, um meu editor que nos annuncios da 4.ª pagina dos jornaes especialisava a factura realista da novella. D'ahi procedeu talvez o equivoco importuno e flagellador do sr. Eça de Queiroz. Se s. ex.ª me julgasse menos irracional do que o seu modo de lêr os frontispicios dos meus livros sem os vêr (eu é que vejo tudo quanto o insigne romancista imprime) duvidaria que eu fosse capaz d'essa parvoiçada para chamar aos meus romances a attenção dos leitores de s. ex.ª. Crédo! Pois eu precisaria, para ser visto, de me nivellar com a espadua litteraria do sr. Eça? Mas, se o fizesse, era essa *a maneira de me tornar invisivel*, como diz a sentença de não sei que grande sabio... Talvez seja do grande sr. Eça de Queiroz a sabia sentença.

JOSÉ MARIA VIEIRA



Deve orçar pelos 86 annos, e reside nos arrabaldes de Villa do Conde. Metrificou em sonetos grande parte da Biblia. Publiquei no *Christianismo*, em 1851, boa porção d'esses poemetos anodynos, mas honestos. Distinguiu-se como improvisador nos outeiros abbaciaes; mas sempre na grade aristocratica das preladas. Nunca se democratisou, com o Girão e comigo, a receber, cá fóra no adro, motes e vinho e pasteis das criadas das freiras, tudo furtado ás amas, excepto os motes que eram forrageados a granel no *Belmiro Pastor do Douro*. Ricas raparigas! como ellas ajudavam as Musas! E, depois, pelo ordinario, eram tão submissas aos influxos de Apollo quanto refractarias ás theorias anti-genesicas de Malthus. Aquelles *tachos* (eram assim

culinarmente chamadas as moças das monjas) quando sahiam do claustro, gravidas de motes glosados, era para darem pequeninos poetas á republica das lettras. Esse manancial esterilisou-se. Das criadas extra-claustraes, que o noticiario chama piccarescamente *sopeiras*, que póde esperar-se hoje em dia? Apenas algumas paixões que, a um tempo, devastam os peitos da guarda municipal e deixam esturrar o estrugido.

Ora, José Maria Vieira não dava cavaco nem alguma importancia áquellas servilhetas parnasianas em noites de outeiro, e chamava elle áquillo de lhes pedir motes a prostituição das Musas, etc.! «A prostituição das Musas!..» Ainda n'aquelle tempo passavam por honradas mais que a Lucrecia do soneto de Bocage.

Visitei-o ha quatro annos. Já não fabricava sonetos; mas carpintejava dobadouras, sarilhos, espanadores, escudelas e outros utensilios cazeiros, mais proveitosos em familia que uma epopêa e talvez duas. Tinha ainda tão aguda a reminiscencia que me mostrou em uma estante um livro velho que eu lhe dera trinta e quatro annos antes.

Os seus autographos, que deviam ser volumosos, pulverisou-os um incendio que lhe devorou a casa com todas as alfaias, no Porto.

«Não vive ninguem da minha mocidade!» diz o veneravel ancião; e recorda-se, com os olhos lacrimosos, de varias freiras que matisaram os ideaes da sua juventude. Não se póde comparar com D. João 5.º; mas amou calorosamen-

te as esposas do Senhor, sem inquinal-as com a macula do adulterio. A sua desmoralisação não ia além do soneto acrostico. Deve os seus 86 annos a esta frugalidade. Na sasão dos peccados, fazia sonetos innocentes; e, na idade dos remorsos e da gota, está rijo e faz sarilhos. Quem lhe não conhecer a honrada vida, adivinha-lh'a na saude do corpo, na lucidez do espirito e no sorriso bom da jovialidade do coração. Além d'isso, para lhe afagar as cans e fechar-lhe os olhos, em fim apagados, tem um filho que o estremece.

Ah! meus camaradas do Parnaso de ha trinta annos! Se nós podessemos fazer sarilhos!..

PEDRO D'AMORIM VIANNA

A muitos annos que este pensador athletico é considerado defuncto para o vitalismo intelligente e consciente. Anniquilou-o a anemia cerebral desde muito e lentamente fermentada pelo alcoolismo. Trinta annos, desde a Universidade onde o conheci, exhibiu excentricidades que presagiavam desconcerto mental.

Foi meu companheiro de casa, paredes meias, no Porto, em 1852, durante o anno. Uma vez, alguem que me procurava, encontrando-o na escada, perguntou-lhe se eu estava no quarto. Amorim reflectiu longo tempo, e respondeu: «Não conheço esse sujeito». Verdade é que nunca trocámos duas palavras, e sustentavamos uma polemica escripta muito assanhada, eu pela Fé, elle pela Rasão.

Possuia Amorim, no seu aposento, uma jardineirinha de pé de galo, privativamente sua, e sua unica mobilia. Uma noite, recolhendo muito tarde e muito desequilibrado, teve questões com a patrôa, porque estremunhava os outros hospedes pacatos. Resolveu despedir-se e sahir ás duas horas da manhã; porém, á falta de gallegos a taes deshoras, levou elle a jardineira ás costas desde a rua Chã até á rua do Bispo. Toda a sua roupa branca, que era pouco mais branca que a preta, levou-a debaixo do outro braço.

Era redactor, administrador e guarda-livros do periodico *A Peninsula*. A escripturação do periodico trazia-a na algibeira das calças oleosas de gordura em tiras de papel enroladas na fórma assás commoda e portatil de novêllo. *A Peninsula*, apezar da valiosa collaboração de Delfim Maya, de Costa e Almeida, Arnaldo Gama e Coelho Louzada esvaiu-se de inanição, victima do novêllo administrativo de Pedro d'Amorim.

E um homem com semelhante estructura psychica redigiu um livro inolvidavel de philosophia saturado de criterio germanico — livro unico em Portugal digno de hombrear com os mais notaveis productos dos especialistas estrangeiros!

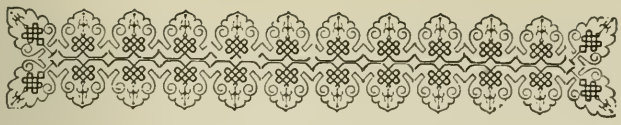
Havia n'aquelle encephalo ganglios refractarios á degenerescencia alcoolica e por muito tempo resistentes. Por fim, aos cincoenta annos, completou-se a carbonisação cerebral.

Para onde passaria o lucidissimo e immortal espirito que meditou o *Racionalismo?*

PROCISSÃO DOS MORTOS

E', pois, um dóce e santo pensamento recordar os mortos.

Biblia.



Depois da *Procissão dos moribundos,* a dos *mortos.* Relembro apenas os que nasceram nas provincias do norte, ou por aqui floresceram algum tempo.

Quasi todos os escriptores filhos do Porto, mórmente os poetas, feneceram na idade primaveril; e os que attingiram a velhice, deveram-no, como Alexandre Braga, á abjuração da poesia, ou como Almeida Garrett á mudança de ares, corrigindo assim o seu organismo em climas estranhos para onde emigraram. Este phenomeno explica-se pela superabundancia de azote, de ammoniaco, de hydrogenio sulphurado e outros gazes d'essa familia estranguladora das compleições delicadas que necessitam de muito oxygenio para arderem e brilharem.

Não se persuadam de que os poetas do Porto acabem cedo porque se esphacellem nas intemperanças dos Espronceda e dos Mussets. Nunca vi rapazes mais frugaes, abstemios e hygienicos, que os poetas meus contemporaneos, ha muito extinctos. A sua libertinagem orgiastica nos botequins não transpunha os limites hones-

tos de um capilé, de uma carapinhada ou do chá preto com torrada em noutes de mais rasgada dissipação sardanapalesca. O poeta ceava em familia a pescada innocente com cebollas, alimentava a paixão atavica do cosido com arroz, e jámais pedia ás bebidas brancas a inspiração dos hendecassylabos sentimentalmente negros que lhe estalavam do peito em rugidos como a dyspnea dos tuberculosos. E, afinal, contra todos os preceitos do bom regimen cullinario, morriam! O azote.

Os prosadores eram mais vivedouros, mais refractarios ao mephitismo dos gazes sinistros. Esta divergencia de condições sanitarias deve-se talvez a que o prosador, por via de regra, escriptor politico, pelo facto morbido de respirar diariamente, com o nariz sobre o «artigo de fundo», o vicio atmospherico, chegava a tornar prophylatica a sua prosa, porque o microbio não se ingere em naturezas homogeneamente gafadas. Isto é claro e talvez concludente.

Como quer que fosse, ahi vai o rol dos poetas e prosadores que conheci, mais ou menos, nas provincias de Traz-os-Montes e Minho. Esta é a homenagem ultima que posso prestar á sua memoria. Elles que me recebam, d'aqui a pouco, na sua Procissão com um sorriso fagueiro, visto que não vamos para planeta, acho eu, onde haja gazetas, invejas, conflictos de rhetorica, polemicas e bulhas por causa da grammatica.

Alexandre Garrett.
Alexandre Monteiro.
Alvaro de Carvalhal.
Antonio (D.) Alves Martins.
Antonio Augusto Soares de Passos.
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.
Antonio Coelho Louzada.
Antonio Correia.
Antonio Ferreira Girão.

Antonio Joaquim Xavier Pacheco.
Antonio Pinheiro Caldas.
Augusto Pereira Soromenho.
Barão de Castello de Paiva.
Barão de Mogofores.
Betamio de Almeida.
Camillo Aureliano da Silva e Souza.
Conde de Azevedo.
Custodio José Vieira.
Delfim Maria de Oliveira Maya.
Eduardo Augusto Salgado.
Ernesto Pinto de Almeida.
Evaristo Basto.
Evaristo de Souza Reis.
Faustino Xavier de Novaes.
Fernando Jacome.
Francisco Antonio Fernandes.
Francisco Candido de Mendonça e Mello.
Galleria.
Germano Vieira de Meirelles.
Gomes Coelho *(Julio Diniz)*.
Guilherme Braga.
Henrique Ernesto de Almeida Coutinho.
Henrique Luso da Silva.
João (D.) de Azevedo.
João Coelho de Almeida.
João de Faria Machado Rubim.
João Ferreira da Silva Oliveira.
João Nogueira Gandra.
João Rangel Pamplona.
João Roberto de Araujo Taveira.
Joaquim Ferreira Rangel.
Joaquim Januario da Silva Torres e Almeida.
Joaquim Marcellino de Mattos.
Joaquim Pinto Ribeiro.
Joaquim (padre) de Santa Clara.

Jorge Arthur de Oliveira Pimentel.
José Athanasio Mendes.
José Barbosa e Silva.
José Dias de Oliveira.
José Gomes Monteiro.
José Gregorio Lopes da Camara Sinval.
José Julio de Oliveira Pinto.
José (padre) Maria Alves Torgo.
José Maria Dias Guimarães.
José Maria de Gouveia Pinto.
José Maria de Souza Lobo.
José Pereira Reis.
José de Souza Bandeira.
Licinio Fausto de Carvalho.
Lobo Gavião.
Luiz Antonio Pereira da Silva.
Manoel Joaquim Alves Passos.
Parada Leitão.
Pedro Fevereiro.
Pedro de Lima.
Peres Furtado Galvão.
Rodrigo Bessa *(padre Serapião de Algures).*
Rodrigo de Moraes Soares.
Rodrigo Nogueira Soares.
Silva Abreu.
Silva Ferraz.
Silva Rosa.
Urbano Loureiro.
Visconde de Almeida Garrett.
Visconde de Macedo Pinto.
Visconde de Gouveia.
Visconde de Villa-mayor.

COMMENTARIOS

Á

PROCISSÃO DOS MORTOS

Alexandre Garrett

Era irmão do visconde de Almeida Garrett. Depois de haver redigido e traduzido livros mysticos e de propaganda catholica, deu á luz em 1855 um poema ultra-burlesco de 347 paginas in-8.º, intitulado *As viagens a Leixões ou a troca das Nereidas, offerecido ás senhoras portuguezas e especialmente ás ill.*mas *e exc.*mas *snr.*as *Cirnes.* Está sendo raro este documento de atonia cerebral.

Alexandre Monteiro

Era irmão do erudito José Gomes Monteiro—uma raça de homens talentosos hoje representada por senhoras muito instruidas e pelo illustradissimo deputado Francisco de Castro Monteiro. Deixou poesias dispersas em varios periodicos e o drama *Camões,* muito representado e applaudido no theatro de S. João. Foi muito sociavel na sua mocidade, e de uma elegancia refinadissima. Nos derradeiros annos dominou-o a tristeza inconsolavel da enfermidade e da mysantropia. Não sei se foi a directoria interina da alfandega do Porto que abysmou na melancholia aquella alma de poeta.

D. Antonio Alves Martins

Quando elle redigia o *artigo de fundo* e eu o *noticiario* do *Nacional* (1849), era eu ás vezes quem escrevia os artigos dictados pelo egresso Antonio Alves

Martins rapidamente e atabalhoadamente. Não mandava pontoar; e, no fim, dizia-me: «Se você quizer, ponha lá as virgulas.» Sendo elle bispo de Vizeu e pela segunda vez ministro do reino, convidou-me em Lisboa a almoçar em sua casa. Eu não ia preparado gastricamente para um *menu* do Matta; mas não esperava um almoço tão patriarchal e tão inferior aos jantares da *vacca e riso* de D. fr. Bartholomeu dos Martyres. A meza era servida por um gallego em mangas de camisa; havia um grande queijo do Alemtejo no lugar do *plateau*, e o almoço foi bacalhau cosido com batatas. Depois do café com leite, disse-lhe eu: «Snr. bispo, era-me muito mais facil ser o *Arbitro* das virgulas dos seus artigos do que ser hoje o Petronio Arbitro d'este seu almoço de Trimalcião.» «Se eu almoçasse um pouco melhor, disse o ministro do reino, teria de retirar da Universidade os meus sobrinhos por não poder lá sustental-os.» Pois apesar do gallego em mangas, e do queijo alemtejano e do bacalhau, no espolio do guarda-roupa do bispo de Vizeu appareceram dous pares de calças, umas soffriveis, as outras rôtas nos fundilhos. Ainda ninguem aventou a ideia de uma estatua ao honrado, ao pobre, ao austero bispo de Vizeu. Pois quem se ha de lembrar de erigir um monumento á memoria de um estadista que deixou umas calças rôtas?

Antonio Pinheiro Caldas

Não foi o meio que lhe tolheu o alor do engenho poetico e o introverteu em dolorosa insulação, como succedeu aos seus contemporaneos Dias de Oliveira, Gomes Coelho, Guilherme Braga, Ernesto Pinto de Almeida, e tantos mais. Foi, porém, a poesia a causa efficaz da sua ruina commercial.

Conheci-o estabelecido, com exterioridades prosperas. Fazia versos bons em ovações theatraes, nas festas

das primas-donas, nas visitas dos monarchas ao Porto, e nos espectaculos a favor dos desvalidos, como o poeta arcadico Francisco Joaquim Bingre. Tinha carro; e, estallejando o pingalim, lançava garbosamente o cavallo em curvetas entre os varaes do gig. A rua das Flores nunca tinha dado assim um mercador de pannos e algebebe, com mão adestrada igualmente para a penna, para o covado e para a redea. E o que mais lhe realçava a importancia é que, na cidade heroica, foi votado vereador municipal; mas o conde de Lagoaça, seu adversario politico, manejou umas fraudes eleitoralmente engenhosas que o excluiram da camara.

Quando a perfida Fortuna mercantil começou a retrahir-se, Caldas concebeu o sinistro alvitre de amoedar uma duzia de contos fortes, no Brazil, com um volume dos seus versos. Seduzira-o a boa estreia do seu visinho Faustino Xavier de Novaes pelo mesmo processo, sem attender a que Faustino era muito engraçado, mordente sem ferir individuos, riquissimo de chalaças, emfim, um poeta *ad hoc* para a colonia portugueza de ha trinta e tantos annos. Quando Novaes, depois de domiciliado no Rio, publicou 2.º volume sentimentalmente melancholico, muito infantil de amores já em annos serodios, e adjectivado eruditamente, essa segunda obra não lh'a compraram. O Brazil d'aquelle tempo não podia sentir a sêde de ideaes e philosophias que hoje impacienta as intillegencias feitas nos Gremios, e Retiros e Clubs litterarios. Os nossos irmãos expatriados eram uns trabalhadores que, nas poucas horas de sésta, liam o livro, se o auctor lhes friccionava os bocios com a cocega da gargalhada crúa e ingenua.

Ora, Antonio Pinheiro Caldas era lyrico ou epico, energico ou languidamente apaixonado, grande admirador da casa real portugueza, e de D. João de Castro e mais viso-reis da India que elle metrificava com frequencia, em raptos de Pindaro. Além d'isso, tinha

extasis civicos por Magriço, Lopo Barriga e por toda a fidalga parentella dos Barrigas. Esta especialidade de musa heroica, no Brazil, chamava-se *massada,* ou *caipórismo*, eim?

Alguem tentou despersuadil-o de imprimir 8:000 exemplares com o seu retrato gravado em Pariz, destinados exclusivamente ao mercado brazileiro. Regeitou o conselho, lardeado de reflexões acirrantes da sua vaidade. Disse ufanamente que iria elle em pessoa negociar ao Rio e ás cidades principaes do imperio a sua fazenda. Não consentiu que no reino ficasse um só dos 8:000 exemplares. *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* Sim, *ossa mea;* porque aquelles exemplares eram ossos, ossos do officio de versejadura em paiz de charra prosa.

Foi; e apenas desembarcou e sentiu a glacial indifferença com que o negociante de versalhada era recebido, pasmou, atordoou-se e cahiu n'um marasmo de Tasso no hospital dos doidos. Quando tornou a si, mandou embarcar de novo os fardos e regressou febril, com o typho da desgraça a queimar-lhe o cerebro. Antes, porém, de sahir do Brazil, escreveu uma carta lamentosa, n'um intervallo de insania, á ex-actriz Elisa Hensler, ainda não esposa do viuvo da senhora D. Maria II, pedindo-lhe um emprego em Portugal. Vi a cópia d'essa carta saturada de lagrimas e da eloquencia de um allucinado. Parece que Pinheiro Caldas tinha declamado versos á actriz no theatro de S. João, e cuidou por isso que a sua prosa convulsa de saudades da esposa e da filha, escripta na aresta da voragem da miseria, chegaria até ao thalamo real da mão esquerda, assim como a sua poesia chegára ao camarim do lindo *Pagem* no *Baile de Mascaras.* Como o infortunio bestifica! Nos seculos de Fé as grandes desgraças faziam grandes santos. As de hoje em dia fazem scelerados ou idiotas. Pinheiro Caldas teve ataques da segunda especie.

E, quanto a sua excellencia mad. Hensler, *cela va sans dire,* não respondeu.

Logo que chegou ao Porto, Pinheiro Caldas deu-se por fallido. No decurso de um anno, encontrei-o quasi todos os dias sentado na alamêda fronteira ao cemiterio do Prado. Nunca lhe fallei em versos, nem abri ensejo de se bulir n'essa infamada esterqueira das suas chimeras.

Passado tempo, elle vendia tabacos, e a senhora era modista.

Volvidos mais alguns annos, encontrei-o no Bom Jesus. Estava desfigurado, decrepito, tremulo, e não tinha ainda quarenta e oito annos. Movia-se tropegamente amparado no braço da esposa, uma senhora envelhecida no vigor dos annos, sem um vislumbre da sua antiga belleza. Havia no salão do hotel damas que tocavam piano. Em quanto eu pedia a Deus que remisse os meus peccados em desconto d'aquelle inferno do piano entre os arvoredos da montanha sagrada, Pinheiro Caldas, com os olhos amarados de lagrimas, erguia se difficilmente para applaudir e agradecer as delicias da musica.

Privado da orchestra das aves pelas partituras archaicas martelladas no piano, despedi-me de Pinheiro Caldas. Disse-me elle:

—D'aqui, hei-de ir curado ou morto.

Nem morto lhe foi permittido sahir; porque o dono da hospedaria fez sentir judiciosamente á esposa do enfermo, que lhe não convinha um defunto no hotel.

Pinheiro Caldas regressou moribundo á sua casa na Foz, e morreu logo.

Os exemplares das suas queridas poesias, que o mataram, nitidamente impressas, venderam-se a pataco em hasta publica.

Quando o leiloeiro entregou o ramo, os burguezes davam gargalhadas triumphantes; e, troçando o arrematante, dizia o commendador Melchior:

—Olha que pechincha!

E o ferrageiro Guimarães & Irmão, apontando desdenhosamente com a bengala para as rumas das brochuras:

—Que espiga! Eu querellava de quem me pozesse este entulho á porta!

—E dois!—abundava o banqueiro Gregorio.

Todos tinham razão. O arrematante dos livros a pataco desfez se d'elles a 35.

Este volume, de que já pouca gente antiga se lembra e a moderna desconhece, contém duas quadras improvisadas que valeram ao improvisador a gloriosa bulha de uma ovação duas vezes theatral—uma por ser no theatro, outra pelo seu caracter pantafaçudo e espalhafatoso. Foi assim o caso original:

Estando el-rei o senhor D. Luiz no theatro Baquet, o poeta Diogo Souto, então muito juvenil e indiscretamente arrojado, recitou de um camarote um poemeto satyrico á realeza. Antonio Pinheiro Caldas, ferido do enthusiasmo que succedeu ao geral assombro da multidão, ergueu-se, escarlate de colera, e vibrou da tremula larynge conservadora as seguintes quadras:

Senhor Rei! Acceita o preito
Que vos dá 'inda uma vez
Quem sente orgulho no peito
Por se chamar portuguez!

O Porto repelle a affronta
D'uma injuria sem igual
Bradando brioso e forte:
«Viva o Rei de Portugal!»

Vivia n'esse tempo um artista intelligente, muito jocoso, chamado o *Pereira Pote*. Elle assistira ao rapto poetico de Caldas, e aos *hurrahs* atroadores da plateia e camarotes; porém, mostrava-se desdenhoso e glacial, sem tomar parte na ovação.

—Eu improvisava cousa melhor—disse elle.

—Você?

—Sim, eu; que lhe parece? Quer ouvir? Eu improvisaria isto...

E recitou emphaticamente:

Senhor Rei! protesta o Porto
Contra tão má creação,
Todo o Porto grita em côro:
«Liberal constituição!»

A maioria dos ouvintes achou melhor o improviso do *Pote*, e mais significativo do Baluarte da Liberdade.

Betamio de Almeida

Foi escriptor encyclopedico. Depois de escrever um artigo unctuoso sobre o fabrico dos algodões, brincava humoristicamente n'um folhetim de critica litteraria. Era, sobretudo, um polemista inflexivel. Esgrimiu com Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos e entrou-lhe com o florete pela honra dentro que lhe não deixou uma fibra illesa. Todavia, o mais valente dos contendores era Antonio Augusto, que resistiu aos insultos na sua usual verticalidade imperterrita. Betamio era de Lisboa; mas viveu alguns annos no Porto em uma commissão scientifica.

Evaristo Basto

Foi o implantador do folhetim *Revista semanal*, no Porto. Ninguem o rivalisava em graça, a não ser Ricardo Guimarães (visconde de Benalcanfôr). Escreveu em metro opusculos politicos de satyra tartarisada. Era um robusto homem em 1856. N'esse anno, o Sant'Anna, abbade de S. Martinho da Barca, deu um jantar a um grupo de amigos dos quaes vivem tres, e eu sou um

d'elles. Evaristo Basto, depois de jantar, entrou no carrinho do abbade, e sahiu aos solavancos pela aldeia. O auriga, quem quer que fosse, para congostas tão tortuosas, ia talvez *torto* de mais. O carro tombou, e Evaristo ficou ferido n'uma ilharga. Nunca mais teve saude, e, seis annos depois, morreu paraplegico. Pouco tempo antes de morrer, e depois de alguns annos de abstinencia de escripta, redigiu contra o ministro da justiça uma diatribe coruscante de violencias sublimes. Quando lhe elogiei a satyra como um exemplar do genero, disse-me que se vira em grandes apêrtos para recordar-se da orthographia; não obstante, esperava morrer breve, na pujança do talento; mas sem orthographia.

Fernando Jacome

Era da nobre familia dos Jacomes, de Braga. Redigiu jornaes de politica monarchico-absoluta, e fez litteratura romantica em periodicos litterarios. Um dia, esporeado por consideraveis perdas no jogo, foi para o Rio de Janeiro, e creou o *Globo*. Pouco depois, suicidou-se, na allucinação da febre, precipitando-se da janella do seu quarto. Era um rapaz muito brioso que considerava o suicidio, em ultima defeza contra a infamia, o baluarte da honra.

Galleria

Só me lembra do seu appellido *Galleria*. Era estudante de medicina no Porto em 1857 e 1858. N'estes dous annos escreveu folhetins, n'um tal rigor classico e ao mesmo tempo elegante, que não podia ir mais longe o primor da locução e o lusitanismo dos chistes. Morreu antes de concluir a formatura.

João Roberto de Araujo Taveira

Veja *Seroens de S. Miguel de Seide*. Tomo 1.º

Joaquim Pinto Ribeiro

Publicou dous volumes de versos. Ninguem os fez mais correctos e espiritualisados das ironicas tristezas do poeta de *Rola*. Emquanto versejou, todas as cruezas reaes da vida burgueza lhe faziam asco. Depois, casou rico e fez-se avarento a ponto de mandar vender a tostão os exemplares dos seus versos que tinham sobejado do consumo a 500 réis. Quando morreu estava opulento e, se lhe fallavam de versos, parecia envergonhar-se de haver commettido a pelintra fragilidade de os fazer. Adquirira os ademanes sacudidos de mercieiro metalisado; e, se o attrahiam a cousas idealmente diafanas, quedava-se a ouvir e a scismar em uma abstracção palerma. Deus defenda os gloriosos poetas da actualidade do contacto do ouro que embruteceu o poeta das *Lagrimas e flôres!*

Padre Joaquim de Santa Clara

Foi meu professor de chimica na Polytechnica do Porto. Escreveu no *Panorama* e fez um folheto de sensação, *O cordão sanitario contra a peste jesuitica*. Elle sabia tanto de chimica como dos jesuitas. Calumniava ao mesmo tempo Berzelius e o instituto de Santo Ignacio de Loyola. No fim da vida, recreava-se puerilmente em presidir a sessões dos *Calenderes,* uns idiotas de gravata e com primeiras lettras, proprietarios abastados da Maia que iam mensalmente ao Porto exhibir-se em couces n'um vasto salão para haverem por esse processo exquisito um diamante enorme promettido por um genio, chamado *Dom Alvarado*. O padre Santa Clara fazia o discurso da abertura e rejuvenescia n'aquella deshumana asneira os seus setenta e tantos annos. Assim acabavam os chimicos portuguezes ha quarenta annos.

Jorge Arthur de Oliveira Pimentel

Era bacharel em direito, filho do celebre general Claudino, e irmão de Julio de Oliveira Pimentel, visconde de Villa-Mayor. Suicidou-se, por infortunios de amor, em janeiro de 1849, precipitando-se da ponte pensil do Porto. Em a noute de 10 de janeiro, Antonio Ayres de Gouveia, hoje bispo, Adolpho Cardoso, consul em Vigo e eu assistimos ao levantamento do seu cadaver que boiava na ressaca do Douro de encontro á muralha da Ribeira. Tinha sobre o coração, debaixo do casaco preto abotoado até á gola, um boné de velludo bordado pela mulher por quem se suicidára. Publicou muitas poesias gemidas todas na mesma corda—a paixão por essa virgem que depois casou, viuvou e gosa saude ao fazer d'esta. *Indocti discant.*

José Athanasio Mendes

Era de Penafiel e leccionava no Porto latim e francez. Foi a personalisação do sarcasmo, e tinha uns oculos que, ao fitarem a gente, queimavam como o espelho de Archimedes. Estampou em folhetins no *Jornal do Povo* (1849) um romance chamado *Memorias do meu compadre fanqueiro.* O fanqueiro era um logista da Praça Nova que lhe prohibira leccionar em francez a filha, pelo systema mixto de Abélard. Os primeiros capitulos alvorotaram de tal maneira a corporação commercial que o romance terramoto foi suspenso. José Athanasio Mendes morreu thysico pouco depois; e a sua alumna de francez, renunciando a idiomas e linguas não susceptiveis de ser grilhadas, casou com um portuguez de lei, e gosa uma velhice sadia e analphabeta.

José Dias de Oliveira

Era do Porto, filho de um ourives, antipoda do filho, quanto á geographia do Pindo. Em 1866 deu á estampa umas formosas 39 paginas de versos dedicados a uma galante viuva recolhida em S. Bento da Ave-Maria. Parece que elle apanhára esta paixão nas noutes lyricas do outeiro abbacial como quem apanha uma pneumonia dupla. A treda viuva, desdenhando a immortalidade que o poeta lhe déra, norteou a falua experimentada do seu coração para regiões mais auriferas, e levou o bardo á desesperação de marejar para o Rio de Janeiro em 13 de maio de 1866. Antes, porém, de sahir a barra, dirigiu á perfida Dido, *nulli benè nupta marito,* um poemêto que um amigo de Dias de Oliveira, o snr. Manoel Tavares de Almeida, de Ilhavo, ainda conserva, como epilogo d'aquella paixão.

O poemêto, dirigido *A* * * * , principiava:

Obrigado, mulher. Deste-me a liberdade!

Seguia encadeando as causas da sua gratidão, e concluía assim magnanimamente:

O leito da viuva é sagrado!..
Sagrado?!
Então eu era aqui um bobo encarregado
De inflammar o sorriso á nobre castellan?
Minha alma para ti era a erva villan
Que calcavas aos pés em nome de um direito?
Em quanto ajuizas tu o preço do teu leito?
Agora é que eu percebo. A pobreza talvez
Foi quem me pôz na rua! Ó immensa hediondez!
Que doido que é na vida um poeta que sonha!
Ainda bem que poupaste ao amante a vergonha
Que o marido talvez não podéra soffrer!
Foi bom, foi bem assim. Obrigado, mulher!

Este desafogo tem a data de 26 de abril. Passados quinze dias, o poeta disse adeus para sempre á patria.

No anno seguinte, José Cardoso Vieira de Castro, discursando ácerca da Caridade no salão do theatro lyrico do Rio de Janeiro, recitou os seguintes versos de José Dias de Oliveira, interpostos no seu primoroso discurso:

Sêde bons e poupai os infelizes;
O sarcasmo cruel
Quando passa em abertas cicatrizes
É uma esponja de fel!

Deixai-os prantear. É nobre e santo
Não devassar a dôr...
Deixai! inda talvez aquelle pranto
Orvalhe alguma flôr.

A ironia, depois do soffrimento,
É bem peior talvez!
A procella findou; vós sois o vento
Que a formaes outra vez!

Que vos importa um infortunio alheio
Quando o mundo o esqueceu?
P'ra que rasgaes assim o nobre seio
Como quem rasga um véu?

Do homem que chore ou em segredo ame
Buscaes o coração
Para o legar depois ao riso infame
Da rude multidão!

Espioens da desgraça!—é vosso encargo
Ao mysterio roubar
Quem do infortunio o fel immenso e amargo
Se atreveu a libar!

Sêde bons e poupai os infelizes;
O sarcasmo cruel
Quando passa em abertas cicatrizes
É uma esponja de fel...

Recitado o fragmento do poema, Vieira de Castro matisou-o com estas perolas de eloquente louvor: «São estes versos de um mimoso poeta portuguez e meu distincto amigo, que tenho a maxima satisfação de vêr presente, o snr. Dias de Oliveira. Li-os ainda ha pouco no seu livro recentemente publicado e aonde são muitissimas as perolas de sentimento. E agora fica o elegantissimo poeta concorrendo por dous modos para esta festa de caridade, com a esmola que deixou áquella porta, e com estas formosissimas estrophes a que eu dou o primeiro lugar no meu discurso.» (*)

A situação de Dias de Oliveira não podia ser prospera. Escasseavam-lhe as faculdades de trabalho proveitoso. Não tinha energia de alma nem de musculos. Era um anemico escrophuloso com o cerebro turgido de sentimentalidades mais funestas que as escrophulas. Vieira de Castro valeu-lhe n'um apêrto com uma grande quantia para o salvar da deshonra; mas não o pôde salvar de morrer muito pobre e desamparado, dous annos depois.

Padre José Maria Alves Torgo

Era de Villa Real. Teve grande talento quasi inculto. Manifestou-o em um romance em dous tomos, de scenas politicas contemporaneas, baseado na revolução da *Maria da Fonte*. Levou a vida desconcertadamente desde sargento de infanteria até abbade de Torguêda. Acabou em deploravel pobreza. Na sua conversação ordinaria tinha vulcanismos de eloquencia que lhe davam

---

(*) *Discurso sobre a Caridade recitado em 26 de janeiro de 1867*, pag. 58 e 59.

tregeitos descompostos de allucinado. Seria um causidico ou parlamentar extraordinario, se a farda e a batina não o arredassem da sua vocação pelas tortuosas veredas que levam á inutilidade e á desgraça.

José Maria Dias Guimarães

Veja *Seroens de S. Miguel de Seide*. Tomo 2.º

José Pereira Reis

Os necrologistas d'este distincto medico recentemente fallecido não citaram a sua obra litteraria de maior tomo. Foi a primorosa versão dos *Mysterios de Pariz* de Sue. É pasmoso o estudo que José Pereira Reis fez do calão indigena para trasladar litteralmente o *argot* da garotagem de Pariz.

Lobo Gavião

Foi capitão de engenheiros e poderoso pamphletario politico entre 1840 e 1848. Foi assassinado a tiro em uma quinta sua do Minho. Disse-se que o mandára assassinar o pai para acabar summariamente uma demanda de partilhas.

Pedro de Lima

Notabillissimo poeta. Morreu doido ha poucos annos.

Silva Abreu

Bibliothecario em Braga, traductor esmerado do poema *Elieser* de Florian, e author de varios poemêtos philintistas e prosas de honrada morigeração dos maus costumes de Braga e aldeias circumvisinhas. Almeida Garrett, seu companheiro de emigração, presava-o grandemente. Nas *Memorias de Garrett*, soberbo padrão er-

guido por Francisco Gomes de Amorim ao seu mestre e amigo, estão copiadas algumas cartas de Abreu para o coripheu da moderna renascença litteraria. José Gomes Monteiro, seu intimo amigo, pediu-lhe por carta que lhe emprestasse o rarissimo livro da *Tavola redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, preciosidade da bibliotheca bracarense. Silva Abreu empacotou reverentemente o livro, metteu-o na algibeira da quinzena, e partiu para o Porto, a pé, por não ter meios de transportar-se a cavallo, nem ousar fiar do correio aquella rica massada da *Tavola redonda*. Gomes Monteiro examinou o livro á pressa, á vista do bibliothecario, restituiu-lh'o, e Abreu voltou a pé á sua terra, a depôr na gaveta de segredo aquelle thesouro de semsaborias com a uncção religiosa de um vigario genuflexo que recolhe ao sacrario a hostia consagrada. Com que pavor atravessaria o bibliothecario a infamada Terra Negra — aquelle jardim de acclimatação perenne de ladrões, figurando-se-lhe cada moita de pinheiros murmurosos uma quadrilha de salteadores famintos de lêrem o Jorge Ferreira de Vasconcellos!

Silva Ferraz

Bacharel, poeta distincto, professor do Lyceu de Lisboa. Morreu doido.

Silva Rosa

Parece que o appellido lhe foi perennal inspiração. Sempre a cantar rosas, sempre em flôr quando a idade era já muito de fructos. Tinha uma pharmacia em S. João da Foz. A ultima vez que o vi, ha 12 annos, perguntei-lhe: «Sempre poeta, snr. Silva Rosa?» E elle, olhando-me suspeitoso por sobre os oculos de ouro, e com uma tristeza comica, respondeu: «Sempre poeta, não senhor; sempre boticario.»

Parece-me que Silva Rosa cantava as rosas em quanto ellas vicejavam no seu lyrico frescor; e, depois que seccavam, negociava-as nos collyrios e nos cosimentos peitoraes. Isto quereria o bardo exprimir na profundeza mysteriosa d'estes seus dizeres: «Sempre poeta, não; sempre boticario». Pretendia talvez enunciar que cantava as rosas como poeta, e as manipulava como pharmaceutico já por meio da cocção, já no almofariz. Da mesma rosa fazia um madrigal, um gargarejo, e um decocto ligeiramente purgativo. Muito bem. Era, portanto, um mixto de Anacreonte e Dioscorides; ou, mais lusitanamente, um mixto de Bernardim Ribeiro e Garcia da Orta. *Utile dulci.*

EPILOGO

Plaudite, cives!

EPILOGO

Não representam bem um epilogo estas singelas linhas com que fômos chamados a rematar a obra interessantissima e inspirada nos mais bellos sentimentos, em que vieram associar-se tres operarios das lettras: um que na carreira do bemfazer é experimentado caminheiro, outro que nas lettras conquistou ha muito a *cathedra* de mestre e outro que nas investigações archeologicas adquiriu com justos titulos o diploma de erudito.

Não é um epilogo, effectivamente. A obra dos tres escriptores, cujos nomes apparecem n'este livro, não termina aqui.

O que ahi fica é apenas o alicerce em que a caridade ha-de assentar, pedra a pedra, os elementos da obra monumental a que servem de cimento inquebrantavel os beneficios grandiosos, para cuja manutenção se trabalha.

Estas nossas palavras—singela saudação aos benemeritos authores das paginas d'este livro, humilde homenagem aos seus talentos—são... digamol-o com franqueza: o comêço do fim.

Oxalá o verdadeiro termo d'esta obra corôe triumphantemente a iniciativa dos que a emprehenderam.

Porto—1887.

Bento Carqueja.

TYPOGRAPHIA

DO

COMMERCIO DO PORTO

BINDING SECT. JUN 18 1968

PQ
9261
C3
O2

Castello Branco, Camillo
Obolo ás creanças

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 11 12 020 9